

Miguel Albino Sanchez de Almeida

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade:
perceção em Jovens Adultos



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade:

percepção em Jovens Adultos



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

Miguel Albino Sanchez de Almeida

Assinatura: _____

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade:

percepção em Jovens Adultos

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime, sob a orientação do Professor Doutor Freitas-Magalhães.

Agradecimentos

Este capítulo é dedicado a todos aqueles que me apoiaram e acompanharam neste percurso e que, direta ou indiretamente, tornaram possível a concretização desta dissertação, como o marco final de mais uma grande etapa da minha vida académica.

Em primeiro lugar, queria agradecer aos meus pais pelo apoio incondicional que me tem dado, seja emocional, seja financeiro, e que sempre acreditando nas minhas capacidades ajudaram-me a alcançar os meus objetivos. Nenhum agradecimento parece suficiente para reconhecer tudo o que fizeram por mim, por estarem sempre presentes em todos os momentos e por incentivarem-me sempre a enfrentar os meus medos e inseguranças e me mostrarem que são as dificuldades que nos tornam cada vez mais fortes. Sem vocês nada disto seria possível!

Ao meu irmão um especial agradecimento, pelo facto de ser a pessoa que é e por estar sempre perto de mim, apoiando-me e ajudando-me em tudo o que faça.

Queria agradecer também ao resto da minha família que, apesar de estarem longe, sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todas as decisões da minha vida.

Ao meu orientador da dissertação e supervisor de estágio, Professor Doutor Freitas-Magalhães, pelo apoio dado na concretização desta dissertação, pela competência, disponibilidade para esclarecer qualquer dúvida, pela experiência proporcionada, transmitindo-me os melhores e mais úteis ensinamentos para a minha vida académica.

Ao Professor Doutor José Soares Martins, pela disponibilidade, incentivo, partilha de conhecimento, atenção, acompanhamento e orientação que me dedicou ao longo deste ano letivo.

A todos os professores que passaram por mim ao longo destes cinco anos de estudo, desde o primeiro semestre do primeiro ano até ao último ano de mestrado, muito obrigado a todos por partilharem o vosso saber comigo.

Aos meus colegas de curso e amigos que me acompanharam e me apoiaram ao longo deste percurso, que tornaram esta etapa mais feliz e a encheram de momentos inesquecíveis.

Ao João Silva, pelo grande apoio dado na concretização desta dissertação no qual, apesar de tantos obstáculos, ajudou-me a crescer e a seguir em frente e a lutar pelos meus objetivos.

Por último, mas não menos importante, um enorme obrigado a todos aqueles que se disponibilizaram para participar nesta investigação, enriquecendo-me com a partilha das suas percepções sobre o mundo e tornando possível a realização deste trabalho. Permitiram-me adquirir novos conhecimentos, vivências e experiências acerca de uma realidade completamente diferente. Um especial agradecimento já que sem a vossa colaboração, não seria possível a concretização desta dissertação.

A todos o meu profundo agradecimento!

Índice

Resumo.....	X
Abstract	XI
Índice de Tabelas.....	XII
Índice de Figuras.....	XV
Índice das Siglas	XVI
Introdução.....	1

PARTE I - Enquadramento Teórico

Capítulo I - A Expressão Facial da Emoção.....	2
1.1. As Emoções Básicas	6
1.2. A Raiva/Cólera	10
1.3. As Micro e Macroexpressões e Expressões Subtis.....	11
Capítulo II - A Expressão Corporal da Emoção	13
2.1. A Cinésica	13
2.2. A Linguagem Corporal	15
Capítulo III - A Agressividade	19
3.1. Conceito	19
3.2. Teorias da Agressividade.....	23
3.3. Tipos da Agressividade.....	31

3.4. Factores da Agressividade	32
3.5. A Percepção - Conceito	37
3.6. Factores Preditores da Agressividade na Expressão Facial.....	39
3.7. Factores Preditores da Agressividade na Linguagem Corporal.....	42
Capítulo IV - Metodologia Quantitativa da Expressão Facial da Emoção	43
4.1. FACS (Facial Action Coding System)	43
4.2. FaceReader 7.1	45

PARTE II - Estudo Empírico

1. Objetivos do Estudo	47
2. Variáveis	47
3. Hipóteses	48
4. Metodologia	48
4.1. Caracterização da Amostra	48
4.2. Materiais e Procedimento.....	53
5. Análise e Discussão dos Resultados	55
6. Conclusão	110
Referências	114
Anexos	123

Resumo

O presente estudo pretende explorar a forma como as pessoas, nomeadamente, os jovens adultos percebem determinados indicadores inatos do comportamento não verbal, que são preditores do comportamento agressivo. Esta investigação pretende assim alargar o conhecimento relativamente a esta temática, dado que hoje em dia a literatura e a evidência empírica produzida é ainda, parca e diminuta. Pretende-se também adquirir conhecimentos e evidências sobre a realidade destes conceitos na sociedade e dessa forma, possibilitar uma melhor compreensão dos mesmos, resultando numa melhor prevenção da criminalidade e dos comportamentos desviantes. Os dados obtidos foram recolhidos através da técnica do questionário. Foram analisados 40 questionários de uma amostra constituída por 40 participantes, sendo todos estudantes universitários, no qual 22 são do sexo feminino e 18 do sexo masculino. As idades compreendidas rondam os 19 e os 35 anos.

Da análise realizada observou-se que os participantes obtiveram, de uma forma geral, resultados satisfatórios no que toca ao reconhecimento facial e corporal das emoções. Entendem os conceitos em análise, nomeadamente, a agressividade e a violência; sabem distinguir momentos neutros de situações agressivas como mais favoráveis a que se cometam atos violentos; previram cenários que iriam acontecer e conseguiram acertar nos seus palpites, com base na análise que fizeram dos perfis quer da face, quer das posturas corporais dos indivíduos.

Não foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres neste estudo, estando ambos em pé de igualdade na análise e percepção destes conceitos.

Em suma, os estudantes universitários desta amostra demonstram capacidades de análise e percepção de indicadores de expressão facial e de linguagem que podem ser considerados preditores da agressividade, criminalidade e dos comportamentos desviantes da sociedade.

Palavras-chave: indicadores de expressão facial; indicadores de linguagem corporal; emoção; agressividade; percepção.

Abstract

The current study aims to explore the way that people, namely, young adults perceive innate indicators of non-verbal behaviors, that are predictors of the aggressive behavior. This investigation intends to broaden the knowledge regarding this subject, given that until now, the literature and the empirical evidence produced is still, meager and diminutive. Furthermore, this research also aims to acquire knowledge and evidences about the reality of these concepts in society and in that way, unable a better understanding, resulting in a better, more efficient way to prevent criminality and the deviant behaviors. The data obtained were collected through the questionnaire technique. Forty questionnaires were analyzed from a sample of 40 participants, being all university students, of whom 22 were female and 18 were male. The ages are around 19 and 35 years.

From the analysis performed it was observed that the participants had, from a general point of view, satisfactory results in the facial and body recognition of emotions. They understand the concepts under analysis, namely, aggressiveness and violence; they know how to distinguish neutral moments from aggressive ones, in order to decide which of the moments is more likely to commit violent acts; they also predicted scenarios that would occur and did manage to get their guesses right, based on the analyses that they made from the profiles, whether from the face, whether from the body posture of the individuals.

There hasn't been found any differences between men and women on this research, in which both are on the same level of analysis and perception of these concepts.

In short, the university students of this sample have shown abilities of analysis and perception of the indicators of facial and body language expression that may be considered as predictors of aggressiveness, crime and the deviant behaviors of society.

Keywords: Facial expression indicators; body language indicators; emotion; aggressiveness; perception.

Índice de Tabelas

Tabela 1. Sexo	48
Tabela 2. Idade	49
Tabela 3. Estado Civil	50
Tabela 4. Ocupação Profissional	50
Tabela 5. Habilitações	50
Tabela 6. Distrito de Residência	51
Tabela 7. Nacionalidade	52
Tabela 8. O que entendes por Agressividade?	55
Tabela 9. Consideras a Agressividade má?	57
Tabela 10. Sabes distinguir Agressividade de Violência	57
Tabela 11. Se sim, e tendo já definido o que era Agressividade, o que é para ti a Violência?.....	58
Tabela 12. Consideras que existe Agressividade na Sociedade?	59
Tabela 13. Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas ?	60
Tabela 14. Consideras-te como uma pessoa agressiva?	60
Tabela 15. Costumas ter atitudes agressivas para com os outros ?	61
Tabela 16. Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas ?	62
Tabela 17. Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros ?	62
Tabela 18. Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer?	63

Tabela 19. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?	64
Tabela 20. Qual destas imagens é agressiva?	65
Tabela 21. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?	66
Tabela 22. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?	67
Tabela 23. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato agressivo?	69
Tabela 24. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 1	70
Tabela 25. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 1	72
Tabela 26. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 1	73
Tabela 27. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 2	74
Tabela 28. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 2	75
Tabela 29. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 2	76
Tabela 30. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 3	78
Tabela 31. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 3	79
Tabela 32. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 3	80
Tabela 33. O que entendes por Agressividade? - análise descritiva	82
Tabela 34. Consideras a Agressividade má? - análise descritiva	82
Tabela 35. Sabes distinguir Agressividade de Violência - análise descritiva	83
Tabela 36. Se sim, e tendo já definido o que era Agressividade, o que é para ti a Violência? - análise descritiva	84
Tabela 37. Consideras que existe Agressividade na Sociedade? - análise descritiva	84

Tabela 38. Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas ? - análise descritiva.....	85
Tabela 39. Consideras-te como uma pessoa agressiva? - análise descritiva	86
Tabela 40. Costumas ter atitudes agressivas para com os outros ? - análise descritiva	86
Tabela 41. Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas ? - análise descritiva	87
Tabela 42. Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros ? - análise descritiva	88
Tabela 43. Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer? - análise descritiva	88
Tabela 44. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer? - análise descritiva	89
Tabela 45. Qual destas imagens é agressiva? - análise descritiva	90
Tabela 46. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva? - análise descritiva	91
Tabela 47. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva? - análise descritiva	91
Tabela 48. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato agressivo? - análise descritiva	92
Tabela 49. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 1 - análise descritiva	93
Tabela 50. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 1 - análise descritiva	94
Tabela 51. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 1 - análise descritiva	95
Tabela 52. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 2 - análise descritiva	96
Tabela 53. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 2 - análise descritiva	97

Tabela 54. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 2 - análise descritiva	98
Tabela 55. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 3 - análise descritiva	99
Tabela 56. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 3 - análise descritiva	100
Tabela 57. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 3 - análise descritiva	101
Tabela A. Valores esperados e Valores obtidos da pergunta 7.1 - Qui-Quadrado.....	102
Tabela B. Resultados do Teste do Qui-Quadrado obtidos da pergunta 7.1	103
Tabela C. Resultados do Lambda obtidos da pergunta 7.1 - Qui-Quadrado	103
Tabela D. Valores esperados e Valores obtidos da pergunta 3 do vídeo 1 - Qui-Quadrado..	104
Tabela E. Resultados do Teste do Qui-Quadrado obtidos da pergunta 3 do vídeo 1	104
Tabela F. Resultados do Lambda obtidos da pergunta 3 do vídeo 1 - Qui-Quadrado	105
Tabela G. Valores esperados e Valores obtidos da pergunta 2 do vídeo 2 - Qui-Quadrado..	106
Tabela H. Resultados do Teste do Qui-Quadrado obtidos da pergunta 2 do vídeo 2	106
Tabela I. Resultados do Lambda obtidos da pergunta 2 do vídeo 2 - Qui-Quadrado	107

Índice de Figuras

Figura 1. Idade	49
Figura 2. Distrito de Residência	51
Figura 3. Nacionalidade	52
Figura 4. O que entendes por Agressividade?	56
Figura 5. Se sim, e tendo já definido o que era Agressividade, o que é para ti a Violência?..	58

Figura 6. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?	64
Figura 7. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?	66
Figura 8. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?	68
Figura 9. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato agressivo?	69
Figura 10. Se acontecesse contigo o que farias?	80

Índice de Siglas

FACS - Facial Acting Coding System

AU - Action Unit

MEET - Micro Expression Training Tool

SEET - Subtle Expression Training Tool

OMS - Organização Mundial de Saúde

APA - Associação de Psiquiatria Americana

DSM IV - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais

CBCL - Childhood Behavioral Checklist

F-MBEFR7 - F-M Basic Emotions FaceReader 7.1

FEELab - Laboratório de Expressão Facial da Emoção

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences (Pacote Estatístico Para as Ciências Sociais)

FCP - Futebol Clube do Porto

SLB - Sport Lisboa e Benfica

Introdução

A agressividade é um construto psicológico que sempre esteve associado ao homem desde os tempos remotos. Está diretamente ligado às suas emoções, sentimentos e sensações. É despoletada sempre em situações quando há risco para a segurança da pessoa e o resultado posterior é a manifestação de emoções negativas como cólera ou desprezo que ficam sinalizadas na face e no corpo, desencadeando respostas aos estímulos apresentados, designado-se por comportamento não verbal. O objetivo do estudo a ser realizado é perceber a forma como as pessoas, nomeadamente, os jovens adultos percebem determinados indicadores da expressão facial e do comportamento não verbal, linguagem corporal, que são preditores do comportamento agressivo.

Considera-se que seja um tema interessante e relevante para a investigação científica por ainda não ter havido muita investigação nesta área e dá um contributo para perceber melhor a forma como a sociedade vê e antecipa a criminalidade, não somente pelas questões relacionadas com o comportamento verbal, mas também com o acesso e interpretação dos indicadores dados pelo comportamento não verbal, comportamento este que é difícil de estudar.

Para a realização deste estudo será necessário proceder à análise de imagens e vídeos de indivíduos em momentos de agressividade para com terceiros. A escolha da amostra teve por base imagens disponíveis na internet onde comportamentos pré-agressivos e agressivos fossem exibidos.

Com esta investigação pretende-se perceber se existe ou não uma associação entre a agressividade e os marcadores faciais e corporais que permita antecipar o comportamento agressivo por parte dos indivíduos.

A realização deste estudo implica a análise de fotografias e vídeos de um grupo de indivíduos, em momentos de exibição de agressividade, usando para isso instrumentos de avaliação: o Facial Action Coding System (FACS) e o FaceReader 7.1.

Esta dissertação de mestrado é composta por duas partes. Uma primeira está associada ao enquadramento teórico, enquanto que a segunda parte diz respeito ao estudo empírico. Em

maior detalhe, a parte I está dividida em quatro capítulos, nos quais se vai falar sobre a expressão facial da emoção e a expressão corporal da emoção e as suas constituintes; a agressividade e as suas constituintes; e sobre a metodologia quantitativa de análise à expressão facial da emoção que este estudo irá necessitar, nomeadamente, do Facial Action Coding System e do programa informático, o FaceReader 7.1. A parte II desta investigação como se referiu anteriormente, está associada ao estudo empírico propriamente dito, no qual se falará de todas as etapas do processo de investigação.

PARTE I - Enquadramento Teórico

Capítulo I - A Expressão Facial da Emoção

Hoje em dia, em termos de socialização, a comunicação entre pessoas faz-se através da partilha de mensagens, ideias, sentimentos, emoções e afetos, podendo influenciar o comportamento das mesmas que, por conseguinte, reagirão a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura (Stefanelli, 1993). A mesma pode ser feita por via verbal e/ou não-verbal. A comunicação verbal segundo Silva (1989, citado por Silva, Brasil, Guimarães, Savonitti, & Silva, 2000), exterioriza a variante social, no qual corresponde a todas as formas que as pessoas usam para se comunicarem, usando para isso as palavras, frases, os sons, a entoação, etc, como mecanismos para o efeito, já o não-verbal exterioriza a variante psicológica, estando relacionada com a evidência dos sentimentos, afetos e emoções.

Cada vez mais a comunicação não verbal tem se tornado um objeto de estudo e o conceito tem se tornado mais familiarizado ao longo dos tempos. Davis (1979) considera que todas as pessoas inconscientemente a usam e englobe todas as formas de comportamento que não são movidas pelas palavras, como por exemplo o gesto, a expressão facial, a postura corporal, a relação distância-indivíduo e o autor ainda menciona a organização dos objetos no espaço, como uma das formas de comportamento não verbal (Davis, 1979).

Knapp (1980) classifica a comunicação não verbal em 6 variantes. Segundo este autor, temos a paralinguagem, que aborda as diferentes fases que a voz pode ter, e por conseguinte as suas modalidades; a proxémica, que na opinião do mesmo está associada com a utilização e gestão do espaço; a tacésica que está associada com a linguagem do toque e de tudo aquilo que engloba os sentidos; as características físicas, que segundo o autor, abordam a forma e a aparência que o corpo pode apresentar; as circunstâncias do meio ambiente, no qual faz parte a organização dos objetos no espaço; e, por último, a cinésica, que considera que se trata da linguagem do corpo e dos significados que o seu estudo pode trazer para a interpretação não verbal do comportamento.

A comunicação não verbal é muito usada na socialização e muitas das vezes manifesta-se sob a forma de emoções e sentimentos. Freitas-Magalhães (2013) afirma que a emoção pode ser caracterizada como uma resposta corporal produzida de uma forma rápida, automática, intensa, consciente ou inconsciente a um impulso neuronal, promovendo dessa forma uma ação do corpo, desencadeando expressões faciais. “*The face is the most visible part of the body*” (Freitas-Magalhães, 2011, p. 4). A expressão facial é na opinião do autor uma forma de comunicação, no qual os indivíduos utilizam para exibir e demonstrar os afetos e sentimentos, já que “*The face is capable of expressing over 10 thousand different emotions*” (Freitas-Magalhães, 2013, p. 19).

O mesmo autor salvaguarda que o estudo da expressão facial da emoção possa levantar dúvidas, por desconhecimento, a expressão facial da emoção não pode ser ignorada enquanto meio de comunicar experiências emocionais, a intensidade e a subjetividade com que cada indivíduo as vive (Freitas-Magalhães, 2013). “*A face é a parte do corpo que mais se mostra durante a vida*” (Freitas-Magalhães, 2013, p. 29) e por isso, tem mais implicações profundas no desenvolvimento da comunicação e do psicossocial de cada pessoa. No entanto, e como defende o autor, todos os indivíduos podem se socorrer de mecanismos de dissimulação e/ou inibição aquando da manifestação facial da emoção, através da expressão facial (Freitas-Magalhães, 2013).

Na opinião de Santos (2003, citado por Cunha, 2011), a face traz imensas possibilidades, desde o reconhecimento facial ao longo do ciclo vital, nomeadamente, ser possível distinguir se a pessoa é nova ou mais velha, separar o sexo, diferenciando se determinada pessoa é um homem ou uma mulher. Tem ainda a capacidade de mostrar em termos afetivos, sentimentais

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos e emocionais se a pessoa é feliz ou triste, e ainda saber a reação que a pessoa tem à cerca da presença do observador e da sua relação, se é bem acolhida ou não.

A análise da expressão facial utiliza um conjunto de critérios rigoroso. De acordo com o autor, “*As AUs são analisadas tendo em conta a frequência, a intensidade (baixa, moderada e extrema) e a simetria/assimetria*” (Freitas-Magalhães, 2013, p. 64).

Como foi mencionado anteriormente, um dos benefícios do estudo da face humana é a capacidade do observador perceber a realidade (Matsumoto, 2001). Segundo o autor, as experiências, suposições, expectativas e culturas que cada pessoa conhece, pratica ou acredita influenciam a forma como as pessoas percebem os acontecimentos, criando esquemas que organizam e interpretam informações vindas do exterior e com as quais sejam desconhecidas (Matsumoto, 2001). O autor ainda refere que as capacidades mentais inatas influenciam o modo como as pessoas interpretam, codificam e analisam sensações ambíguas, como é o caso de haver uma face com duas emoções distintas. Neste caso, o mesmo refere que o observador pode optar por prestar melhor atenção a uma emoção do que noutra.

Apesar de hoje em dia haver maior destaque no estudo das emoções e expressões faciais, e a sua percepção diferir de cultura para cultura, há emoções que segundo Ekman (2003) são básicas, ou seja, são reconhecidas universalmente.

Freitas-Magalhães (2013) e Ekman (2003) consideram que existem 7 emoções básicas e universais: alegria, aversão, cólera, desprezo, medo, surpresa e tristeza.

De forma sucinta, de acordo com Freitas Magalhães (2013), a alegria está associada a sensações positivas, enquanto que a aversão está ligada à sensação de repulsa, nojo e repugnância. A cólera é a emoção mais negativa das 7 universais que está associada a sentimentos e sensações de irritação ou ira que leva a reacções fisiológicas agressivas, muitas das vezes associada com a agressividade ou até mesmo a violência. O desprezo está associado ao “poder e ao estatuto”, podendo ser incluído nas emoções negativas. É a emoção mais subtil e inteligente porque revela componentes cognitivas de avaliação e julgamento. O medo é a emoção mais primitiva do ser humano, uma vez que revela a condição interna do indivíduo quando este se sente numa posição de perigo e/ou ameaçado. Por fim, a surpresa é a mais básica das emoções porque só é desencadeada apenas e exclusivamente quando a pessoa é surpreendida. Normalmente, após a demonstração desta emoção, seguem-se outras emoções

que derivam da situação que lhe deu origem, muitas das vezes surge a alegria, outras o medo ou a raiva/cólera (Freitas-Magalhães, 2013). As emoções desencadeiam algumas funções no corpo. Segundo Freitas-Magalhães (2011), as mesmas preparam-nos para a ação, como é o caso do medo, no qual prepara o corpo para a fuga; promovem a aprendizagem e outras competências, no qual vai provocar no sujeito uma melhor sensibilidade emocional para lidar com problemas futuros; e a regulação da interação com o meio, para que a comunicação social se faça facilmente e ajuda à compreensão de determinados mecanismos de defesa (Freitas-Magalhães, 2011).

No que diz respeito ao género, Williams e Mattingley (2006) consideram que os homens reconhecem melhor as faces no qual estão evidenciadas a emoção cólera, enquanto que as mulheres reconhecem com maior facilidade expressões como a alegria, surpresa, aversão e tristeza.

Springer e Deutsch (2008) também afirmam que as mulheres obtém melhores resultados do que os homens, neste caso, em habilidades no qual requerem o uso da linguagem como fluência verbal, velocidade de articulação e gramática, bem como velocidade perceptiva, habilidade manual e cálculo aritmético. Contudo, estes autores salvaguardam que os homens tem melhores desempenhos na área da matemática, nomeadamente, em tarefas que recorrem à abstração espacial, solução de labirintos, montagens de figuras, rotação mental e habilidade mecânica.

As expressões faciais representam um papel importante na comunicação, em particular no sentido de transmitir os estados emocionais, sendo uma forma de comunicação mais rápida e eficaz. O seu reconhecimento está, em grande parte, incluído no conceito do processamento da informação social, uma vez que se entende como uma panóplia de indicadores presentes nas mais diversas situações sociais (Batty & Taylor, 2003). Segundo os autores, ter a capacidade de manter interações sociais satisfatórias implica a existência de uma identificação rápida e precisa do estado emocional da outra pessoa, daí que o estudo das expressões faciais seja um importante tema de investigação e que traz consigo vantagens para entender a forma como as pessoas se comunicam entre si (Bolorizadeh & Tojari, 2013).

1.1. As Emoções Básicas

Como foi referido anteriormente, as emoções básicas são 7, de acordo com Freitas-Magalhães (2013) e Ekman (2003). Em pormenor vai ser analisado a alegria, a aversão, a cólera, o desprezo, o medo, a surpresa e a tristeza.

Das 7 emoções universais, a alegria é a mais positiva e tem uma forte influência em termos cerebrais, ao mesmo tempo que vai diminuir ou até mesmo inibir pensamentos negativos e/ou desagradáveis durante o tempo em que está em vigor no corpo e na mente. O facto desta emoção trazer harmonia, paz e tranquilidade, faz com que o corpo possa melhorar e adaptar-se de situações indesejáveis que teve antes, no qual experimentou outro tipo de emoções, sendo essas negativas. Segundo o autor, a emoção alegria é a base da felicidade e está profundamente interligada com sentimentos positivos, como é o caso do bem-estar, não só na pessoa mas também na relação que esta tem com outros. A mesma desencadeia ótimas sensações e vibrações nos indivíduos que a experimentam e dessa forma os convívios que se estabelecem são pacíficos e harmoniosos (Freitas-Magalhães, 2011). A alegria, tem a possibilidade de produzir de forma rápida e eficaz o pensamento e outras funções cognitivas, ao contrário da tristeza, que pelas suas características, o faz de forma mais lenta. A alegria é proliferada no corpo através da libertação de hormonas como a dopamina e a noradrenalina, que sendo estimulativas, irão promover energia e boa disposição na pessoa. Na opinião do autor, a emoção alegria sendo por natureza positiva fica visível na face através do franzimento da glabella; há uma elevação acentuada nas sobrancelhas e nas pálpebras superiores e inferiores; desencadeia-se também a dilatação e o semi-cerramento dos olhos e as têmporas tendem a contrair-se. No que toca à raiz do nariz, dá-se o encorrilhamento e a elevação da mesma; ocorre também a elevação das narinas; e dá-se a contração das bochechas para cima e para trás. Relativamente à zona da boca, os cantos dos lábios tendem a alargar-se e a subir, esticando-se um para cada lado, já o queixo tem tendência a esticar-se (Freitas-Magalhães, 2011).

A repulsa, o nojo e a repugnância são algumas das características que normalmente estão associadas à emoção aversão. É uma emoção negativa uma vez que o que desencadeia no corpo é uma reação hostil de apreciação por aquilo que determinada pessoa vê, cheira ou sente. Esta emoção ao ser evidenciada na face faz com que o lábio superior retrocede para o

lado, verifica-se também o enrugamento da raiz do nariz. A aversão sendo uma emoção negativa pode ser alternada e confundida com cólera se a pessoa ficar com repulsa por se sentir assim e é também possível que uma pessoa que demonstre aversão possa não sentir repúdio com outra pessoa (Freitas-Magalhães, 2011).

De seguida apresenta-se a emoção cólera, também conhecida por raiva. Esta emoção apresenta na sua génese algumas características tais com a revolta, a hostilidade, a irritabilidade, o ressentimento, a indignação, o ódio e a violência. De todas as emoções universais é a que apresenta maior relação com a violência e os descontrolos emocionais. Em primeiro lugar, a cólera quando gerada apresenta-se no corpo não pela libertação de hormonas mas sim pela acumulação de massa sanguínea exagerada direccionada para as mãos. Posteriormente desencadeia-se o processo hormonal, no qual há a manifestação de sentimentos negativos e hostis (em alguns casos) e conseqüentemente há o aceleração da atividade cardíaca tendo por pressuposto uma conduta firme e vigorosa, pronta para entrar em disputa, se necessário (Freitas-Magalhães, 2011). Na opinião do autor, a cólera pode apresentar vários graus, indo de frustração leve até raiva severa. Sempre que há alguém que tenha o intuito de magoar física ou psicologicamente, insultar, denegrir a imagem de outro, é provável que desencadeie emoções de cólera e medo. Esta emoção instantaneamente provoca reacções físicas de stress, no qual acumula energia de forma exagerada, sendo necessário a sua libertação à posteriori. No corpo, as hormonas estimuladas e libertadas na corrente sanguínea são a adrenalina e a noradrenalina, no qual irão fazer subir a pressão arterial, aumentar os batimentos cardíacos, a respiração torna-se mais ofegante e os músculos tendem a contrair-se (Freitas-Magalhães, 2011).

No que diz respeito ao desprezo, esta emoção é negativa e está normalmente associada ao poder/superioridade e ao estatuto, seja social, seja económico. Esta emoção varia em força e intensidade, indo em conta com outras emoções e sentimentos da mesma ordem. Contudo, em termos de intensidade, o desprezo não é supremo, é subtil, uma vez que os movimentos faciais são desencadeados de forma inteligente, pontual e organizada. O autor na sua obra compara as emoções aversão com o desprezo afirmando que em termos de sensações, a aversão é muito mais intensa do que o desprezo. A aversão é muitas das vezes usada para controlar a outra pessoa, causar indiferença ou julgar de forma crítica a mesma. Esta emoção fica salientada no rosto quando o queixo for elevado, quando se produz uma ligeira elevação de uma parte do

canto da boca e quando se promove uma ligeira contração das pálpebras (Freitas-Magalhães, 2011).

Relativamente ao medo, é uma emoção também negativa e as características mais associadas são a ansiedade/preocupação, o susto, o horror e o terror. Se for combinado todos estes componentes, temos uma aplicação eficaz desta emoção. A mesma, quando presente, desvia e concentra todo o fluxo sanguíneo para as pernas, e como consequência, o rosto tende a ficar pálido. Ao mesmo tempo também se desencadeia a instantânea imobilização, estando nesse momento todos os mecanismos de defesa do corpo ativados e prontos a agir no possível cenário ameaçador que se avizinha, sendo esta uma das emoções mais antigas produzidas pelo ser humano, desde os tempos primórdios. Freitas-Magalhães (2011) considera que o medo, sendo uma emoção inata e primitiva, é uma condição interna do indivíduo que, ao aperceber-se de que há uma probabilidade de ocorrência de perigo, ou que há algo desagradável a ocorrer, pode sentir medo. O autor considera que, nas situações em que o elemento perigo esteja presente, pode ser extremamente breve ou não, conforme. A intensidade desta emoção vai depender se a ameaça que existe é imediata ou está pendente. O medo sendo uma emoção primitiva serve como uma defesa, pois obriga a pessoa a reagir, ajudando-a a enfrentar os perigos, mesmo que não queira. Em termos de hormonas segregadas pelo corpo temos a adrenalina, no qual irá fazer com que o coração bata com maior frequência, aumentando dessa forma o nível de açúcar no sangue e há também a dilatação das pupilas. Adicionalmente as pálpebras superiores tendem a subir e as inferiores contraem-se. Por fim é visível na face o queixo a descair-se e os lábios tendem a afastar-se na direção das orelhas (Freitas-Magalhães, 2011).

Já no que concerne à surpresa, é uma emoção em que, dependendo daquilo que pode estar a acontecer, pode ser positiva ou negativa. Alguns dos sentimentos associados são a estupefação/perplexidade, o espanto e o sobressalto. Mesmo sendo numa perspetiva negativa, se estes sentimentos estiverem associados, temos a emoção surpresa gerada de forma genuína. Esta emoção quando fica delineada na face as sobrancelhas erguem-se de forma acentuada, a boca pode abrir e as pupilas dos olhos dilatam, para aumentar a incidência de luz. O objetivo desta emoção é tentar dar a entender ao indivíduo aquilo que de facto está a acontecer e dar um parecer, seja positivo ou negativo. De todas as 7 emoções universais a surpresa é a mais breve, durando apenas alguns segundos. Para que uma pessoa possa ficar surpreendida, o acontecimento tem de ocorrer subitamente e tem de estar desprevenida, caso contrário pode se

estar a representar uma emoção que não é produzida de forma genuína (Freitas-Magalhães, 2011).

Por fim, temos a tristeza e é também considerada uma emoção negativa, sendo completamente oposta da primeira emoção descrita, a alegria, no qual os sentimentos normalmente gerados são o sofrimento, a dor, o desespero e a solidão. Uma pessoa se apresentar todos estes sentimentos, estará numa fase de profunda tristeza. Esta emoção, por natureza, desencadeia défices elevados nos mecanismos que o organismo tem para promover o entusiasmo, seja para conviver e para se divertir, seja para a manifestação de atividades de prazer, no qual todas essas são automaticamente garantidas e promovidas pela emoção alegria. Muitas das vezes quando a pessoa está triste por muito tempo pode desenvolver patologias como por exemplo a depressão. Esta emoção provoca desespero, desilusão e culpa. Quando alguém se sente triste significa que a experiência vivida significou muito para a pessoa e trouxe consequências negativas. Experimentar momentos de tristeza permite à pessoa reconstruir os seus meios e conservar energia para experiências posteriores. Para se evidenciar a tristeza no corpo é necessário mudanças hormonais, entre os quais a noradrenalina, dopamina e serotonina que serão produzidas em quantidades mínimas, provocando transtornos de sono, perdas de apetite, esgotamento perante pessoas e atividades. Em termos fisiológicos, esta emoção na face fica evidenciada pela contração da glabella, as sobrancelhas descem, as pálpebras inferiores contraem-se. As narinas contraem-se para baixo, as bochechas descem ligeiramente e o queixo tende a cair (Freitas-Magalhães, 2011).

A rápida e eficiente deteção e compreensão das emoções na face do indivíduo permitem uma melhor percepção das mesmas e dessa forma promovem uma melhor interação social. No caso em particular da agressividade, as emoções associadas à sua demonstração são a cólera, o medo, o desprezo e a aversão (Sweeny, Suzuki, Grabowecy, & Paller, 2013).

No que diz respeito à agressividade, a cólera é uma das emoções que mais se manifesta. Freitas-Magalhães (2013) considera que a cólera pode ser usada como uma defesa, um substituto ou a resolução de algum tipo de angústia. Segundo o mesmo autor, as causas que podem estar associadas à cólera são a influência de terceiros no alcance dos objetivos, a ira contra algo, alguém ou até contra as próprias pessoas, a desilusão perante a atitude de terceiros e determinadas ações ou crenças que as pessoas normalmente consideram como ofensivos.

1.2. A Raiva / Cólera

Ekman (2003) refere que em conflitos, a raiva e o medo são reações que se estabelecem, desencadeando sinais físicos. Na opinião do autor, se alguém ferir psicologicamente, insultar, denegrir a aparência ou desempenho de outro, isso também pode suscitar emoções desse tipo.

Segundo a perspectiva de Ekman (2003) sobre os comprometimentos que estas emoções negativas provocam em termos psicológicos, refere que o desapontamento em relação ao comportamento de uma pessoa também pode deixar furiosa a outra pessoa, especialmente quando diz respeito a alguém com o qual se tem uma intimidade próxima. Refere que neste envolvimento pode parecer estranho uma pessoa estar zangada com a pessoa que gosta mas afirma que são essas mesmas pessoas que irão magoar e por conseguinte desapontar outros. Em termos de relacionamentos afetivos o autor refere que as pessoas normalmente fazem fantasias e criam muitas expectativas em relação às outras pessoas e dessa forma ficam furiosas quando algo falha, quando algo não corresponde da mesma forma às expectativas que uma das partes fez (Ekman, 2003).

Na opinião do mesmo autor, as pessoas tem a tendência a demonstrar sentimentos de raiva contra uma pessoa próxima do que com uma estranha. Ekman (2003) refere que outra razão pela qual uma pessoa possa sentir mais raiva ou ter sentimentos mais negativos por quem mais se preocupa é pela razão de que essas são as pessoas que conhecem intimamente a pessoa, conhecem os seus medos e fraquezas, e sabem, portanto, como pode ferir a pessoa se assim o desejarem (Ekman, 2003).

Ekman (2003) também refere que a emoção raiva integra diversas variantes. Na sua construção há uma panóplia de sentimentos desde o aborrecimento leve até à fúria, emoção mais extremista, na opinião do mesmo. Ele considera a raiva farisaica e a raiva passiva, como exemplos. Explica que a indignação que se tem relativamente a outra pessoa é a raiva farisaica, já o mau humor, muitas das vezes disfarçado pelo sarcasmo é a raiva passiva (Ekman, 2003).

Em termos de aversão duradoura, o rancor é o mais intenso. Normalmente as pessoas não sentem raiva contínua em relação à pessoa odiada, contudo, quando se encontram ou ouve-se falar da mesma, estas emoções e sentimentos negativos podem voltar a aparecer e em certas

circunstâncias serem potenciados. Outras emoções e sentimentos negativos que as pessoas podem ter nestas situações é a repugnância e o desprezo. Ekman (2003) nos seus estudos também distingue o ódio do ressentimento em que refere que o primeiro é, em geral, mais duradouro e concentrado comparativamente ao segundo, o ressentimento, que está associado a um descontentamento de ordem específica (Ekman, 2003).

O mesmo autor refere que habitualmente a raiva/cólera grande parte das vezes está associada com outros sentimentos. Na perspectiva de Ekman (2003), emoções negativas como o medo precedem a raiva; o medo do dano a si ou nos outros, de perder o controle, de infligir dano a outros. Em ocasiões, algumas pessoas apresentam aversão e raiva, sentindo repulsa e ódio do alvo que atacam. Também refere que algumas pessoas sentem culpa ou vergonha de sentir estas emoções depois de cometerem atos violentos (Ekman, 2003).

1.3. As Micro e Macroexpressões e Expressões Subtis

“A análise da expressão facial da emoção, espontânea ou intencional, incide na amplitude, na assimetria, na duração, no onset, no offset, na intensidade e nos movimentos da cabeça” (Freitas-Magalhães, 2013, p. 37).

As micro-expressões ocorrem quando o indivíduo está a ocultar ou reprimir o que sente. As macro, por outro lado, são tipos de expressões faciais que são constatáveis no dia-a-dia e por tempos de duração maiores. Também existem as expressões subtis, que estão associadas com a intensidade da emoção e ocorrem apenas quando o indivíduo está a iniciar o processo de sensação da emoção (Freitas-Magalhães, 2012).

As micro-expressões dada à sua natureza não são detetadas imediatamente pelos indivíduos. Em termos de duração, apresentam-se e desaparecem da face em menos de 0,5 segundos e frequentemente em 1/5 ou em 1/15 de segundo. Já as macro-expressões revelam-se por mais tempo, durando 1/2 a 4 segundos e ocorrem num processo normal de exibição das emoções (Freitas-Magalhães, 2012).

O autor frisa que quando se trata de identificar e reconhecer expressões faciais, no que toca às micro, o indivíduo é exigido que verifique uma expressão repleta de emoção visivelmente

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos na face num curto período de tempo (1/2 ou menos). Já quando se trata de expressões subtis, o participante está a identificar a emoção que o interlocutor exhibe e as variações subtis da expressão (Freitas-Magalhães, 2013).

Segundo Freitas-Magalhães (2013) e Ekman (2003), para que uma emoção se apresente na plenitude na face são apenas precisos dois segundos. Há outros casos que requerem algumas exceções, por exemplo, pode haver expressões que duram meio segundo, outras mais tempo, até quatro segundos. Na opinião dos autores, em geral, a duração de uma expressão relaciona-se inteiramente à sua força. Normalmente considera-se que uma expressão se for feita de forma duradoura, significa que tem um sentimento mais intenso do que uma mais curta (Ekman, 2003).

“Em termos de intensidade, as macro-expressões são tidas em conta como sendo moderadas e fortes, correspondendo aos códigos C a E no Facial Action Coding System (FACS). Já no que toca às micro-expressões, estas são de baixa intensidade, correspondendo aos códigos A e B no FACS” (Freitas-Magalhães, 2013, p. 147).

Para além do FACS, existem outras técnicas usadas em laboratório e que dão contributo para a análise e interpretação da expressão facial da emoção, por exemplo, o FaceReader7.1, o Psy7Faces, o Micro Expression Training Tool (METT), o Subtle Expression Training Tool (SETT), o SubX, entre outros (Freitas-Magalhães, 2013).

Capítulo II - A Expressão Corporal da Emoção

2.1. A Cinésica

Outro tipo de comportamento não verbal é a linguagem corporal no qual a Cinésica, ou seja, o estudo da mesma dedica-se a analisar e a decodificar as mensagens que são normalmente tidas em conta em contextos profissionais e/ou pessoais (Birdwhistell, 1985). Para entender melhor este conceito e os seus pressupostos, o autor explica que neste tipo de comunicação existe o contexto, no qual vai dar significado ao movimento e à expressão corporal da pessoa. Depois considera que há uma padronização das posturas corporais em vigor nas culturas, no qual quer os movimentos, quer as expressões faciais fazem parte. Acrescenta também que o comportamento e estilo de vida de cada membro de um grupo/comunidade é persuadido pela sua própria atividade corporal e fonética e finalmente, refere que cada comportamento têm significado culturalmente reconhecido e validado (Birdwhistell, 1985).

Davis (1979) refere que em cada cultura os gestos podem ser compreendidos de diferentes maneiras. Na opinião do autor, o sorriso é o único gesto que é entendido e usado por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Contudo, o autor frisa que apesar de considerar esse gesto como universal, não pode ser entendido como uma expressão invariável de prazer ou alegria, uma vez que o seu significado varia culturalmente.

O corpo pode gerar muita informação, normalmente oculta de nós próprios para aqueles com os quais interagimos, através do comportamento não verbal. O nosso corpo é um comando de operações contendo muita informação armazenada que, segundo Gaiarsa (1995, citado por Silva, Brasil, Guimarães, Savonitti, & Silva, 2000), tudo aquilo que de menos se conhece, é a principal forma de comunicação. Também sugere que se uma pessoa estiver atenta, pode conseguir identificar na outra pessoa aquilo que a mesma está escondendo. Dessa forma, pode-se encontrar informação oculta nos gestos corporais, nos tons de voz, nas expressões faciais, quando não for dito e evidenciado nas palavras ou nas conversações.

Ekman (1973) refere que, no que toca à mentira e ao enganar emoções, é possível fingir sentimentos, sejam eles alegres, tristes ou até mesmo de cariz agressivo. Contudo, o ser humano ainda tem a dificuldade de controlar quando as expressões aparecem instantaneamente de um momento para o outro, mantê-las e/ou escondê-las, se necessário.

Na opinião de Birdwhistell (1985), na maior parte das vezes o não-verbal modifica o significado daquilo que é dito de forma verbal, ou seja, o autor acredita que a mensagem verbal muitas das vezes é contraditória ao que é expresso por aquilo que se diz por via não-verbal.

Silva (1996), considera que com o devido treino é possível controlar e por conseguinte manipular as emoções consoante os objetivos que as pessoas tem. Refere também que no contexto de trabalho é importante que os empregadores tenham a capacidade de analisar e interpretar o comportamento não verbal do indivíduo, quando muitas das vezes negam o seu verbal.

Com o intuito de obter mais informação sobre descodificação de imagens faciais, foram feitos alguns estudos no qual demonstraram que os indivíduos tendem a usar o rosto para identificar os estados emocionais dos outros (Jellema & Pecchinenda, 2005). Os autores verificaram que o comportamento não-verbal no contexto da mentira corrobora a associação entre os indicadores faciais e o estado emocional.

Apesar das emoções serem manifestadas tanto na face como no corpo, os investigadores tendem a focar a sua análise para os indicadores faciais, e por conseguinte as micro e macro expressões em detrimento dos sinais apresentados pelo corpo, quando estão a avaliar a forma como alguém se sente (Ekman, 2001). Segundo o autor, a análise e interpretação de muitos indicadores do comportamento não verbal é feita com melhor rigor usando a face do que no corpo, ao descodificar o estado emocional de um indivíduo (Ekman, 2001).

Contudo, o autor defende que a linguagem corporal, no contexto comunicativo, pode dar um contributo extra quando a análise que é feita na face se torna ambígua no que toca à previsão do comportamento a ser executado a seguir. Nestes casos, os investigadores, a partir dos dados obtidos pelo reconhecimento facial, podem posteriormente analisar a configuração do corpo da pessoa e interpretar os seus sinais, de forma a predizer o comportamento que a pessoa irá tomar a seguir (Ekman, 2001).

Pausch e Zaslow (2008) referem que, através de análises cinemáticas de atletas, é possível traçar uma associação entre a configuração corporal e a percepção da intenção de movimento. Na opinião dos mesmos, o sucesso em muitos desportos depende da capacidade de prever com precisão os movimentos futuros de um adversário. Os treinadores costumam dizer aos jogadores: " *Onde o seu umbigo vai, o seu corpo vai* " (Pausch & Zaslow, 2008, p. 39), ou seja, os jogadores devem olhar para pistas do corpo para melhor antecipar a direção em que o adversário é susceptível de se mover. Os resultados obtidos pela análise dos parâmetros do corpo dos atletas corroboram essa ideia de que corpos comunicam a intenção da ação.

Smith e Schyns (2009) consideram que um aspecto particularmente intrigante da comunicação emocional relaciona-se com as diferenças entre os canais de emoção no reconhecimento de pistas expressivas específicas. Alguns estudos feitos sobre o reconhecimento das expressões faciais estáticas em diferentes distâncias estabeleceram que as expressões de tristeza são adequadas para uma comunicação mais próxima e são melhor reconhecidas de perto do que à distância. Em contraste, as expressões de felicidade funcionam como bons sinais de comunicação e são bem reconhecidas mesmo à distância, muitas das vezes aumentada pela linguagem corporal. Curiosamente, no último estudo, expressões faciais negativas como a raiva não foram bem detectadas à distância, apesar da vantagem óbvia de detectar ameaça à distância (Smith & Schyns, 2009).

2.2. A Linguagem Corporal

O primeiro instante em que a maioria das pessoas nota noutra é a aparência física e a sua linguagem corporal. Na opinião de Dimitrius e Mazzarella (2003), é sempre tentador observar um penteado ousado, ou sentir um aperto de mão fraco e supor que se descobriu a personalidade de alguém. Isso raramente acontece. A aparência e a Linguagem Corporal podem revelar muita coisa, mas raramente são indicadores confiáveis do comportamento humano, a não ser que sejam consideradas junto com outros traços não verbais, entre os quais a análise da expressão facial da emoção (Dimitrius & Mazzarella, 2003).

Os mesmos autores acreditam que a Linguagem Corporal pode nos providenciar informações mais básicas, mais internas. São efémeras as pessoas que tem consciência daquilo que demonstram aos outros no dia-a-dia, e ainda são menos aquelas que podem controlar sempre essas ações, mesmo que o desejem. Boas maneiras e princípios são adquiridos conscientemente mas expressões faciais, piscar de olhos, cruzar as pernas, mexer os dedos de forma ansiosa são difíceis de reprimir, e dessa foram, possíveis de ser identificados (Dimitrius & Mazzarella, 2003).

Wirth (2003) refere que muitas das vezes as pessoas usam a linguagem corporal, de forma inconsciente, involuntária e descontrolada nos seus afazeres. Porém, as pessoas desconhecem uma das suas principais características, no qual, ao contrário à aquilo que se costuma dizer, a pessoa pode sempre mentir, mas a sua linguagem corporal sendo inata é sincera e autêntica (Wirth, 2003).

Todavia, o autor frisa que nem em todos os casos este facto se verifica. Sugere que se por um lado as palavras que não estiverem de acordo com a entoação e a expressão corporal, não terão crédito e se não existirem determinados sinais, é provável que surja uma sensação de insegurança, por outro lado, não se pode observar apenas um sinal, pois não é possível guiar-se por um único sinal. Na opinião do autor, serão necessários vários sinais para se puder chegar a certas conclusões no que diz respeito à interpretação do não verbal, nomeadamente a linguagem corporal (Wirth, 2003).

A energia que normalmente é desencadeada pelas emoções, e que naturalmente as pessoas sentem é mostrada em primeiro lugar na face, posteriormente percorre então o corpo e é convertida no outro tipo de comportamento não verbal, designado-se por linguagem corporal. Consequentemente tudo aquilo que se gera, sejam os estímulos recebidos e enviados, sejam todos os movimentos faciais, corporais e gestos, influenciam o modo como as pessoas percebem a realidade e determinado acontecimento (Wirth, 2003).

O ser humano, apesar de não ter a capacidade de sentir as emoções das outras pessoas, consegue interpretar a sua linguagem corporal, nomeadamente, os seus gestos, a sua mímica, de modo a que possa entender as emoções e os sentimentos que as outras pessoas estão a transmitir, muitas das vezes revelando conteúdos internos da personalidade, que de outra forma não seriam expostos (Wirth, 2003).

Apesar da Linguagem Corporal não ter validade científica que se possa segurar, pode até ser contraditória em alguns casos, em relação à expressão facial da emoção, no qual tem muito maior rigor científico, porém, pode sempre dar um contributo para uma melhor análise e interpretação do comportamento não verbal do sujeito (Dimitrius & Mazarella, 2003).

A comunicação verbal não ocorre na ausência de movimentos corporais. A linguagem corporal de uma pessoa é realmente uma mistura implicada da sua saúde mental, estado físico, pensamentos e emoções em todo o seu corpo na forma de posturas, ações e expressões. Para além disso transmite pistas importantes como a confiança, a flexibilidade, a assertividade, o interesse, a abertura, a inteligência e a empatia. Quando alguém fala, o público alvo julga e esse julgamento pode ser positivo se a pessoa entender como usar o corpo como um instrumento eficaz (Jain, 2016).

Segundo o mesmo autor mas abordando outros contextos, se uma pessoa cobrir a boca enquanto fala é um possível sinal de que esteja a mentir ou manipular a outra pessoa. Já se a pessoa bocejar-se de forma alta ou silenciosa ou esfregando os olhos são indicadores de tédio extremo. Se a pessoa tocar o nariz antes de falar pode ser sinal de desonestidade, enquanto que um esfregar do nariz já leva a uma rejeição. Já no que toca ao rosto, se for coçado está expressando desconhecimento, enquanto se se esfregar o olho com um dedo é vontade de compreender o que está a ser dito (Jain, 2016).

Relativamente às posições das pernas e estilos de permanência em pé, bem como a maneira de andar, também transmitem algo sobre as pessoas. Segundo o autor, uma caminhada lenta com ombros encolhidos e cabeça pendida expressa desilusão e tensão, enquanto se se tratar de uma caminhada rápida, com braços a balançar é uma evidência que se trata de uma pessoa com personalidade forte focada em objetivos. As pessoas que virem as cabeças para trás enquanto andam não estão confiantes e sentem-se incompletas no seu interior. Se for feito um balanceamento exagerado nas mãos e pernas enquanto se anda significa uma tentativa de impressionar, enquanto que pular no chão em vez de caminhar é um indicador de emoção, entusiasmo e alegria. Quando sentado ou de pé, se os pés estiverem à mesma distância um do outro, bem como as mãos, se estiverem nas mesmas condições quer no braço da cadeira, quer no colo significa abertura, estado de repouso (Jain, 2016).

Contudo, este autor salienta que existe sempre subjetividade no que toca à linguagem corporal, já que pode significar um indicador de algo numa situação e outra noutra contexto, ou até nenhum, mediante as situações. Revela que a análise e interpretação da linguagem corporal não deve ser feita de forma isolada mas sim integrada com outras formas de avaliação do comportamento não verbal para ser mais credível, tais como a expressão facial da emoção, entre outros (Jain, 2016).

Noutros contextos, quando alguém bate com o pé no chão ou atinge um objeto imaginário, revela a própria raiva, irritação e até mesmo frustração em pessoas, coisas ou situações. Quando as pessoas colocam os pés sobre a mesa marcam não apenas a propriedade, mas também o domínio. Os tornozelos cruzados e as mãos apertadas numa cadeira também implicam auto-controlo (Jain, 2016).

Segundo Wirth (2003), a emoção cólera ou também popularmente conhecida como raiva, manifesta-se normalmente em três modos: agressão, defensividade e retraimento. Na visão do autor, os sinais de raiva visíveis no corpo são a vermelhidão no rosto; os braços, pernas e/ou tornozelos são cruzados; as mãos podem ser postas nos quadris; a respiração é feita de forma curta e rápida; há a repetição frequente de frases agressivas com o objetivo de intimidar o outro e a comunicação é feita de forma rápida; há também o uso dos dedos para apontar; os movimentos corporais são rápidos, ágeis e tensos; a mandíbula fica fechada; os lábios são apertados; há uma expressão zangada em vigor; uma postura corporal rígida e/ou tensa; pode haver em alguns casos tremores, estando com os punhos fechados; pode ocorrer movimentos de braços frenéticos e quase incontroláveis; e há a predominância do riso falso e/ou sarcástico.

Quando alguém vivência emoções muito negativas como é o caso da raiva, pode expressar esse sentimento invadindo o espaço físico da outra pessoa, tornando-se agressivo, muitas das vezes olhando de modo fixo e intencional, como se tentasse atingir a outra pessoa com o olhar (Wirth, 2003).

Em situações em que a pessoa fica com raiva mas à defensiva, esta não desenvolverá movimentos corporais rápidos, vermelhidão no rosto, mudanças respiratórias, nem mesmo partir para a violência física. Em vez disso, pode travar a mandíbula, cruzar os braços, franzir a testa ou apertar os lábios. O autor está seguro de que o rosto da mesma irá se fechar e muitas das vezes há a tendência para evitar o contacto ocular (Wirth, 2003).

Já quando a pessoa demonstra raiva mas por retraimento, a mesma pode tentar evitar o contacto virando o corpo e os olhos para o outro lado. Pode ter tendências para ficar imóvel, e até pode gerar uma expressão facial neutra. Em casos extremos, a pessoa pode até mesmo levantar-se e sair da sala (por exemplo), se os comportamentos anteriores não tiverem aliviado o stress (Wirth, 2003).

Todavia, o autor frisa que não se pode focar apenas num determinado sinal de raiva que se apresenta no corpo e julgar, porque pode ter outros significados e cometer, dessa forma, enganos de interpretação. O autor dá como exemplo, o facto de uma pessoa apresentar vermelhidão no rosto, não significa logo que esta está zangada e a demonstrar a emoção raiva, pode ter sido causada por exercício recente, uma condição médica, vergonha, queimaduras, maquiagem mal feita, etc (Wirth, 2003).

Capítulo III - A Agressividade

3.1. Conceito

A raiz etimológica da palavra “Agressividade” vem do latim *aggredi*, que significa “ir na direção de”, “caminhar em frente” (Perissé, 2010, citado por Costa, 2013, p. 27).

A agressividade normalmente é considerada como qualquer ato impulsivo que uma pessoa tem, motivado por raiva ou um comportamento premeditado, no qual é consequentemente orientado para alcançar os objetivos. No entanto, essa dicotomia é incompleta, pois aborda o comportamento agressivo somente a partir da perspectiva do indivíduo (Duxbury, 2002).

As emoções são promotores de ação, no qual um dos sistemas motivacionais primários é activado. Na opinião de Lang (2010), o processo desencadeia-se por duas formas, temos o sistema apetitivo, que está associado a comportamentos de aproximação e o sistema defensivo, que está associado a comportamentos de evitamento (Lang, 2010).

Segundo Berkowitz (1993), a agressão é qualquer forma de conduta que uma pessoa tem contra outra no qual a pretende ferir, física ou psicologicamente. Tal conduta provoca pesar e

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
rejeição e é, portanto, censurável. O mesmo autor refere também que através deste tipo de comportamento pretende-se sempre obter algo, seja por coação ou exprimir poder e domínio.

A OMS (1992) refere que a característica mais saliente da conduta agressiva é o desejo de magoar alguém. Em maior detalhe, a organização considera que o agressor deseja provocar dano no seu objeto, neste caso ao indivíduo que tratará de o evitar. As condutas agressivas podem assumir várias vertentes, entre os quais: começar brigas, provocar danos, bater, pontapear, tirar algo, ou agredir verbalmente alguém (Ramírez, 2001).

Contudo, segundo Feshbach (1964), nem todos os comportamentos agressivos tem como resultado a violência, podem por exemplo, ter uma natureza passivo-agressiva, no qual uma pessoa pode resolver impedir outra de entrar, ou decidir não responder a uma pergunta. Segundo este autor, estamos perante uma intuição agressiva que pode não levar diretamente a violência física.

De acordo com Bandura e Walters (1959), e segundo posições biológicas e mecanicistas, estes afirmam que a agressividade é o resultado da aprendizagem de hábitos prejudiciais adquiridos na infância. Consideram que uma criança, se tiver tido uma conduta agressiva, recompensada pela vitória ou aprovação por parte dos adultos, pode vir a ter mais possibilidades de ser mais agressiva do que outra que, por demonstrar os mesmos conteúdos, não o é por ser desinteressada por derrotas constantes ou por reprovação. Segundo Ramírez (2001), os sujeitos que tenham apresentado indicadores fortes de agressividade na infância, evidenciando muitas condutas desviantes, tem uma maior probabilidade de terem comportamentos anti-sociais na idade adulta.

Hacker (1981) apresenta outro tipo de definição da agressividade. Este autor refere que a mesma é como um foco de energia inerente ao homem, que numa primeira fase se manifesta pela atividade e, posteriormente, pelos meios sociais e individuais gerados culturalmente, podendo ir desde o simples acto de afirmação pessoal, estatuto e controlo social, até mesmo à violência.

A APA (1994) considera que a agressividade enquadra-se nas perturbações anti-sociais da personalidade, no qual, segundo o DSM IV (APA, 1994), está associado a padrões de conduta relacionados com o desprezo generalizado e violação dos direitos dos outros.

Segundo a OMS (1992), a agressividade é uma expressão de perturbações dissociadas, tanto em crianças como em adultos. Relativamente aos adultos, a organização mundial de saúde integra o construto nas perturbações da personalidade, no qual que se caracteriza pela grande disparidade entre as normas sociais prevalecentes e o comportamento. Por haver já uma maturidade associada no adulto, a agressividade está vinculada às perturbações específicas da personalidade.

Na opinião de Winnicott (2000), o bebé por natureza tem a capacidade de se mover, de explorar tudo à sua volta, seja bom ou mau. Como ainda não tem um “eu” definido não tem na sua estrutura psíquica elementos suficientes para integrar pensamentos, emoções e sentimentos agressivos e/ou de carácter violento, para se poder encontrar raiva/cólera, sendo apenas tentativas de contacto espontâneo com a realidade em que o mesmo interage.

Segundo Bradley (2008), as experiências emocionais que as pessoas vivenciam nos seus quotidianos podem ser organizadas em três dimensões. Temos a valência, a excitação e a dominância. A valência, na opinião do autor, está associada com a activação de um dos sistemas primários motivacionais e refere-se à avaliação dos estímulos como agradáveis ou desagradáveis. Os estímulos que são avaliados como mais agradáveis ativam o sistema motivacional, já no que toca aos estímulos que são avaliados como desagradáveis, ativam o sistema defensivo (Bradley, 2008).

Esta dimensão tem uma característica diferente das outras dimensões, apresenta um substrato neurofisiológico que determina o seu carácter bipolar (Lang, 2010). A segunda dimensão, a excitação, refere-se à energia que é investida na emoção e como foi referido anteriormente, ao contrário da primeira dimensão, esta não tem um substrato neurofisiológico separado. A excitação consegue atingir o auge da intensidade da experiência emocional (Bradley, 2008). Por último, no que toca à terceira dimensão, a dominância, explica o grau de controlo sobre a resposta emocional percebida e por conseguinte implica a interrupção da resposta comportamental. Esta dimensão tem como características o facto de advir de estruturas mais recentes do cérebro humano, a inibição da sua função, o atraso da avaliação do contexto e o planeamento (Gantiva, Guerra, & Vila, 2011).

Gratz e Tull (2010) ainda salientam que a regulação emocional permite que o indivíduo contenha a emoção e o comportamento quando necessário e consequentemente possa alcançar

metas enquanto que a emoção toma o seu rumo. A sub-regulação e o excesso de regulamentação são na perspectiva dos autores dois estilos de regulação emocional desadaptativo da agressividade (Gratz & Tull, 2010).

Quando não se consegue conter a resposta emocional e dessa forma inibir o comportamento impulsivo, a sub-regulação desenvolve-se (Roberton, Daffern, & Bucks, 2012). Já quando a emoção não toma o seu curso normal e em vez disso, o indivíduo intervém por meio de evasão ou supressão da experiência emocional, o excesso de regulação ou sobre-regulação acontece (Kashdan, 2006).

Segundo Winnicott (2000), a família deve ser capaz de controlar os estados e os comportamentos agressivos do indivíduo e por isso mesmo, seja a família a primeira referência e suporte ao adolescente, que naturalmente transgride as normas por causa da idade e da falta de maturidade e também seja a referência para que se possa aprender a lidar com a agressividade. Abadi (1998, p. 59) compara a agressividade com o amor, no qual aborda a importância do ambiente para os possíveis caminhos da agressividade:

“A agressão é inata, junto com o amor. No entanto a atitude da criança para com estes impulsos básicos marcará o destino da agressividade e a capacidade de amar de cada um. (...) É a oportunidade de reparar oferecida pelos pais que faz possível para a criança a confiança em sua atitude amorosa, favorecendo a aquisição da capacidade de preocupar-se com o outro, enquanto se faz responsável pelos próprios impulsos destrutivos. Aí aparece o interesse pelo autocontrole como maneira de preservar o que se ama” (Abadi, 1998, p. 59).

Na perspectiva de Winnicott (2000), o estado agressivo pode tomar várias proporções, por um lado temos o desenvolvimento normal da capacidade de controlar a frustração, por outro lado temos a agressividade que integra duas alternativas patológicas, a incapacidade de controlar a frustração e a formação do falso-self, ligado à questão da tendência anti-social.

No que toca à componente física aplicada pela agressividade, há a produção de danos corporais e constitui o alvo mais usado na resolução de conflitos interpessoais. De acordo com Feshbach (1964), o ato gerado pela agressividade é, normalmente, acompanhado por fortes estados emocionais de cólera e tem por base três fatores. Segundo o autor, temos as características que modelam a situação ou o contexto que envolve a possível agressão; as características inerentes à personalidade dos intervenientes, que influenciam a intensidade do ato; e o caráter da situação que restringe ou incita a agressão.

Smith e Lazarus (1993) referem que a avaliação cognitiva do significado da situação para qualquer indivíduo está sempre associado ao processo de geração das emoções. Este processo refere-se a uma “*avaliação do significado, para o bem-estar pessoal, do que está a acontecer na relação indivíduo-ambiente*” (Lazarus, 1991, p.87).

As situações de *stress* podem ser avaliadas como um desafio, no qual segundo os autores há a possibilidade de ganho pessoal, indo desde oportunidade de crescimento e mestria, até ameaça, no qual há a antecipação do perigo, bem como a perda de danos, de coisas que já ocorreram (Cruz & Barboza, 1998). No ponto de vista dos seguintes autores, a ofensa ao ego muitas das vezes desencadeia emoções negativas, como é o caso da cólera (Jones, Meijen, McCarthy, & Sheffield, 2009; Skinner & Brewer, 2004).

3.2. Teorias da Agressividade

São muitas as teorias que tentam explicar a agressividade, indo desde os mecanismos de adesão até à manutenção e controlo dos mesmos. Ramirez (2001) considera que existem duas classificações gerais no que diz respeito às teorias da agressividade. Segundo o autor, temos as teorias activas ou biológicas, que englobam todas as teorias que visionam a origem da agressividade nos instintos e nos impulsos internos do indivíduo, sendo, por isso, derivada de causas endógenas. Exemplo: teoria psicanalítica de Freud; teoria biológica da agressividade; e teoria da aprendizagem social. Depois temos as teorias reativas ou sociais, que consideram como origem da agressão o próprio meio ambiente que rodeia o indivíduo, sendo esta uma reação aos acontecimentos sociais, contudo, sem rejeitar uma possível interação com fontes de agressividade. Exemplo: teoria clássica da dor; teoria da frustração-agressão; e teoria sociológica (Pinto, 2001).

3.2.1. Teoria Psicanalítica de Freud

Esta teoria refere que o instinto da agressão é o descendente e o principal representante da pulsão de morte, também chamada de Thanatos, que encontramos em conjunto com a pulsão de vida, também designada de Eros (Pinto, 2001). Segundo Freud (2002), Eros representa o

instinto sexual, abrangendo o amor, a união, enquanto que Thanatos representa a destruição, a entropia, o caos, a agressividade. Desta forma, a agressividade é considerada como algo inerente ao ser humano, tão essencial como a sexualidade (Silveira, 2002).

A pulsão de morte e a agressividade, na perspectiva de Freud (2002), representa a mesma dimensão, uma vez que se verifica em alguns indivíduos a repetição constante de várias experiências frustrantes e dolorosas, procurando repetidas vezes o fracasso e a auto-destruição. Segundo Rego (2005), tal destruição pode ser igualmente dirigida para os outros e não somente voltada para o indivíduo.

A teoria psicanalítica de Freud debruça-se a dar uma explicação de carácter psicogénico de como o comportamento agressivo se inicia e se desenvolve (Costa, 2013).

De acordo com Gonçalves (2000), a origem da agressividade reside numa falha de circunstâncias que não foram tidas em conta na infância. O autor acredita que esta lacuna na infância irá refletir-se, mais tarde, durante a vida adulta, numa incapacidade para estabelecer relacionamentos afetivos significativos e de longa duração. Mais especificamente, indivíduos que não tiveram ou atualmente apresentam falhas no desenvolvimento normativo, irão ter dificuldades em manter relações saudáveis. O autor ainda considera que, pelo facto de haver essas lacunas existenciais, estará presente o narcisismo, que mais tarde levará ao egocentrismo, características essas que farão com que sejam capazes de se refugiar e evitar as frustrações inerentes à sua vida, bem como o funcionamento das relações interpessoais (Gonçalves, 2000).

Casos extremos de agressividade podem ser verificados em psicopatas, no qual o seu funcionamento cognitivo pode ser entendido através da existência e da integração de três níveis diferentes: o nível biológico; o nível inconsciente; e o nível pré-consciente ou consciente. Relativamente ao primeiro, o nível biológico, é caracterizado por criar uma baixa ativação neuropsicológica no sujeito, nomeadamente, na redução de massa cinzenta na zona frontal do córtex cerebral. Já no que toca ao segundo aspeto, o nível inconsciente, é o nível que determina o carácter narcísico das relações objectais e os mecanismos de defesa arcaicos usados por estes indivíduos, no qual vai integrar a necessidade de se auto-preservar. No que concerne ao nível pré-consciente ou consciente, refere-se como sendo um estilo cognitivo imaturo e infantil, proveniente das defesas primitivas e é responsável pelos erros e pelas

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos

condutas egoístas, irresponsáveis e livres de ansiedade, tão características deste tipo de sujeitos (Gacono, Kosson, & Bodholt, 2000).

Na opinião de Gonçalves (2000), o funcionamento psíquico destes indivíduos vai de encontro aos aspetos mencionados anteriormente, acrescentado também que estes indivíduos apresentam baixos níveis de ansiedade e fusões simbióticas, o que combinando todos estes aspetos promovem elevadas categorias de relações de objecto primitivas, que impedem estes indivíduos de estabelecer relações interpessoais saudáveis e adequadas, fazendo com que vivam num mundo objectal distorcido, em que só o seu próprio bem estar e os seus interesses importam (Gonçalves, 2000).

Este tipo de indivíduos, apesar de muito inteligentes, usam mecanismos de defesa arcaicos, no qual a presença de sentimentos de negação e de desvalorização é sentida de forma exagerada. Por consequência, esses sentimentos irão convergir mais tarde num processo de clivagem, ou seja, numa organização clivada do <<eu>> que, por sua vez, se irá manifestar por imaturidade cognitiva, irresponsabilidade e capacidades limitadas de síntese (Gonçalves, 2000).

Em suma, as formas como os psicopatas se vem de si próprios são de dominância e grandiosidade, sendo estas, no entanto, absolutamente efémeras, desprovidas de valor, factor que determina, em muito, os comportamentos eterno-agressivos que estes indivíduos evidenciam e também pelo facto de fazerem os atos apenas pela satisfação pessoal espontânea e imediata (Gonçalves, 2000).

3.2.2 Teoria Biológica da Agressividade

De seguida, apresenta-se a teoria biológica da agressividade. Segundo Freud (2002), são 3 os níveis pelos quais os estímulos influenciam os comportamentos agressivos: origem genética; origem neuronal; e origem bioquímica. Em termos genéticos, o autor refere que todos os animais, por natureza, são agressivos para sobreviverem. No que toca à questão neuronal, o cérebro por pre-definição integra um complexo sistema que produz um comportamento agressivo em resposta, desencadeado por uma situação adversa de provocação

ou ofensa. Por fim, em termos bioquímicos, o autor destaca alguns factores que estão associados ao desenvolvimento do comportamento agressivo, entre os quais a incidência de hormonas, ingestão de álcool e/ou drogas, que naturalmente provocam modificações e desequilibram os parâmetros bioquímicos predefinidos. Normalmente os efeitos secundários despoletados pela ingestão exagerada de álcool incluem reações agressivas, tanto por origens biológicas ou psicológicas (Freud, 2002).

Ramirez (2001) também está na mesma linha de raciocínio, no qual refere que a agressão desencadeia-se como consequência da produção de uma série de processos bioquímicos que ocorrem no interior de cada organismo e nos quais as hormonas desempenham um papel determinante. As hormonas que estão associadas ao comportamento impulsivo e agressivo são a serotonina e a noradrenalina. Autores como Aronson, Wilson e Akert (1997) e Mackal (1983) referem quem os neurotransmissores do sistema nervoso central influenciam o comportamento agressivo.

Zuckerman (2002, citado por Costa, 2013) decidiu fazer um estudo no qual comparasse o nível do ritmo cardíaco em descanso entre jovens agressivos e delinquentes e rapazes mais “normais”. As conclusões obtidas revelam que os rapazes mais agressivos obtiveram ritmos cardíacos mais baixos do que os outros, o que leva a supor que os jovens, para aumentar a sua ativação fisiológica, tendem a procurar situações de risco ou estimulantes.

Contudo, Cohen e Strayer (1996, citado por Costa, 2013), referem que muitas crianças e jovens tem dificuldades em sentir aquilo que outros sentem, muitas das vezes não experimentam esses tipos de emoções. Estes autores chegaram à conclusão que estes jovens apresentam uma baixa ativação emocional e indiferença, que pode explicar a frieza dos seus comportamentos e atitudes.

3.2.3. Teoria da Aprendizagem Social

No que diz respeito à teoria da aprendizagem social, a agressividade surge através da aprendizagem feita através de processos de imitação, observação de modelos, normalmente os pais e irmãos, pessoas próximas, como sendo as principais fontes de aprendizagem dos comportamentos sociais (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).

Através de processos como a imitação e a observação, Bandura (1973) desenvolveu estudos que relacionam a agressividade com a aprendizagem. Os resultados obtidos da sua análise revelam que habitualmente se um jovem for exposto a modelos agressivos dentro do seio familiar, escola ou meios de comunicação social, seja por interação direta ou indireta, terá maior probabilidade de aprender e executar esses mesmos comportamentos agressivos, sendo naturalmente mais reproduzidos pelos indivíduos que se encontram mais expostos às situações e aos modelos agressivos. Seguindo a mesma ideia, se houver crianças expostas a qualquer tipo de violência ou práticas educativas disfuncionais, desde de tenra idade, estas aprendem que são táticas comuns de interação com outras pessoas e dessa forma integram no seu historial de ações e mecanismos, o qual se apercebem que é uma das maneiras de resolver conflitos. Dessa forma, passam a ver a agressividade de uma forma diferente do que outras pessoas, acabem por se habituar às suas características e associam o construto como algo positivo, porque os pais ou outros modelos ao usarem, vão ter a percepção de que é algo “normal” e de certa forma “copiam” os comportamentos efetuados. Assim, as crianças atuam da mesma forma que os seus modelos de aprendizagem social, sejam pais ou família, sejam os colegas ou amigos, experimentando assim a auto-satisfação associada ao comportamento agressivo que estes modelos promoveram (Bandura, 1973).

Uma das formas de se poder verificar a aprendizagem social, no qual se promove a violência e a adoção de comportamentos agressivos é através da excessiva exposição a cenas de violência que habitualmente passam pela televisão, ou através do jogos com conteúdos violentos ou de maior sensibilidade. Sobre esta matéria, Bandura (1973) comparou tipos de agressão executados por modelos filmados com modelos ao vivo e os resultados obtidos revelam que, por um lado, podem causar o mesmo impacto no sujeito, por outro lado, o autor refere que pelo facto de uma criança ver conteúdos explícitos de violência ou jogar jogos com conteúdo violento pode acrescentar um efeito extra à agressão inata da mesma, ou seja, aquilo que a criança aprende no momento é influenciado com aquilo que aprendeu antes. Isso significa que, se a criança tem, com base em acontecimentos passados, um historial agressivo seja por exposição direta de conteúdos agressivos, seja por jogos, a nova aprendizagem será adquirida mais facilmente e interiorizada como normativa. Dessa forma, é possível afirmar que a criança será mais agressiva, do que outra criança que nunca teve acesso a esses conteúdos, ao ser exposta a um episódio violento, por exemplo, já não terá o mesmo impacto nesta (Bandura, 1973). Abreu (1998) e Ramirez (2001) consideram que, pelo facto de haver

uma agressividade inata como condição prévia para aquilo que se aprende a seguir, designando a agressão aprendida, chegaram à conclusão que é mais frequente nos rapazes do que nas raparigas.

3.2.4. Teoria Clássica da Dor

Esta teoria enquadra-se dentro da classificação das teorias relativas ou sociais, descritas por (Ramirez, 2001). Pavlov (1963, citado por Ramirez, 2001), deu grandes contributos para a ciência ao descobrir que o medo da dor é condicionado e que o ser humano por natureza tende a procurar o que lhe dá mais prazer e rejeitar o que não lhe convém. O mesmo autor criou a teoria clássica da dor, que sustenta que um estímulo indesejável tende-se a responder com agressividade, uma vez que, por ter este estímulo indesejável, a dor causada tem impacto suficiente para ativar aos mecanismos naturais do corpo que induzem a agressão nos sujeitos. Adicionalmente também explicou que, perante situações indesejáveis, o ser humano reage de forma agressiva sobre o outro, agredindo muitas vezes, se necessário.

Delgado (1969, citado por Ramirez, 2001) refere que, comparativamente aos homens, as mulheres apresentam maiores valores nos centros de prazer, promovendo dessa forma o limiar de tolerância à dor e por esse ponto de vista, tem menor probabilidade de ter atos agressivos. Visto de outra perspetiva, pelo facto dos homens apresentarem menor tolerância à dor, leva que haja um maior número de reacções agressivas, e dessa forma são mais agressivos.

3.2.5. Teoria da Frustração-Agressão

A agressividade constitui um dos principais resultados e consequências da frustração e, por esse motivo, qualquer ato agressivo que se tem pode ser atribuído a uma frustração prévia (Dollard & Miller, 1938, citado por Ramirez, 2001). Na opinião de Costa (2013), a frustração é um tipo de distúrbio que interrompe uma sequência de acontecimentos que estavam previamente planeados e que leva a uma resposta ou uma reacção indesejável na outra pessoa. Este tipo de sentimento negativo pode aumentar ou diminuir na pessoa consoante o número de expectativas anteriormente depositadas no alcançar de um objetivo e pelo qual foram alterados ou até mesmo impedidos de se concretizar (Costa, 2013).

Gonçalves (2000) refere que um dos aspetos que promove e, por conseguinte, desenvolve a agressão física, nomeadamente, a força, está diretamente relacionada com o grau de interferências da resposta frustrada, e com o número de frustrações com que um sujeito se deparou durante o seu tempo de vida, com a qual tem de interagir com a outra pessoa.

O mesmo autor refere ainda que a força que pode promover a uma inibição ou controlo da agressividade está diretamente relacionada com a quantidade de punições que são percebidas pelo indivíduo, que precederão o seu ato violento. No entanto, o autor destaca que, se o grau de inibição da frustração for muito elevado e se o indivíduo não conseguir descarregar a sua frustração no alvo que lhe está a causar desconforto, podem ocorrer mecanismos de deslocamento da agressão, tendo como consequência o desenvolvimento de comportamentos de violência, nomeadamente, violência física (Gonçalves, 2000).

Freud (1983), quando se referia à comunicação de pessoas num meio interpessoal, dizia que os comportamentos agressivos, quando controlados, podiam ocorrer através do desenvolvimento de competências sociais adaptativas, que seriam usadas para uma melhor comunicação entre as pessoas.

Já Berkowitz (1993) sugere que, para que a agressividade seja despoletada, é preciso ter em conta alguns fatores, entre os quais ter uma predisposição social para tal, ou seja, ter já tido episódios violentos com outras pessoas, muito baseado pelos contextos em que vive e/ou frequenta. O autor considera que é preciso ter também uma ativação de emoções e sentimentos negativos através de objetos ou acontecimentos com significado anti-social, no qual há uma predominância por sentimentos de raiva e ódio para com outra pessoa. Por fim, o autor desta que é o necessário o sujeito ter gratificações por agressão, naturalmente potenciadas pela valorização ou atribuição relativa à causa da situação desagradável.

3.2.6. Teoria Sociológica da Agressividade

Durkheim (1938, citado por Ramirez, 2001, p.16) foi o autor principal desta teoria, no qual afirma que *“a causa que determina um fato social não deve ser vista numa perspectiva de estados de consciência individual mas sim em fatos sociais que o precedem e não nos estados de consciência individual”*. Para o autor existe uma grande importância de haver uma perspectiva sociológica sobre a agressão *“já que o homem civilizado é o único capaz de levar a cabo uma agressão organizada”* (Durkheim, 1938, citado por Ramirez, 2001, p.16).

Na perspectiva de Blumer (1969), relativamente à coesão de grupos sociais, se houver compatibilidade entre os indivíduos e bons níveis de comunicação, irá haver maior probabilidade de resolverem os seus conflitos. Assim, se o grupo estiver unido com objetivos traçados em comum, serão capazes de considerar um problema como um desafio e esta nova atitude vai desencadear neles maior confiança, reduzir o possível conflito e por conseguinte a diminuição da agressividade (Blumer, 1969).

Segundo Ramirez (2001), existem dois aspetos que devem ser tidos em conta quando se fala da agressividade na vertente social. O autor salienta os objetivos que se tem em conta tem de ser de natureza material e altamente centrada no indivíduo. Outro aspeto é quando se apresenta o nível do grupo que está elencado.

O facto de uma pessoa confrontar, opor-se, e ter condutas violentas perante algo pressupõem um sentimento de insatisfação gerado por um baixo nível de consciência, de liberdade e de responsabilidade (Minayo & Souza, 1997).

Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que o contexto agressivo em que o indivíduo se insere tem de se enquadrar nas teorias sociológicas da mesma, uma vez que destacam que o ser humano e o seu desenvolvimento deva ser entendido numa variante de contexto social, já que o sujeito interage com o meio ambiente, não sendo possível interagir de outra forma que não seja por via direta.

3.3. Tipos da Agressividade

Anderson e Huesmann (2003) consideram que existem dois tipos de violência, a direta e a indireta. A violência direta é na opinião dos autores direcionada para o alvo específico, já a violência indireta é a agressão que não tem a presença do alvo. Segundo os mesmos, a forma indireta é mais usada nas mulheres, enquanto a violência direta é mais frequente nos homens (Anderson & Huesman, 2003).

Segundo Buss (1966) e Feshbach (1964), a agressividade pode ser dividida em duas variantes: a agressão hostil e a agressão instrumental. A primeira é desencadeada na pessoa por qualquer estímulo que provoca indisposição, como um insulto, um ataque, etc. Aqui a raiva, ou também chamada de cólera, impera. A intenção do agressor é magoar a vítima. A maior parte dos crimes de homicídio e das violações enquadra-se neste tipo de agressividade. O comportamento desencadeado caracteriza-se por uma raiva extrema e desorganizada, causada por frustração, como foi abordado no capítulo anterior. No que toca à segunda variante, a agressão instrumental, é transmitida quando um reforço desejado é recebido pela vítima. Neste tipo de agressividade há a competição pela aquisição e controlo de determinado objeto pertencente a outra pessoa. Ao contrário da agressão hostil, neste tipo de agressão o ofensor atua de forma “sangue frio”, movido pelo desejo de conquistar e ser bem sucedido. Todavia, não tem uma intenção direta de magoar a vítima, tal só acontece se for mesmo inevitável, para que o agressor tome posse daquilo que quer ter (Buss, 1966; Feshbach, 1964).

Noutra linha de pensamento, Fromm (1975) refere que a agressividade tem dois tipos: a benigna e a maligna. A agressividade benigna segundo este autor está relacionada com aspetos biológicos e adaptativos inatos do ser humano, no qual há o impulso de reagir, atacar ou fugir quando os interesses vitais e de proteção pessoais são ameaçados. Já no que toca à agressividade maligna, esta já não é biologicamente adaptativa e manifesta-se sob a forma de entropia e da crueldade. Na opinião deste autor, a agressividade maligna é humana e provem das condições da existência do mesmo, modificadas ao longo dos tempos, pela evolução da espécie.

Hacker (1981) considera que o comportamento agressivo é um sentimento vital para o ser humano ser capaz de sobreviver, consoante as diversas circunstâncias que lhe aparecem. Este autor considera que a agressividade é dividida em dois tipos: comportamento agressivo

controlável, ou seja aquele que é adaptado e como o próprio nome indica, controlado face à realidade; e agressão incontrolável, no qual é reativa a passagens ao ato, desadequadas, desadaptativa e sem controlo face ao meio e à realidade.

3.4. Factores da Agressividade

3.4.1. Factores Biológicos

Ao longo dos tempos certos autores tem considerado que o ser humano tem uma predisposição biológica para a agressividade e para ter um estilo de vida desviante e anti-social. Muitos consideram que a criança já nasce com um determinado “gene” da agressividade e com uma predisposição para a mesma e que com estilos de vida desadaptativos, desenvolvem assim uma personalidade de carácter agressivo. Também o facto de se considerar esses factos torna-se uma visão fatalista, sendo a agressividade percebida por esses mesmos autores como um mal irremediável, sem solução, sem que pudesse existir forma de combater essas consequências (Ramírez, 2001).

Porém, existem certas características que podem já colocar a criança num maior risco de apresentar comportamentos agressivos, tais como ter sido exposta a problemas durante a gravidez ou o nascimento; baixo peso e complicações médicas; dificuldades temperamentais e prematuridade e a presença de deficiências físicas e perturbações mentais (Figueiredo, 1998; Yunes, 2003).

Relativamente ao sexo, este é um fator onde se podem encontrar predisposições biológicas, visto que os rapazes são mais vulneráveis que as raparigas, quer no que toca aos factores físicos, quer no que toca aos psicossociais (Costa & Sani, 2007). Para reforçar a ideia, Sani (1999) refere que os rapazes tendem a exhibir mais comportamentos de externalização, enquanto que as raparigas internalizam mais e frequentemente demonstram um maior poder ansiogénico.

Dilalla (2002) refere que, em termos gerais, os resultados obtidos de estudos sobre genética comportamental, verificados quer na infância, quer na adolescência, revelam que os factores genéticos tem uma forte influência na origem da agressividade.

No entanto, as estimativas que a hereditariedade transmite através destes estudos, bem como a respetiva validade e credibilidade, pode variar dependendo do método de recolha de dados que se usa. Um dos métodos mais usados e eficazes para avaliar o comportamento e problemas psíquicos de crianças é o Childhood Behavioral Checklist (CBCL) de Achenbach e Edelbrock (1984). A CBCL apresenta várias escalas, divididas em componentes, abordando questões de internalização, no qual se foca a ansiedade e a depressão e depois temos a externalização, no qual integra a agressividade e a delinquência. Usando este tipo de instrumento, os vários estudos que se tem feito nesta área tem obtido resultados satisfatórios na interpretação e análise do comportamento agressivo (Achenbach & Edelbrock, 1984).

3.4.2. Factores Ambientais

As causas ambientais são, na opinião da maioria dos autores, uma das mais importantes porque constituem um peso relevante para o desenvolvimento da agressividade, sendo a influência da família um dado prioritário (Ramires, 2001).

Ramirez (2001) refere que os comportamentos agressivos que se criam entre os membros de uma família servem de modelo e de treino para o comportamento dos jovens, e à forma como interagem com outros, devido ao processo de generalização e adaptação social e ambiental. Este processo tem a sua origem na imitação dos modelos de família e ou compatíveis, passando a ser a base das relações quer nos pares, quer nos adultos (Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005). No contexto escolar, tais comportamentos agressivos iniciam-se através de conflitos, desigualdades, brigas, desobediência etc. Uma das consequências deste tipo de comportamento anti-social e desviante é a exclusão da criança do grupo e, em muitos casos, da escola e/ou associação de que faz parte, bem como o fracasso relativo ao seu aproveitamento escolar, muitas das vezes significativo (Pavarino, Del Prette, & Del Prette, 2005).

Sani (2006) e Canha (2003) elaboraram algumas variáveis que estão implicadas na etiologia familiar da agressão infantil, como é o caso da carência de estruturas que sirvam de quadro de referência e confirmam modelos adequados e coesão familiar, no qual vai estabilizar o normal desenvolvimento da criança ao nível pessoal e interpessoal. Referem também que existe uma falta de práticas de disciplina, bem como a necessidade de haver reforço positivo relativo à agressividade. Outra variável que as investigadoras encontraram foi a utilização da violência, muitas das vezes física, na resolução de conflitos, pelo qual vai servir de modelo de aprendizagem da criança, e naturalmente vai entender que é um comportamento “normal” a ser praticado. Referem também que, pelo facto de haver um isolamento social da família e um défice na vinculação, faz com que a criança possa ter dificuldades na relação com as outras pessoas. As autoras destacam, para finalizar, o uso de castigos corporais, ou em muitos casos, a falta de controlo por parte dos pais, e por conseguinte a rejeição paterna dos filhos e a história familiar de condutas anti-sociais, como sinais de abandono ou de cuidado deficitário que desencadearão, naturalmente, problemas no normal desenvolvimento social e ambiental da criança (Sani, 2006; Canha, 2003).

Na opinião de Ramirez (2001) e Strecht (2003), as crianças, que são criadas num ambiente sem qualquer tipo de vinculação segura nem fortes relações afetivas, serão desenvolvidas sem suporte de apoio ou o pouco que tiverem será desadaptativo às suas necessidades. Segundo os mesmos autores, não existe uma coerência nem no padrão familiar, nem nas práticas parentais e educativas, que não são as mais favoráveis para um desenvolvimento adequado da criança visto que, por um lado, exercem um padrão de violência e agressividade, que será na perspectiva das crianças algo de origem normativo e, por outro, são demasiadamente permissivos e despreocupados com a conduta apresentada pelos filhos, no qual levará a um défice de vinculação. Isto gera na criança uma mistura de emoções e sentimentos, desequilíbrios no seu desenvolvimento, ambivalência, desrespeito, insegurança, entre outros (Ramirez, 2001; Strecht, 2003).

Almeida, André e Almeida (1999) consideram que os métodos de disciplina de origem punitiva, habitualmente usados por alguns pais, tendem a conter níveis elevados de hostilidade e ira e outras formas de comportamento anti-social, uma vez que existe uma probabilidade quatro vezes superior dos jovens considerados agressivos serem punidos comparativamente com os jovens não agressivos. Em oposição, no que toca aos métodos

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
direcionados para o afeto, para o estabelecimento de vinculações seguras e fortes, facilitam o desenvolvimento da consciência dos limites individuais (Almeida, André, & Almeida, 1999).

Sani (1999) refere, no entanto, que a criança se tiver um suporte colaborativo dentro do sistema familiar, nomeadamente, a existência de um relacionamento positivo, de vinculação forte e segura, no qual há a presença de emoções e sentimentos positivos, com uma das figuras parentais ou com os irmãos, mesmo que seja pouco, já é um passo favorável para que a criança tenha um desenvolvimento mais saudável. Assim, o meio envolvente enriquecido por estas características anteriormente mencionadas, pode ser um fator de proteção para a criança (Sani, 1999).

Yunes (2003) finaliza afirmando que famílias, às quais apresentam pouca incidência de conflitos e comportamentos agressivos, vão proporcionar um melhor desenvolvimento de características resilientes e vinculativas nas crianças.

3.4.3. Factores Cognitivos e Sociais

De acordo com Ramirez (2001), a agressividade é a consequência de uma inadaptação devido a lacunas tidas na fase da codificação da informação, dificultando a elaboração de respostas ou hipóteses alternativas, gerando apenas respostas mais simples e práticas para a resolução das mesmas. Estes défices sócio-cognitivos exprimem-se na dificuldade de pensar e agir noutros tipos de possibilidades e contextos, perante os problemas interpessoais, bem como tornam a criança menos reflexiva face aos sentimentos, emoções, pensamentos e intenções daquilo que acontece, potenciando a ocorrência de comportamentos agressivos (Ramirez, 2001).

O mesmo autor refere que o modo como as crianças codificam a informação e a aplicam no futuro depende da forma como as mesmas elaboram as crenças relativas à violência e à agressividade ao longo dos anos e àquilo a que foram expostas. Se estas crianças forem sistematicamente expostas a episódios violentos de agressividade, com o tempo irão estar num patamar inseguro, com um elevado risco de desenvolverem psicopatologias infantis, bem

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
como uma maior predisposição para a execução dos mesmos comportamentos de violência na fase adulta (Ramirez, 2001).

Contudo, no ponto de vista de Sani (1999), a criança ou jovem tem características reativas já integradas no seu funcionamento cognitivo, no qual interage, muitas das vezes, e de forma reativa e ativa com os seus familiares. Assim, este tipo de características inatas que cada criança ou jovem adquirirem, exerce um papel importante na forma como reagem em relação ao tipo de violência de que são vítimas. Sani (1999), na mesma linha de pensamento, ainda refere que as diferenças individuais que cada criança apresenta devem ser encaradas como factores de proteção, diminuindo dessa forma o risco à exposição à violência ou, pelo contrário, de vulnerabilidade, no qual terá o efeito adverso.

Com o objectivo de combater a agressividade infantil, existe um suporte social específico que a autora menciona de modo a responder e proteger os interesses das crianças, como é o caso de haver amizades estáveis entre os pares, o estabelecimento de uma relação afetiva positiva entre os pais e familiares, a integração da criança em atividades, no qual recebe um reconhecimento positivo, bem como o desenvolvimento de competências intelectuais e de coping da criança. Como resultado da execução destes factores, haverá uma maior probabilidade de haver uma diminuição dos erros cometidos e por conseguinte, um aumento significativo de mecanismos de proteção contra a violência (Costa & Sani, 2007; Sani, 1999).

3.4.4. Factores de Personalidade

Segundo Ramirez (2001), as crianças podem ter uma forte tendência para desenvolver quadros psicóticos se manterem ativos os estados agressivos, ou seja, se continuarem a ser agressivas para com os outros. Isto irá fazer com que haja um prazer exagerado na forma de manipulação e na despreocupação com os outros.

Na opinião do autor, as crianças agressivas apresentam maiores níveis de crueldade e insensibilidade perante problemas alheios do que outras crianças mais pacatas, fazendo com que tenham também maiores dificuldades em se relacionarem com os outros. Também acrescenta que as crianças agressivas tem o hábito de se aborrecerem com muita facilidade,

não prestam atenção aos detalhes e os seus sentimentos são variáveis, no qual tanto podem estar alegres, como de repente, por qualquer motivo, podem ficar com raiva severa (Ramirez, 2001).

Em suma, o autor refere que é necessário ter em conta que as crianças agressivas tendem a manter o seu comportamento agressivo por longos períodos de tempo, tornando-o como uma característica permanente, no qual por defeito terá consequências, entre os quais haverá uma maior inclinação para o risco e mais situações de perigo e violência (Ramirez, 2001).

Costa e Sani (2007) consideram que, se houver um défice na forma como se lida com as situações adversas de forma cooperativa e eficaz e se houver uma tendência para experimentar e vivenciar emoções negativas e/ou desadaptadas, como é o caso da cólera e ansiedade, respetivamente, na opinião dos mesmos, pode haver condições para ocorrer reações agressivas e dessa forma, gerar episódios violentos.

Não obstante, Ceconello e Koller (2000), acreditam que é possível ultrapassar esse obstáculo pela inclusão de um fator muito importante, que muitas crianças e até jovens tem em falta, que é a resiliência. Na opinião dos mesmos, este construto é entendido como a capacidade que o ser humano tem de fazer frente às adversidades e obstáculos que se atravessam nos seus caminhos e quotidianos, inclusive às situações de grande impacto psíquico, ou situações traumáticas, no qual há o poder interior para as superar, ou mesmo transformar, criando assim novas alternativas de coping que darão resposta de forma eficaz à forma como se interage com as pessoas e com o meio (Ceconello & Koller. 2000).

3.5. A Percepção - Conceito

A percepção é um dos temas mais estudado ao longo dos anos e tem sido aplicado em várias áreas desde à cognitiva comportamental, construtivista, visual, espacial, entre outras. Nesta dissertação vai ser focada a percepção visual na relação entre pessoas, como preditor do comportamento agressivo.

Segundo autores como Epstein e Rogers (1995, citado por Sternberg, 2008, p.115): “*a percepção é o conjunto de processos pelos quais reconhecemos, organizamos e entendemos as sensações que recebemos dos estímulos ambientais*”.

Neisser (1976) considera que a percepção é um processo cognitivo, no qual é usado para verificar a forma como o ser humano observa, analisa e percebe o mundo e a realidade à sua volta. Este autor afirma que a percepção, por ser um processo cognitivo primitivo, é a união entre a razão e o ato de pensar, nomeadamente, a cognição, com a realidade, no qual se interagem de forma natural (Neisser, 1976). O mesmo autor considera ainda que o processo que envolve a percepção é extenso e complexo, e por natureza implica uma total compreensão e concentração por parte da pessoa se o quiser interpretar da melhor maneira.

Em termos de aplicabilidade, os sujeitos quando interagem entre si, seja em convívios sociais, seja em momentos de lazer tem percepções das outras pessoas daquilo que estão a ver, a ouvir e fazem essa análise e processamento de informação do não verbal da pessoa já de uma forma automática, tendo noção de que posteriormente, com o decorrer da conversa, estão a ter um convívio pacífico, ou noutras situações em que um conflito está eminente, por exemplo (Neisser, 1976). O autor revela ainda que sempre que as pessoas conversam, tendem a focar a sua atenção para a região dos olhos, o tão popular contacto “olhos nos olhos” e quando a conversa já tem alguma duração, começam a desviar o olhar para a zona dos lábios de forma a poder interpretar aquilo que a outra pessoa está a dizer, sendo os movimentos labiais um importante modo de como a informação está a ser dita.

Furst (1979) aponta que as pessoas no seu dia a dia não reparam em tudo. Há pessoas com maior habilidade para prestar atenção, e por conseguinte ter uma percepção mais eficaz daquilo que acontece na sociedade, outras nem tanto. Consoante as situações e as características próprias das pessoas, irão apresentar formas de percepção diferentes, por exemplo, ao longo do dia. A atenção é, dessa forma, variável. O autor refere que nem sempre estão atentas e por vezes tendem a ignorar os estímulos que aparecem por serem repetidos ou serem já conhecidos, ou até mesmo por não chamarem tanto à atenção. Em termos corporais, quando a pessoa não está atenta ao que a rodeia ou já está familiarizada com a situação, os movimentos oculares diminuem de frequência e o padrão de movimento torna-se mais previsível e enviesado. Em termos cerebrais, esta desatenção provoca diminuição da taxa de processamento da informação visual, movendo-se para outras atividades, sejam elas motoras, sensoriais, etc (Furst, 1979).

Na opinião do autor, o estilo de percepção tem um valor importante de sobrevivência para a pessoa, uma vez que coloca todas as funções e processos cognitivos em interligação para

puder responder às necessidades da pessoa face ao meio (Furst, 1979). Na mesma linha de pensamento, o autor refere que as pessoas usam sempre a percepção nas situações mais importantes, no qual muitas vezes as pessoas dedicam atenção mínima a eventos e acontecimentos rotineiros do dia a dia, e tendem a estar mais concentrados e a prestar mais atenção, e por conseguinte ter uma melhor percepção para mensagens, eventos e acontecimentos que são importantes ou que ponham em risco a vida dos mesmos, não podendo ser dessa forma ignorados.

Em situações em que há conflitos, ou que há algo inconveniente a acontecer ou até mesmo em situações em que a pessoa esteja em perigo de vida, todas as funções cognitivas ficam em estado de alerta e, dessa forma, estará com atenção plena à realidade que ocorre e pode tomar decisões, uma vez que essa análise e percepção é feita à anteriori, pelo reconhecimento visual e processamento da informação, no qual conseqüentemente prepara então a pessoa para o que fará a seguir (Furst, 1979).

Em suma, o estilo de percepção que as pessoas normalmente possuem para interpretar e prestar atenção para a realidade e ao meio em que vivem, prepara a pessoa para o que pode acontecer a seguir, podendo a percepção ser um bom preditor do comportamento agressivo (Neisser, 1976).

3.6. Factores Preditores da Agressividade na Expressão Facial

Existem alguns factores que, quando evidenciados na face, podem predizer o comportamento agressivo, designando-se por micro e macro expressões da emoção cólera/raiva. Mesmo sem haver linguagem verbal agressiva ou ações, a expressão facial ou tom de voz, apresenta o sentimento que temos perante algo que acontece (Lemerize & Dodge, 2000).

Ekman (2003) considera que a raiva, sendo a mais negativa das emoções, é a que melhor transmite aos outros o problema em vigor. Como em todas as emoções, a raiva, ou também chamada de cólera, apresenta-se tanto na face como na voz. Se uma determinada pessoa for a responsável pelo conflito, pelo facto de termos raiva, a nossa expressão facial demonstra à outra pessoa que o que ela está fazendo é censurável, e que não pode ser aceitável. Contudo,

há sempre inconvenientes, nem sempre se consegue disfarçar as emoções e sentimentos que sentimos, muito menos quando existem expressões faciais associadas dessas emoções e que são evidenciadas naturalmente na face (Ekman, 2003).

Segundo o mesmo autor, quando a pessoa está com cólera, também apresenta variações corporais tais como sensações de pressão, tensão e calor. Mais concretamente temos subidas nos batimentos cardíacos e na respiração. A pressão arterial sobe e a face pode ficar vermelha. Numa das situações em que a pessoa esteja em silêncio e a conter-se pode haver a tendência para que os dentes superiores possam ir contra os dentes inferiores, de roer e empurrar o queixo para a frente. Noutras situações pode haver a necessidade de avançar na direção do alvo e atacar. Estas são sensações comuns que, na opinião do autor, são o que a maioria das pessoas possui ao sentir esta emoção negativa (Ekman, 2003).

A emoção cólera quando está evidenciada, os seus movimentos faciais provocam o descaimento das sobrancelhas; há um acentuado enrugamento da testa; existe uma contração das têmporas; os olhos tendem a cerrar mas não fechar. Consequentemente há uma contração da raiz do nariz; as narinas tendem a dilatar; há uma contração para dentro da infraorbital; dá-se o cerramento da boca; e por fim contrai-se o queixo (Freitas-Magalhães, 2011).

Em termos de análise da cólera/raiva existe a quantificação feita usando o FACS (Facial Action Coding System) no qual, através da contabilização e codificação de 44 movimentos faciais (AUs), das mais de 10 mil expressões existentes no manual, que será descrito posteriormente, consegue detetar com precisão 76 por cento das micro-expressões que se salientam na face. Para que as expressões possam ser sustentadas, é necessário que se faça uma análise minuciosa dos músculos faciais, o qual se destaca esta abordagem como a melhor forma de analisar e compreender o comportamento não verbal. Os músculos tem, portanto, um papel fundamental na análise das micro e macro expressões faciais, uma vez que sem isso não é possível ao cérebro expressar as suas emoções (Freitas-Magalhães, 2011).

Em qualquer emoção, existem então AUs que lhe estão associadas que tornam possível a análise no FACS, pelo facto de estarem salientadas na face. No caso da cólera e segundo Ekman (2001) a codificação do FACS para esta emoção é a junção das AUs 4 + 7 + 9 + 23 + 24 + 44. Isto significa que a emoção cólera, na sua génese, engloba estas 6 AUs. Em termos de músculos faciais associados, a AU 4 que corresponde ao abaixamento das sobrancelhas

tem o corrugator supercilii e depressor supercilii como músculos faciais; já no que toca à AU 7, que corresponde à tensão das pálpebras, tem como músculos faciais o orbicularis oculi e o pars palpebralis; a AU 9 que significa o franzimento do nariz, tem como músculos faciais o levator labii e o superioris alarum nasi; a AU 23 que está associada ao afunilamento dos lábios, tem como músculos faciais o orbicularis oris; relativamente à AU 24, que está associada ao apertar dos lábios, tem como músculos faciais o orbicularis oris; e por último, a AU 44, que está associada ao acentuado estreitamento da abertura das pálpebras, tem como músculos faciais o orbicularis oculi e o pars palpebralis (Ekman, 2001).

A manifestação da agressividade pode ser analisada por dois factores e segundo Anderson e Huesmann (2003), existem os factores de agressividade e factores situacionais. Os factores pessoais, na opinião dos autores, incluem todas as crenças, atitudes e tendências comportamentais que cada indivíduo tem perante um acontecimento agressivo. Já os factores situacionais, implicam situações que regulam o comportamento, no qual aumentam ou diminuem a probabilidade do indivíduo para a agressão, como insultos verbais, situações de conflitos sociais, bem como a presença de consumo de álcool e/ou drogas que naturalmente aumenta a propensão para os comportamentos agressivos e/ou anti-sociais (Anderson & Huesmann, 2003).

Os mesmos autores consideram que a conjuntura atual, no qual integram os conflitos sociais, a tensão e a política económica podem e devem ser tidos em consideração como factores preditores de agressividade (Anderson & Huesmann, 2003). Contudo, no que toca à auto-estima, já não se trata do mesmo, visto que as crenças e atitudes de cada indivíduo, para gerir situações instáveis das suas vidas, interferem com a percepção da agressividade e o uso da mesma (Anderson & Huesmann, 2003).

Na opinião de Marcovits, Benenson e Dolenszky (2001) e Dodge e Newman (1981), há evidências de que, se for feita uma deteção rápida, bem como uma correta análise de estímulos potencialmente ameaçadores, irão se criar factores e mecanismos importantes e seguros para que as pessoas possam fazer interações sociais bem-sucedidas. Pelo facto da face ser considerada pela comunidade científica como a melhor forma de estudar o comportamento não verbal, uma determinada ameaça vai originar um valor adaptativo na pessoa por representar um sinal de perigo e com consequências naturalmente negativas (Ceccarini & Cadek, 2013).

3.7. Factores Preditores da Agressividade na Linguagem Corporal

A comunicação não verbal não está só restrita à face. Também existem gestos e comportamentos corporais que podem predizer o ato agressivo. Segundo Pease (2006) sempre que alguém se encontra de punhos fechados ou apresenta-se com os braços cruzados, é sinal de hostilidade/raiva, bem como uma atitude defensiva. Se a pessoa apresentar estes gestos e integrar com lábios-unidos ou dentes fechados e rosto avermelhado, pode ter lugar a uma agressão verbal ou mesmo física (Pease, 2006).

Já no que toca a gestos que são usados entre pessoas, o mesmo autor notou que em determinado tipo de culturas e países há certos tipos de gestos que são usados de forma agressiva. Pease (2006) considera que na Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia e Malta quem adotar os dedos indicador e médio, fechando os restantes e fazê-lo com as costas da mão para a pessoa é o sinal de formato “V” que significa hostilidade. Contudo, em países como a Alemanha, França, e principalmente nos estados unidos da América não há consenso, tendo vários significados: vitória, paz, e número 2, respetivamente.

Outro gesto, este mais universal, e havendo maior consenso entre indivíduos, é fechar todos os dedos excepto o dedo do médio. Em muitos países e culturas desenvolvidas este gesto é considerado hostil e agressivo. É usado com o intuito de ofender a outra pessoa (Pease, 2006).

O mesmo autor finaliza dizendo que, em termos de inclinação da cabeça, se o indivíduo por o seu queixo para baixo, apresenta uma atitude negativa, de avaliação crítica ou agressiva perante a outra pessoa. O processamento da informação neste caso pode ser feito com a cabeça voltada para baixo e, até a pessoa levantar ou inclinar a cabeça, a outra pessoa pode ter problemas e um conflito iminente (Pease, 2006).

A baixa atratividade física tem sido associada à percepção de criminalidade de tal forma que, na opinião de Maclin e Herrera (2006), as pessoas fisicamente não atraentes são classificadas como sendo mais propensas a atos criminosos comparativamente às pessoas classificadas como atraentes. Neste caso, afirmam que os homens não atraentes tendem a ser percebidos como mais propensos a cometer atos criminosos do que pessoas do sexo

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos feminino, entre os quais os crimes de homicídio ou roubo são os mais frequentes (Maclin & Herrera, 2006).

Kocsis (2003) refere que os perfis de criminosos podem ser usados num contexto policial e forense para analisar os padrões e tendências dos comportamentos que melhor identificam os crimes violentos ou séries de crimes, com o objetivo de delinear as particularidades do presumível ofensor (Kocsis, 2003). Segundo Hicks e Sales (2006) e Beauregard, Lussier e Proulx (2007), esta técnica sendo usada integra processos de recolha e análise da cena de um crime, com o objectivo de predizer o comportamento, as características de personalidade e os indicadores sócio-demográficos do ofensor que cometeu esse mesmo crime, estreitando o campo de suspeitos e ajudando na sua detenção. Os perfis criminais costumam ser aplicados a crimes violentos e homicídios em série, crimes de violação, crimes sexuais a crianças, sequestro, incêndio e assalto à mão armada (Strano, 2004).

Capítulo IV - Metodologia Quantitativa da Expressão Facial da Emoção

4.1. FACS (Facial Action Coding System)

O Facial Action Coding System (FACS) é um instrumento de análise e reconhecimento facial da expressão humana e foi criado na década de 70 por Izard, Ekman e Friesen, sendo, até hoje, o instrumento mais conhecido e mais utilizado na comunidade científica (Freitas-Magalhães, 2013).

O FACS analisa e avalia as Action Units (AUs), e não os músculos, uma vez que a exibição de uma emoção através da expressão facial implica a ação de vários músculos. “*O que se pretende é verificar o movimento do conjunto de músculos que constitui uma determinada unidade de ação*” (Freitas-Magalhães, 2013, p. 110). Nessa análise é importante ter em conta a intensidade, a duração e a assimetria com que a emoção é expressa. O FACS faz a divisão das AUs por localizações e grupos.

Este instrumento integra duas áreas de estudo: Upper Face (Face Superior) e Lower Face (Face Inferior), tendo por base as quarenta e quatro unidades de ação da face, que foram mencionadas anteriormente (Freitas-Magalhães, 2013).

Na Upper Face são consideradas as estruturas musculares da testa, dos olhos e sobrolhos. Na Lower Face, consideram-se o nariz, a boca, o queixo e as bochechas. Com a revisão de 2002, o FACS passa a considerar novas AUs. Estas AUs analisam, identificam e categorizam as expressões faciais quanto ao posicionamento e movimentos da cabeça, dos olhos, ações horizontais e oblíquas, orbitais, heterogêneas e mistas. De acordo com o FACS, as emoções básicas são assim codificadas, genericamente: Alegria (AUs 6+12+25); Tristeza (AUs 1+4+15); Cólera (AUs 4+7+9+23+24+44); Medo (AUs 1+2+4+20+25); Aversão (AUs 7+10+25); Surpresa (AUs 1+2+5+25 ou 26); Desprezo (AUs 9+10+41+61 ou 62) (Freitas-Magalhães, 2013).

A Plataforma do F-M FACS 2.0 é composta por 2.000 segmentos, entre as versões F-M FACS 2.0 EDU e F-M FACS 2.0 PRO, que contemplam conteúdos em vídeos, imagens, tabelas, gráficos e arquivos de textos sobre a temática do Facial Action Coding System (FACS), Expressão Facial da Emoção e Microexpressões Faciais (Freitas-Magalhães, 2017).

Os materiais das plataformas são o fruto de o que há de mais atualizado e avançado no ensino e na investigação da face humana e reúnem, por exemplo: tecnologia de captação e gravação de imagem em qualidade 4K para modelos humanos; faces digitais em 3D criadas e manipuladas deliberadamente em laboratório para fins didáticos; e a codificação automática em tempo real, realizada pelo software FaceReader 7.1, sobre diversos materiais com faces humanas e digitais (Freitas-Magalhães, 2017).

Estão incluídos 2 livros em cada Plataforma (EDU e PRO), sendo 1 comum às 2, que é o Facial Action Coding System 2.0: Manual de Codificação Científica da Face Humana (2017), de autoria do Professor Doutor Freitas-Magalhães, um dos maiores especialistas do mundo na atualidade, com bibliografia atualizada e essencial para o estudo científico da face.

Os outros dois livros dizem respeito a um guia específico para cada versão do F-M FACS 2.0, que apresentam os materiais, trazem informações relevantes e sugerem uma sequência progressiva de estudo, com exemplos de exercícios (Freitas-Magalhães, 2017).

As plataformas contemplam materiais que incluem o ensino e a prática, desde a anatomia da expressão facial, passando pelas unidades de ação e demais códigos do FACS, pelas expressões faciais da emoção, até o estudo da microexpressão facial (Freitas-Magalhães, 2017).

4.2. FaceReader 7.1

Trata-se de um software produzido pela empresa holandesa Noldus, que está em constante atualização e é capaz de codificar e interpretar em estados emocionais, uma determinada expressão facial (Loijens, Krips, Grieco, Van Kuilenburg, Den Ully, & Ivan, 2016).

A versão mais recente do FaceReader é a 7.1, que inclui 20 AUs do FACS e converte a pontuação de uma respectiva expressão, em uma emoção, tendo como base, as já citadas 7 emoções básicas, é capaz de fazer a leitura por meio de imagens e/ou vídeos carregado voluntariamente no software, ou por meio de uma transmissão de vídeo em tempo real, como de uma webcam, por exemplo. Entre outras características deste software, vale apontar o sistema de calibração individual para as faces lidas, sendo que este pode ser configurado de forma automática pelos algoritmos do software, ou manualmente, registrando-se a face neutra do participante e inserindo informações como gênero, etnia e idade. Há também opção de ligar e desligar o rastreamento da direção dos olhos e da posição de cabeça. Os dados e resultados da análise são exibidos em vários modelos de gráficos e tabelas, que podem ser salvos e exportados do programa (Loijens et. al. 2016).

A importância e as possibilidades da utilização do reconhecimento facial por meio tecnológico, já havia sido apontada em 1999, na conclusão de um artigo intitulado “Measuring facial expressions by computer image analysis”, que contou com a participação de Ekman e Hager:

“An automated system would make facial expression measurement more widely accessible as a research tool in behavioral science and medicine and would provide alternative measures of visual stimuli and behavioral responses in psychophysiological investigations into the

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
neural substrates of emotion and facial expressions” (Barlett, Hager, Ekman, & Sejnowski,
2009, p. 262).

F-M Basic Emotions FaceReader 7.1 (2017)

Outro material confirmado para integrar o FACS 2.0 é a F-M Basic Emotions FaceReader 7.1 (F-MBEFR7), que visa o estudo das emoções e traz imagens com modelos humanos representado as 7 emoções básicas (Loijens et. al. 2016).

PARTE II - Estudo Empírico

1. Objetivos do Estudo

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a percepção dos jovens adultos sobre indicadores de expressão facial e linguagem corporal, que podem ser preditores do comportamento agressivo.

Para isso foram estabelecidos alguns objetivos específicos:

- Compreender a forma como os jovens adultos entendem a agressividade e que noção tem da mesma;
- Compreender até que ponto a agressividade está presente e é usada no dia a dia nos jovens adultos;
- Investigar a forma como os jovens adultos percebem um comportamento agressivo e como pode ser antecipado, pela análise do comportamento não verbal.

2. Variáveis

As variáveis do estudo empírico são a Agressividade, como sendo o construto principal das análises desta investigação, bem como a expressão facial/linguagem corporal, enquadrando-se nas variáveis independentes. Já a variável dependente é a percepção que os jovens adultos têm do que é o comportamento agressivo e de como o podem antecipar/prever, tendo em conta essa análise que fazem do comportamento não verbal (expressão facial/linguagem corporal). Dessa forma em resumo, as variáveis independentes são: Agressividade e expressão facial/linguagem corporal. A variável dependente é: Percepção dos jovens adultos.

3. Hipóteses

Dado à temática em causa seria interessante investigar até que ponto a expressão facial da emoção e a linguagem corporal podem ser consideradas preditoras do comportamento agressivo; e se os jovens adultos tem uma percepção adequada do que é um comportamento agressivo e se o conseguem prever.

4. Metodologia

4.1. Caraterização da amostra

Para o presente estudo será utilizada uma amostra de conveniência (não-aleatória) constituída por adultos do sexo masculino e feminino. Estimou-se a realização de 40 participantes no estudo, entre os quais 18 são indivíduos do sexo masculino (45% da amostra) e 22 do sexo feminino (55% da amostra), como apresenta a Tabela 1 (Ver Anexo 1).

Tabela 1. Sexo

Sexo					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Feminino	22	55,0	55,0	55,0
	Masculino	18	45,0	45,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

As idades estão compreendidas entre os 19 e os 35 anos, em que a média ronda os 21 anos (22,5% da amostra). Apesar da maior parte da amostra rondar os 20-25 anos, o desvio padrão é de 3,564, sendo naturalmente elevado dado à diferença de idades no estudo, como se pode verificar pela Tabela 2 e Figura 1.

Tabela 2. Idade

Idade					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válidos	19	4	10,0	10,0	10,0
	20	6	15,0	15,0	25,0
	21	9	22,5	22,5	47,5
	22	4	10,0	10,0	57,5
	23	6	15,0	15,0	72,5
	24	3	7,5	7,5	80,0
	25	3	7,5	7,5	87,5
	26	1	2,5	2,5	90,0
	29	2	5,0	5,0	95,0
	33	1	2,5	2,5	97,5
	35	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

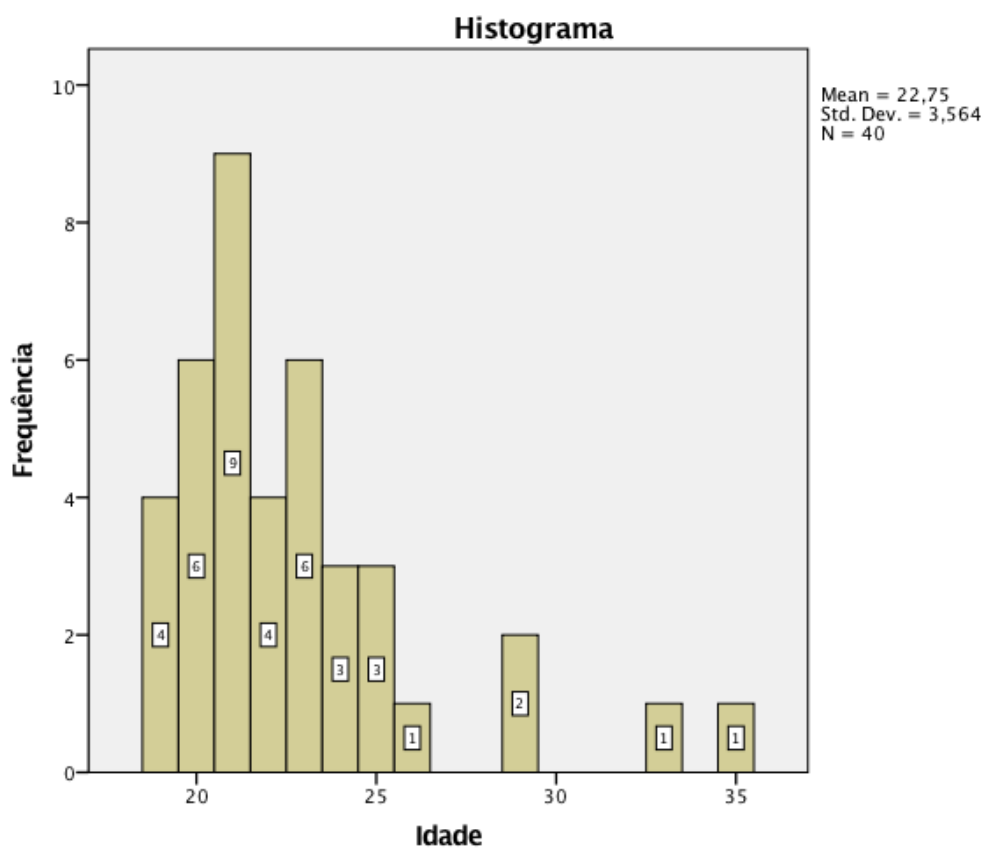


Figura 1. Idade

Quase todos os participantes são solteiros (92,5% da amostra) excepto dois que são casados (5% da amostra) e um que apresenta estatuto de união de facto (2,5% da amostra), como se pode verificar pela Tabela 3. Apenas 5 participantes são trabalhadores estudantes, os restantes 35 são apenas estudantes universitários (87,5% da amostra), como mostra a Tabela 4. A maioria tem como habilitações concretizadas o ensino secundário (72,5% da amostra), apesar de estarem atualmente a frequentar o ensino superior. Quem já tem formação de ensino superior (licenciatura e/ou a frequentar mestrado) são 11 participantes (27,5% da amostra), sendo possível mostrar através da Tabela 5.

Tabela 3. Estado civil

Estado Civil					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Solteiro(a)	37	92,5	92,5	92,5
	Casado(a)	2	5,0	5,0	97,5
	União de Facto	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Tabela 4. Ocupação profissional

É trabalhador estudante?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Sim	5	12,5	12,5	12,5
	Não	35	87,5	87,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Tabela 5. Habilitações

Habilitações					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Ensino Secundário	29	72,5	72,5	72,5
	Ensino Superior	11	27,5	27,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

A maioria dos sujeitos pertence ao distrito do porto (62,5% da amostra). Outra parte da amostra reside em Aveiro (22,5% da amostra), e os restantes pertencem ao distrito de Braga, Viana do Castelo e Coimbra, como se pode verificar pela Tabela 6 e Figura 2. Todos os participantes apresentam a nacionalidade portuguesa (80% da amostra), excepto 3 que são de nacionalidade brasileira, 2 de nacionalidade angolana, 2 de nacionalidade italiana e 1 de nacionalidade espanhola, como apresenta a Tabela 7 e Figura 3.

Tabela 6. Distrito de Residência

Distrito de Residência					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Porto	25	62,5	62,5	62,5
	Aveiro	9	22,5	22,5	85,0
	Braga	3	7,5	7,5	92,5
	Viana Do Castelo	1	2,5	2,5	95,0
	Coimbra	2	5,0	5,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

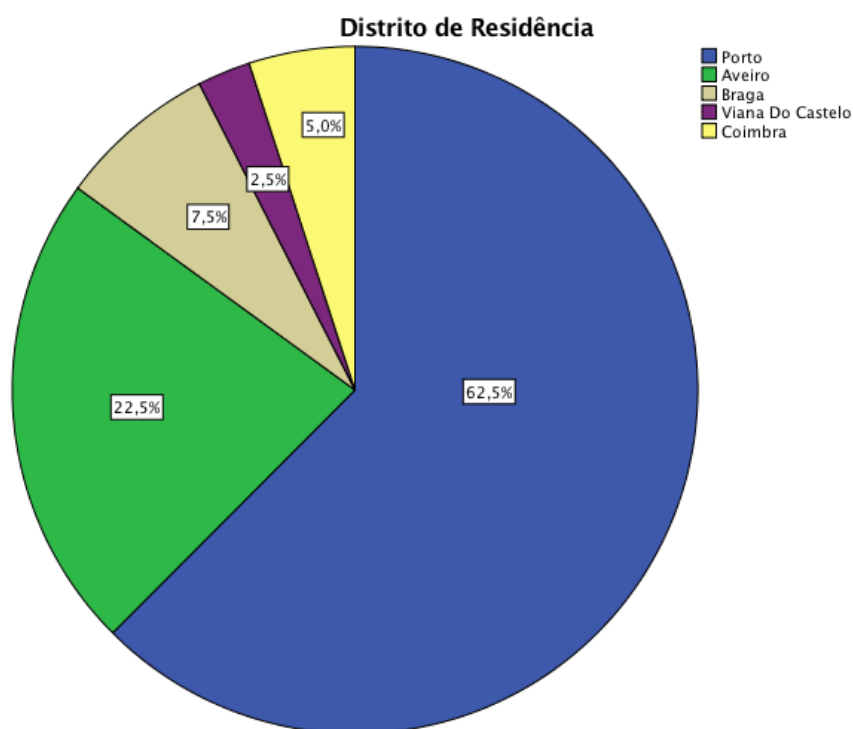


Figura 2. Distrito de Residência

Tabela 7. Nacionalidade

Nacionalidade					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válidos	Portuguesa	32	80,0	80,0	80,0
	Brasileira	3	7,5	7,5	87,5
	Angolana	2	5,0	5,0	92,5
	Italiana	2	5,0	5,0	97,5
	Espanhola	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

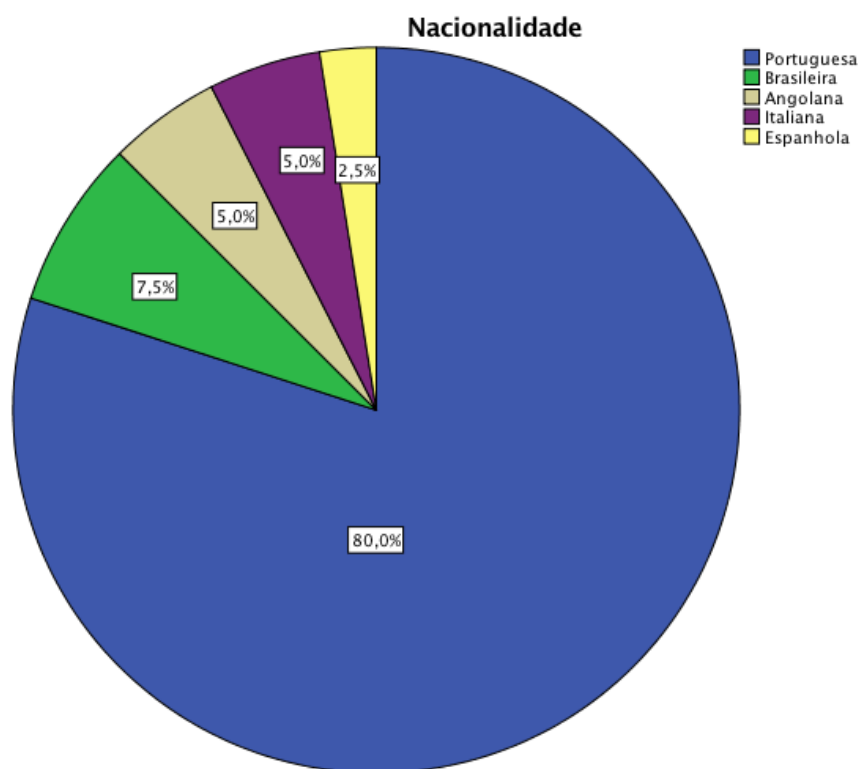


Figura 3. Nacionalidade

Os critérios de inclusão dos sujeitos na amostra são: jovens adultos, estudantes universitários e pertencentes à população geral.

4.2. Materiais e Procedimento

Este estudo enquadra-se numa vertente exploratória, explicativa, transversal, observacional e será baseado no método do inquérito usando a técnica do questionário.

Em primeiro lugar, foi feito o termo e a declaração de consentimento informado a ser entregue aos voluntários do estudo, no qual lhes foi explicado toda a informação relativa à investigação, referindo que todos os aspetos estão de acordo com o Código Deontológico dos Psicólogos (2012), bem como serem válidos em termos éticos e académicos. Adicionalmente, foi-lhes explicado que se trata de uma participação voluntária; que o consentimento informado de cada participante é tido de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato de toda e qualquer informação recolhida no decorrer da investigação; informar os fins meramente académicos desta investigação, bem como a desistência que tem e a possibilidade de interromper ou fazer perguntas em qualquer altura.

Posteriormente, foi desenvolvido o questionário para o estudo empírico. O mesmo é composto por quatro partes, a primeira relaciona-se com a recolha de dados sociodemográficos, estes englobam sete itens, no qual se pede para identificar o sexo, a idade, o estado civil, se é trabalhador estudante ou não, as habilitações, o distrito de residência e a nacionalidade; e as restantes partes englobam questões de investigação. Em pormenor, a segunda parte tem perguntas abertas e fechadas, bem como perguntas de escolha múltipla sobre a temática da agressividade, no qual se pretende avaliar a percepção que as pessoas, nomeadamente, os jovens adultos tem do que é a agressividade, e se determinados indicadores da expressão facial e do comportamento não verbal, linguagem corporal, podem ser consideradas como preditores do comportamento agressivo.

Na terceira parte foram escolhidos grupos de imagens de tipos de linguagem corporal e facial que são consideradas agressivas, em que se pergunta quais das imagens é a mais agressiva e qual é mais favorável que se cometa um ato agressivo. No que toca à quarta parte do questionário, foram escolhidos 3 vídeos com agressividade/violência de pessoas em movimento no qual, através da observação, se pede à pessoa para analisar o comportamento não verbal e prever o que acontecerá a seguir. Foram seleccionados 3 vídeos de ordem agressiva em contextos diferentes. Um primeiro está relacionado com uma manifestação de

taxistas contra a plataforma de serviço de transporte (UBER), o segundo vídeo diz respeito a um confronto entre adeptos de clubes de futebol depois do jogo num centro comercial, e por fim, o terceiro vídeo está associado com um confronto entre condutores e imigrantes portugueses na auto-estrada. Para cada vídeo, os participantes tinham de analisar por breves segundos o clipe e depois o vídeo era posto em pausa e teriam de responder à pergunta “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”. Se necessitassem de ver de novo podiam repetir a cena. Depois, tendo em conta o que responderam na pergunta anterior, teriam de responder à segunda, tentando prever o que ia acontecer “O que achas que vai acontecer a seguir?”. Depois de terem respondido às duas perguntas, iriam ver o resto do vídeo, no qual iriam verificar se as suas previsões estavam certas ou não. No final, responderiam à pergunta “Se acontecesse contigo o que farias?”, enquanto espectadores no local. Este procedimento foi feito da mesma forma nos três vídeos.

Uma vez tendo concluído estes procedimentos, foram encaminhados para análise junto do Professor Doutor Freitas-Magalhães, no qual posteriormente deu o seu Feedback positivo e mais tarde foi necessário fazer o pedido de autorização junto do diretor da instituição (FEELab), Professor Doutor Freitas-Magalhães, com a informação acerca dos fins desta investigação, para poder iniciar a administração dos questionários junto dos alunos da universidade.

A metodologia esteve cronometrada para ser preenchida entre 15 a 25 minutos. Cada participante demorou cerca de 15 a 20 minutos a ler, assinar o termo de consentimento informado e a preencher o questionário. A maioria dos participantes não apresentou dúvidas ou teve dificuldades de interpretação, quer pela análise do termo, quer pelo preenchimento do questionário.

Posteriormente, os dados obtidos pelos questionários foram introduzidos no programa SPSS para análise geral. As imagens e os vídeos foram analisados sob uma perspetiva automática tendo em conta o FACS (Sistema de Codificação de Ação Facial) e o FaceReader 7.1, no qual se analisou as expressões faciais de raiva/cólera das imagens do questionário e dos figurantes nos vídeos, juntamente com o construto em destaque, a agressividade. Depois de se obterem os dados, feitos pela análise automática, foi executada uma comparação com os dados obtidos pelos participantes e dessa forma foi possível extrapolar conclusões do estudo.

5. Análise e Discussão dos Resultados

A apresentação dos resultados que se seguem ressalta de uma abordagem quantitativa, obtida pela análise feita pelo programa informático (SPSS). Adicionalmente, os dados relativos às imagens e vídeos do estudo foram também analisados pelo FACS e pelo FaceReader 7.1. As categorias de análise, que se mencionam posteriormente, foram elaboradas consoante os tipos de resposta que os participantes deram nos seus questionários.

Os resultados obtidos pelo SPSS revelam que, e em primeira análise, no que toca à primeira pergunta da PARTE 2 de desenvolvimento do questionário “O que entendes por agressividade?”, as categorias seleccionadas eram: emoção/sentimento negativo; irritabilidade física e/ou psicológica/instabilidade emocional; palavras e/ou gestos violentos/ofensivos; comportamento/atitude/tendência crítica, intimidatória e/ou ofensiva; e ato violento (físico e/ou verbal e/ou outros), os participantes pontuaram mais na 4ª categoria, correspondendo a 27,5% da amostra, seguida da 2ª categoria, como a segunda mais escolhida, com 25% da amostra, como se pode verificar pela Tabela 8 e Figura 4 (ver Anexo 2).

Tabela 8. O que entendes por agressividade?

O que entendes por Agressividade?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Emoção/sentimento negativo	4	10,0	10,5	10,5
Irritabilidade física e/ou psicológica/instabilidade emocional	10	25,0	26,3	36,8
Palavras e/ou gestos violentos/ofensivos	4	10,0	10,5	47,4
Comportamento/atitude/tendência crítica, intimidatória e/ou ofensiva	11	27,5	28,9	76,3
Ato violento (Físico e/ou verbal e/ou outros)	9	22,5	23,7	100,0
Total	38	95,0	100,0	
Missing System	2	5,0		
Total	40	100,0		

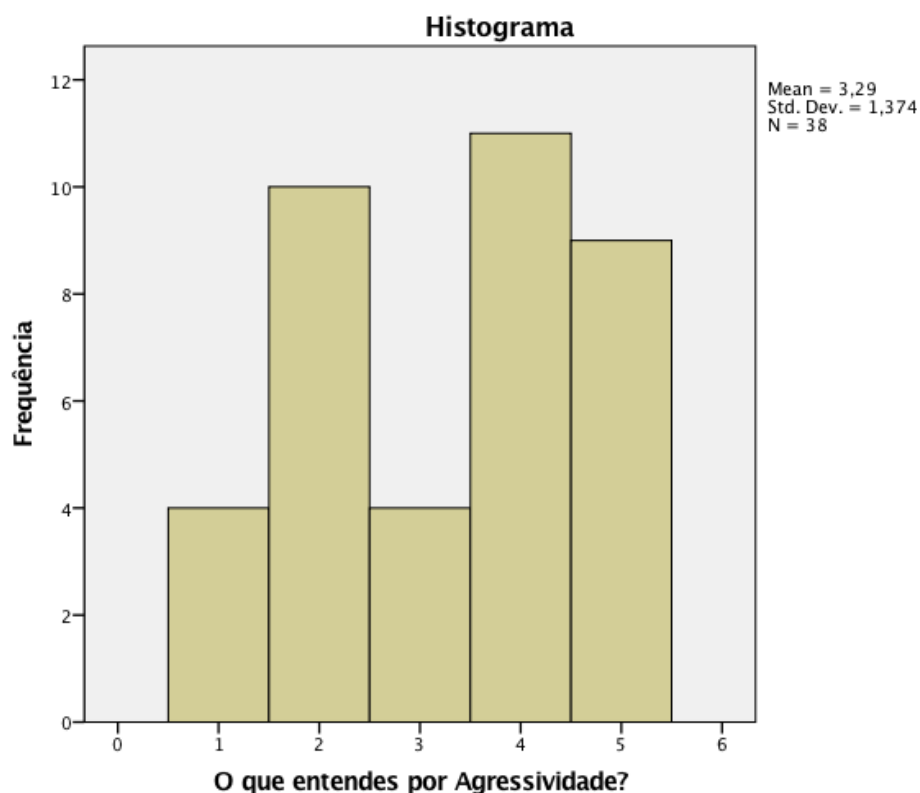


Figura 4. O que entendes por Agressividade?

Em termos de desvio padrão, o valor ($SD = 1.374$) indica alguma dispersão das respostas, contudo, a média respetiva de 3,29 ($M = 3,29$) implica um apuramento das respostas. Estes dados revelam que os participantes, de uma forma geral, entendem o conceito de agressividade, sabem que se trata de um construto negativo e que integra componentes psíquicas e físicas da pessoa na interação com outras. Os participantes entendem que a agressividade tanto pode ser um comportamento/atitude/tendência crítica, intimidatória e/ou ofensiva perante alguém, como também pode ser um estado emocional instável, com irritabilidade física e/ou psicológica. Estes resultados vão em encontro com a literatura e com os estudos feitos Berkowitz (1993). Porém, houve dois participantes (5% da amostra) que se absteram a responder à pergunta, enquadrando-se nos *missings*. Para estes dois participantes o conceito de agressividade é-lhes desconhecido, dessa forma, em termos de percepção da realidade, estão em nível desfavorável em relação aos outros participantes.

Relativamente à pergunta número dois “consideras a agressividade má?”, 28 pessoas referiram que Sim, correspondendo a 70% da amostra, já as restantes 11 consideram que a agressividade não se trata de um construto mau, correspondendo a 27,5% da amostra. Apenas um participante absteu-se a responder a esta pergunta, como pode verificar na Tabela 9.

Tabela 9. Consideras a Agressividade má?

Consideras a Agressividade má?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válidos	Sim	28	70,0	71,8	71,8
	Não	11	27,5	28,2	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Missing	System	1	2,5		
Total	40	100,0			

De uma forma geral, os participantes consideram que a agressividade é um construto mau, negativo, que revela os piores sentimentos e emoções que uma pessoa pode sentir para com outro, indo em conta com o que a literatura mencionada anteriormente refere.

À pergunta 3, quando se questionou aos participantes se sabiam distinguir agressividade de violência, a maioria disse que Sim, correspondendo a 82,5% da amostra. Já os restantes 17,5%, totalizando 7 participantes, responderam que não sabiam diferenciar os construtos, como é possível verificar pelos dados mostrados pela Tabela 10 (Ver Anexo 2).

Tabela 10. Sabes distinguir Agressividade de Violência?

Sabes distinguir Agressividade de Violência?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Valida	Percentagem Cumulativa
Válidos	Sim	33	82,5	82,5	82,5
	Não	7	17,5	17,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Relativamente à pergunta seguinte, a número 3.1, que estava dependente de quem tivesse selecionado a opção Sim na pergunta anterior, e dessa forma soubesse definir o que era a violência, as opções de resposta foram comportamento irracional e/ou inconsciente sem noção das consequências; ato físico e/ou verbal para ferir/prejudicar; e pontapés e/ou murros. 57 participantes selecionaram a segunda categoria (ato físico e/ou verbal para ferir/prejudicar), correspondendo a 57,5% da amostra. A segunda opção mais seleccionada por entre os inquiridos foi a 3ª categoria (pontapés e/ou murros), no qual foi escolhida por 6 indivíduos, totalizando 15% da amostra, como se pode verificar na Tabela 11 e Figura 5.

Tabela 11. Se sim, e tendo já definido o que era Agressividade, o que é para ti a Violência?

Se sim, e tendo já definido o que era agressividade, o que é para ti a violência?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Comportamento irracional e/ou inconsciente sem noção das consequências	4	10,0	12,1	12,1
Ato físico e/ou verbal para ferir/prejudicar	23	57,5	69,7	81,8
Pontapés e/ou murros	6	15,0	18,2	100,0
Total	33	82,5	100,0	
Missing	7	17,5		
Total	40	100,0		

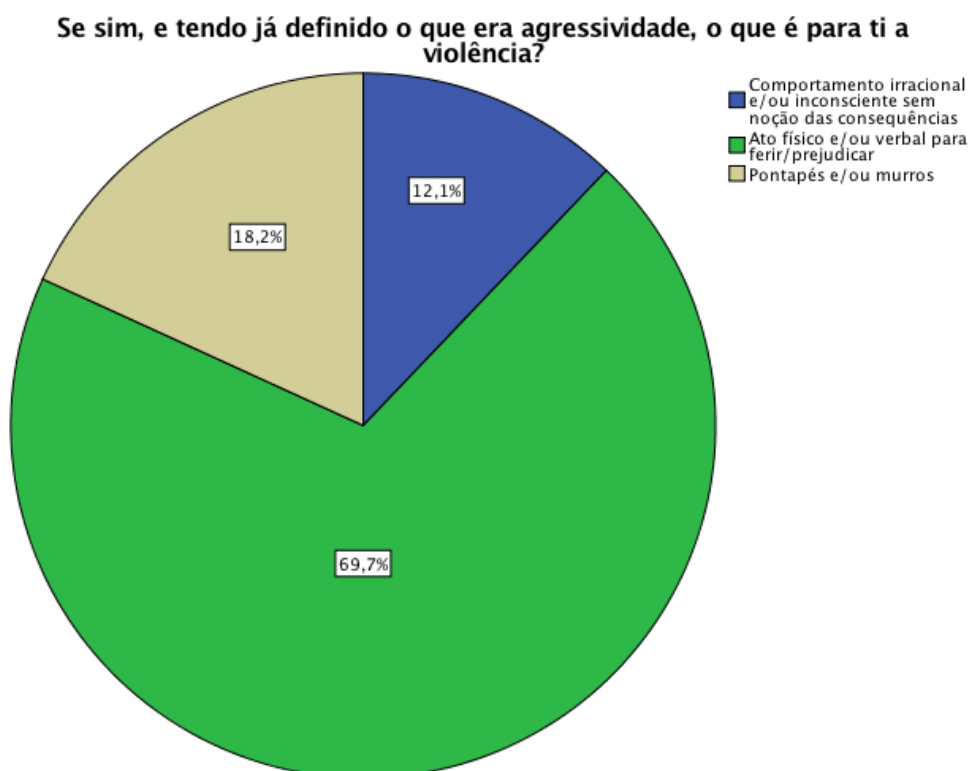


Figura 5. Se sim, e tendo já definido o que era Agressividade, o que é para ti a Violência?

De uma forma geral, os participantes tendo já uma noção do que é a agressividade, conseguem diferenciar da violência, referindo que esta última envolve uma interação mais hostil para com a outra pessoa. Os estudantes universitários desta amostra referem que a violência consiste em atos mais físicos e/ou verbais para ferir/prejudicar outra pessoa, bem como a utilização de pontapés e/ou murros na defesa ou ataque contra outros. Estes resultados estão de acordo com as factos apresentados por Berkowitz (1993) e Feshbach (1964). Tendo em conta que esta pergunta só seria aceite para quem seleccionasse a opção Sim na pergunta anterior, e tendo havido 7 indivíduos que não sabiam distinguir agressividade de violência, aparecem nestes resultados do SPSS como *missings*, tendo sido totalizados para esta pergunta 33 indivíduos dos 40 iniciais (82,5% da amostra).

No que concerne à pergunta número 4 “Consideras que existe agressividade na sociedade?”, todos os 40 participantes desta amostra referiram que Sim, que existe, totalizando 100% da amostra, como se pode verificar pela Tabela 12.

Tabela 12. Consideras que existe Agressividade na Sociedade?

Consideras que existe Agressividade na sociedade?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Sim	40	100,0	100,0	100,0

Estes resultados apontam para uma sugestibilidade e erro de escolha, uma vez que alguns dos participantes que tinham estado na categoria de *missings* noutras perguntas, nesta não foram coerentes na seleção da sua opção de resposta. Isto porque se alguns não sabem o que é o construto principal (agressividade), nem consideram que a mesma seja má, ou até mesmo se não sabem diferenciar agressividade da violência, teoricamente também não deveriam saber se a agressividade existe na sociedade ou não. Para os participantes, que têm sido coerentes na respostas, ao terem selecionado a opção afirmativa, que refere que a agressividade existe na sociedade, vão ao encontro com a literatura de que de facto este construto existe e hoje em dia há cada vez mais atos agressivos, violentos ou mesmo hostis (terrorismo) para com outras pessoas.

Relativamente à pergunta número 5 “Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas?”, 26 sujeitos, correspondendo a 65% da amostra, referem Às Vezes e os restantes 35% referem que Sim, as pessoas tem tendências para serem agressivas. Nenhum participante seleccionou a opção Não. Todavia, apesar de ninguém ter seleccionado a opção negativa, como a maioria seleccionou a opção às vezes, a variante negativa está dentro destes parâmetros, bem como a opção afirmativa, como se pode verificar pela Tabela 13.

Tabela 13. Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas?

Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Sim	14	35,0	35,0	35,0
	Às vezes	26	65,0	65,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Os resultados obtidos desta pergunta revelam que há pouca homogeneidade das respostas, uma vez que a opção mais seleccionada é a intermédia. Contudo, os participantes consideram que as pessoas tem alguma tendência para serem agressivas. Estes resultados também vão ao encontro com a literatura analisada.

No que diz respeito à pergunta número 6 “Consideras-te como uma pessoa agressiva?”, sensivelmente metade da amostra (55%) refere Às Vezes, enquanto que 18 participantes, correspondendo a 45% da amostra referem Não. Nenhuma opção afirmativa foi tida em conta pelos mesmos. Isto leva a crer que os participantes, tendo já uma noção do que é agressividade, na sua própria opinião e indo em conta com as suas próprias características, consideram que de vez em quando tem atitudes agressivas para com outros, como é possível ver pela Tabela 14. Estes resultados vão ao encontro dos estudos feitos sobre Furst (1979).

Tabela 14. Consideras-te como uma pessoa agressiva?

Consideras-te como uma pessoa agressiva?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Não		18	45,0	45,0	45,0
Às vezes		22	55,0	55,0	100,0
Total		40	100,0	100,0	

De seguida apresenta-se a pergunta número 7 “Costumas ter atitudes agressivas para com os outros?” e metade da amostra do estudo, cerca de 52,5% escolheu a opção Às Vezes. Já a restante parte, 19 pessoas, cerca de 47,5% escolheu a opção Não, como se pode verificar pela Tabela 15.

Tabela 15. Costumas ter atitudes agressivas para com os outros?

Costumas ter atitudes agressivas para com os outros?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Não	19	47,5	47,5	47,5
	Às vezes	21	52,5	52,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Da mesma forma como na pergunta a anterior, ninguém seleccionou a opção afirmativa. Isto pode ter a ver mais uma vez com sugestionabilidade, uma vez que estas perguntas mais individuais vão ao encontro com as próprias características dos sujeitos, no qual ao seleccionarem uma opção de resposta mais dúbia, nomeadamente, a opção Às Vezes, tornam-lhes menos susceptíveis de saírem da normatividade e dessa forma criam uma homogeneidade das respostas.

Relativamente à pergunta seguinte, a número 7.1, “Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?”, que naturalmente depende daquilo que foi seleccionado anteriormente (Sim ou Às Vezes), 16 pessoas, correspondendo a quase metade da amostra (40%) seleccionaram que Sim, tem percepção de que estão a ser agressivos e a ter atitudes agressivas para com os outros. Já apenas 4 (10% da amostra) consideram que Não. Isto totaliza 20 participantes dos 40 da amostra total (50%), uma vez que os outro 50% correspondem aos *missings* que naturalmente não foram contabilizados por terem escolhido a opção Não à pergunta anterior, como se pode ver na Tabela 16.

Tabela 16. Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?

Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Sim	16	40,0	80,0	80,0
	Não	4	10,0	20,0	100,0
	Total	20	50,0	100,0	
Missing	System	20	50,0		
Total	40	100,0			

No que concerne à pergunta número 8 “Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros?”, como se pode ver na Tabela 17, mais de metade da amostra, correspondendo a 28 sujeitos seleccionaram a opção Sim, enquanto que os restantes 12, correspondendo a 30% da amostra seleccionaram a opção Às Vezes.

Tabela 17. Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros?

Costumas analisar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com os outros ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Sim	28	70,0	70,0	70,0
	Às vezes	12	30,0	30,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Ninguém seleccionou a opção negativa. Pelo facto de haver maior percentagem para a opção afirmativa, leva a crer que os participantes deste estudo costumam analisar e interpretar o comportamento não verbal nas situações em que as pessoas estão a ser agressivas com os mesmos ou com outras pessoas.

De seguida apresenta-se a pergunta número 8.1, “Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer?”, as opções de resposta eram Sim, Não ou Às Vezes, e 30 participantes, correspondendo a 75% da amostra seleccionaram Às Vezes, enquanto que 9 escolheram Sim e apenas 1 participante, correspondendo a 2,5% da amostra seleccionou a opção negativa, como verifica a Tabela 18.

Tabela 18. Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer?

Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Sim	9	22,5	22,5	22,5
	Não	1	2,5	2,5	25,0
	Às vezes	30	75,0	75,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

Estes resultados apontam que os participantes deste estudo tem alguma capacidade para antecipar o comportamento agressivo com base na análise que fazem do não verbal das outras pessoas, em alturas em que provavelmente estejam atentos e, dessa forma, façam uma análise mais precisa. Estes resultados vão em encontro com os factos apresentados por Furst (1979) e Neisser (1976), no qual referem que, apesar das pessoas analisarem os perfis das outras no dia a dia, nem sempre estão atentas e dessa forma podem ter uma percepção da realidade existente diferente.

Posteriormente vem a pergunta número 8.2, “Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?”, as opções de resposta foram: pela expressão facial; pela linguagem corporal; ambas; e outra opção. 33 dos participantes, correspondendo a 82,5% da amostra responderam Ambas, ou seja, fazem a análise com base na expressão facial e linguagem corporal.

Já a segunda opção mais mencionada foi a linguagem corporal apenas como método de análise do comportamento não verbal de uma pessoa, correspondendo a 10% da amostra deste estudo. Apenas uma pessoa selecionou Outra Opção, no qual referiu ser apenas através da voz que faz a análise do comportamento agressivo da pessoa, como se pode verificar pela Tabela 19 e Figura 6.

Tabela 19. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?

Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Pela Expressão Facial	1	2,5	2,6	2,6
	Pela Linguagem Corporal	4	10,0	10,3	12,8
	Ambas	33	82,5	84,6	97,4
	Outra opção	1	2,5	2,6	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Missing System		1	2,5		
Total	40	100,0			

Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?

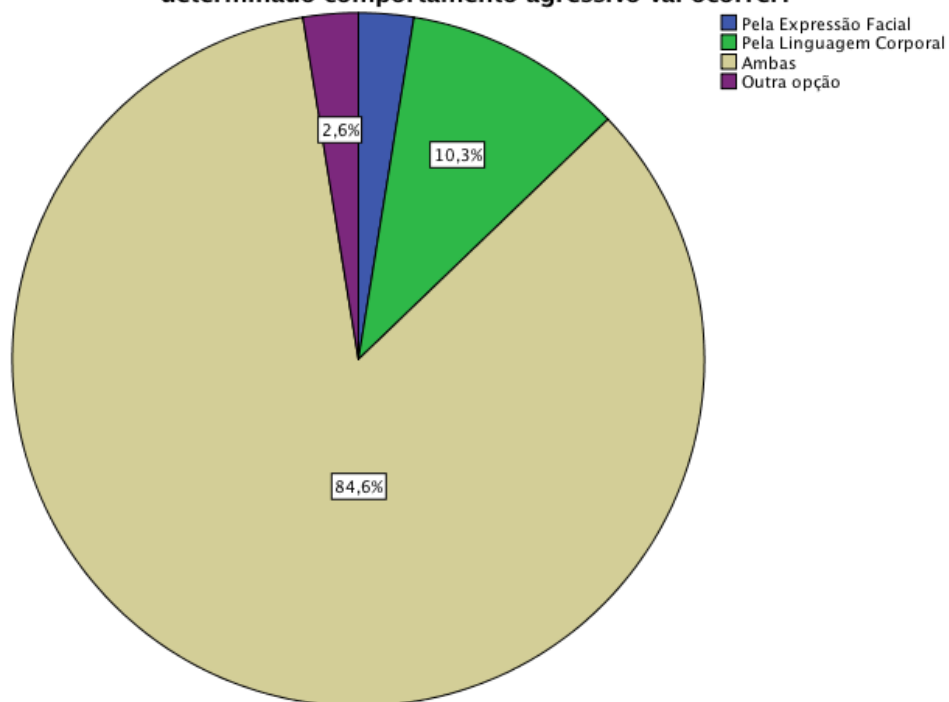


Figura 6. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?

Estes resultados vão ao encontro ao que Freitas-Magalhães (2013) e Ekman (2003) referem ao facto de, atualmente, a expressão facial ser o método de análise mais usada para o reconhecimento das emoções e sentimentos entre pessoas. O facto da grande maioria desta amostra ter escolhido a opção Ambas, incluíram a expressão facial na sua análise, bem como a linguagem corporal, sendo um processo um pouco mais completo, já que aborda as duas componentes de análise.

Relativamente à PARTE 3, que contém perguntas com imagens sobre a temática da agressividade, em relação à primeira pergunta “ Qual destas imagens é agressiva?”, as opções de resposta eram cinco: 1; 2; 3; 4; e Nenhuma das Opções. Nesta pergunta todos os participantes escolheram a opção Nenhuma das Opções, correspondendo a 100% da amostra, como é possível ver na Tabela 20 (ver Anexo 3).

Tabela 20. Qual destas imagens é agressiva?

Qual destas imagens é agressiva?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	Nenhuma das opções	40	100,0	100,0	100,0

Esta pergunta foi feita de forma premeditada para que os participantes se apercebessem do construto que estava a ser analisado (agressividade) e comparassem com as 4 imagens de Alegria (emoção positiva) que estavam presentes. O objectivo era fazer com que, através do conhecimento à priori que tem acerca das emoções básicas e das emoções positivas, como é o caso da Alegria, pudessem comparar com este construto e escolher a única opção possível, que era a (Nenhuma das opções), uma vez que nenhuma das mesmas apresenta um grau de Agressividade, sendo em todas as imagens a Alegria ser a emoção evidenciada. Os resultados apontam que os participantes deste estudo sabem distinguir emoções/sentimentos positivos de negativos. Dessa forma, foi também possível notar que todos os participantes estavam atentos a esta pergunta, no qual foi feita de forma premeditada.

Relativamente à pergunta número 2 “De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?”, as opções de resposta apresentam diferentes faces com a expressão cólera/raiva a ser evidenciada em vários graus (desde raiva mais subtil, até raiva extrema evidenciada, posicionadas de forma aleatória), bem como a opção Nenhuma das Opções. 27

participantes do estudo seleccionaram a opção 1, correspondendo a 67,5% da amostra, que contem uma face de um homem a exhibir a emoção cólera/raiva de um forma evidenciada, como é possível ver no anexo 3. Segundo a literatura, e dos factos apresentados por Ekman (2003) quanto mais evidenciada a emoção estiver na face mais facilmente é reconhecida e entendida como tal. Dessa forma, de entre as quatro opções, as duas que continham raiva evidenciada de forma severa e extrema, os participantes acertaram, uma vez que a segunda opção mais seleccionada foi precisamente a 4ª imagem que continha a face de um rapaz a exhibir a emoção raiva/cólera de forma extrema, no qual 10 participantes (25% da amostra) escolheram-na como a mais agressiva das imagens, como mostra a Tabela 21 e Figura 7.

Tabela 21. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?

De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
1	27	67,5	67,5	67,5
2	1	2,5	2,5	70,0
3	1	2,5	2,5	72,5
4	10	25,0	25,0	97,5
Nenhuma das opções	1	2,5	2,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

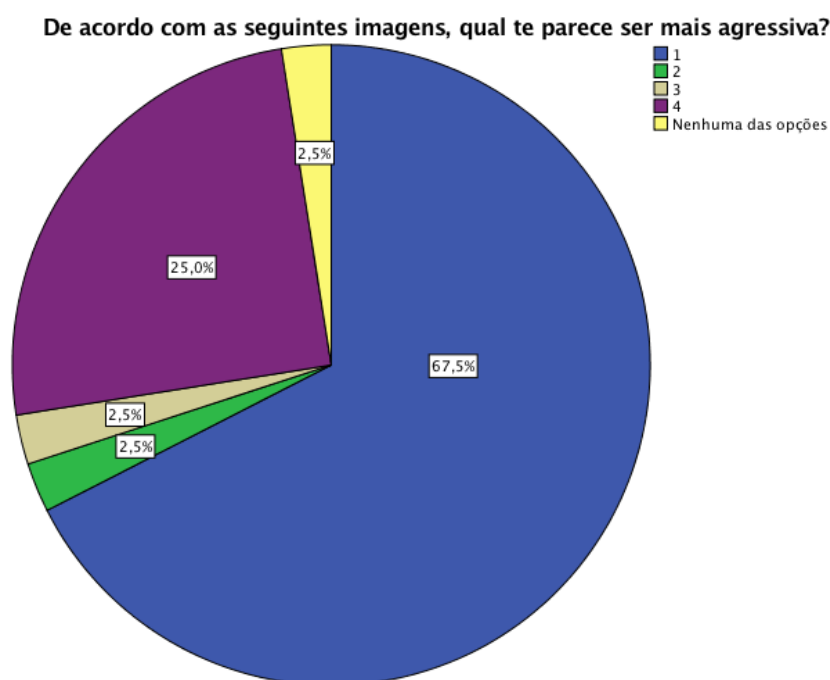


Figura 7. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?

Estes resultados revelam que, em termos de análise da expressão facial, os estudantes universitários desta amostra conseguem identificar a expressão facial mais agressiva, indo em conta com os factos apresentados pela literatura, e dessa forma tem uma boa percepção da expressão facial da emoção.

Relativamente à pergunta número 3 “De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?”, as opções de resposta apresentam diferentes posições e gestos corporais agressivos e/ou ofensivos, posicionados de forma aleatória. 24 participantes, constituindo a maioria (60% da amostra), escolheram a opção 4, que é relativa a uma jovem a mostrar o dedo médio, fechando os restantes. A segunda opção mais seleccionada por entre os inquiridos (12,5% da amostra) foi a 1ª imagem, relativa a um senhor encurvado com o braço esquerdo pousado e a mão direita a fazer o sinal de “V” com os dedo indicador e o do médio, fechando os outros, como demonstra a Tabela 22 e Figura 8 (ver Anexo 3).

Tabela 22. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?

De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	1	5	12,5	12,5	12,5
	2	3	7,5	7,5	20,0
	3	4	10,0	10,0	30,0
	4	24	60,0	60,0	90,0
	Nenhuma das opções	4	10,0	10,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

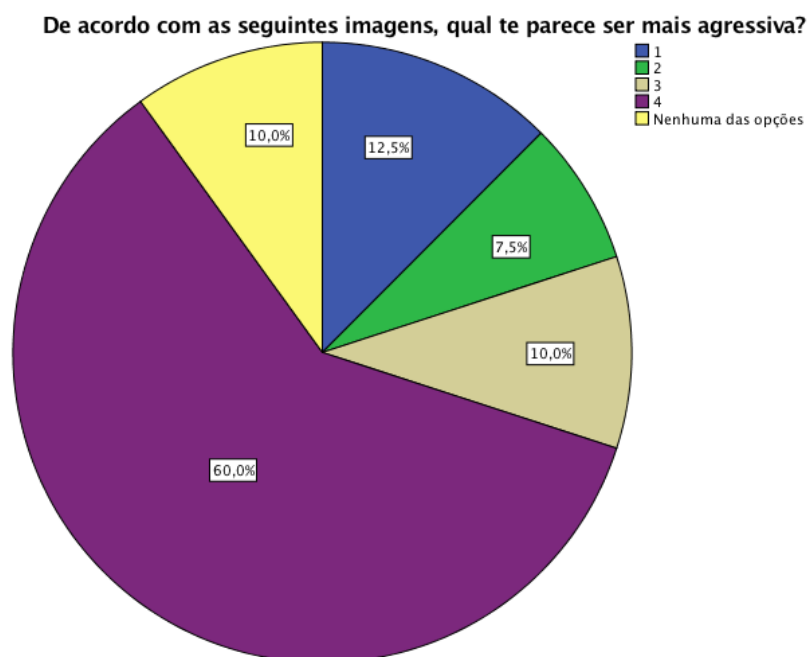


Figura 8. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?

Isto vai ao encontro com a literatura e com os factos apresentados por Pease (2006), no qual referem que estes dois gestos são os mais usados nos conflitos nas interações sociais e são mais facilmente entendidos por entre a população geral como sendo os mais agressivos. Dessa forma, os participantes deste estudo, no que toca à linguagem corporal, conseguem identificar e antecipar um comportamento agressivo com base na análise que fazem do mesmo.

No que concerne à pergunta 4 “De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?”, as opções de resposta apresentam diferentes posições corporais agressivas/ofensivas, contendo expressão facial de raiva salientada em vários graus (de mais subtil até mais evidenciado), posicionados de forma aleatória. 31 participantes, mais de metade da amostra (77,5%) seleccionaram a opção 4, relativa a um confronto entre dois meninos em que um deles vai dar um murro com o braço direito, evidenciando a emoção cólera/raiva de forma severa. A segunda opção mais escolhida por entre os participantes (15% da amostra) foi a segunda imagem, contendo um confronto entre um homem e uma mulher (em contexto de trabalho), no qual através da discussão a mulher está a ter uma atitude mais agressiva/ofensiva contra o homem, inclinando-se sobre ele, evidenciando raiva extrema, como é possível ver na Tabela 23 e Figura 9 (ver Anexo 3).

Tabela 23. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?

De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido	2	6	15,0	15,0	15,0
	3	2	5,0	5,0	20,0
	4	31	77,5	77,5	97,5
	Nenhuma das opções	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?

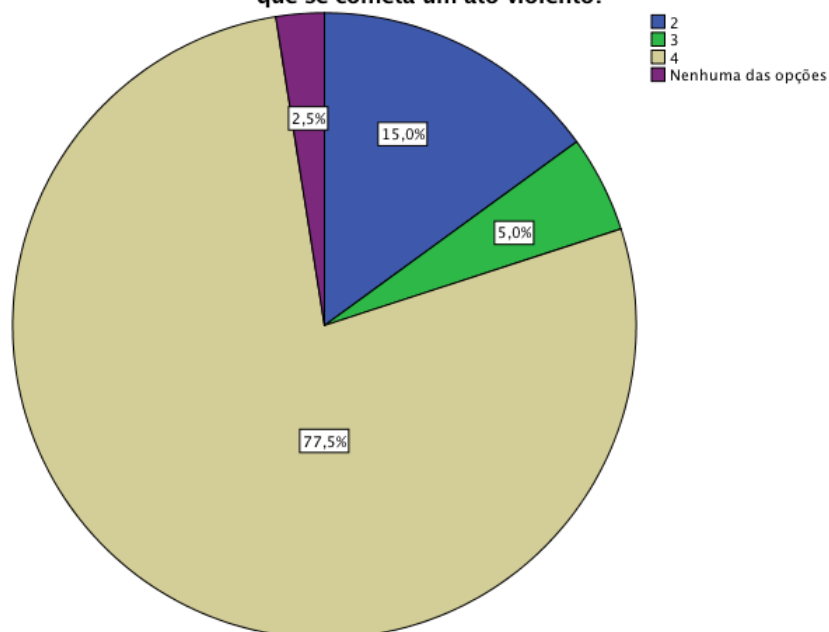


Figura 9. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?

Estes resultados também vão em encontro com os factos apresentados por Pease (2006), no qual refere que numa discussão, o tom de voz pode ser um sinal preditor de agressividade, bem como os gestos corporais ofensivos e a evidência da emoção raiva na face.

De seguida apresenta-se a PARTE 4 e última do questionário, que é relativa a perguntas abertas sobre a temática da agressividade. Está constituída por 3 vídeos no qual os participantes observaram o conteúdo e deram a sua opinião, havendo nove perguntas de desenvolvimento. Cada vídeo é composto então por três perguntas.

O primeiro vídeo está associado com uma manifestação de taxistas em Lisboa contra a plataforma online de transportes UBER. A cena aborda o confronto entre os manifestantes e o cordão policial. Relativamente à primeira pergunta “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”, as opções de resposta eram: Grupo de taxistas em protesto/manifestação; conflitos entre os taxistas e os policiais com linguagem e/ou gestos ofensivos; confronto físico entre os taxistas e os polícias; e homem de camisola branca e preta a se destacar por ter comportamentos ofensivos para com o camara men. 35% da amostra seleccionou a segunda categoria (conflitos ente os taxistas e os policias com linguagem e/ou gestos ofensivos). A outra grande parte da amostra, 13 pessoas (32,5%) escolheu a primeira categoria (grupo de taxistas em protesto/manifestação), como se pode ver na Tabela 24 (ver Anexo 4).

Tabela 24. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 1

Comenta o vídeo. O que está a acontecer?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Grupo de taxistas em protesto/manifestação	13	32,5	32,5	32,5
Conflitos entre os taxistas e os policiais com linguagem e/ou gestos ofensiva(os)	14	35,0	35,0	67,5
Confronto físico entre os taxistas e os policias	6	15,0	15,0	82,5
Homem de camisola branca e preta a se destacar por ter comportamentos ofensivos para com o camara men	7	17,5	17,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

O objetivo desta pergunta era que, em poucas palavras, tentassem ser o mais objectivos possível, focando-se em algo que lhes captasse a atenção, seja alguém a ter um comportamento mais agressivo e que, dessa forma, se destacasse (referindo também o tipo de indumentária que estavam a usar para ser reconhecido em termos de análise), ou grupos de pessoas a ter atos ofensivos com outros e que comentassem essa mesma interação. Os participantes nesta pergunta, possivelmente pelo facto de não terem percebido bem o objetivo a que esta pergunta se dirigia, ou por estarem desatentos, não responderam de forma esperada, no qual a categoria que deveriam ter seleccionado mais vezes (por ser a mais objetiva, porque integra componentes de análise e percepção mais concretas), a 4ª, que refere “um homem de camisola branca e preta a se destacar por ter comportamentos ofensivos para com o câmara men”, apenas 7 participantes (17,5% da amostra) corresponderam aos objetivos traçados e, dessa forma, foram mais precisos. Através da sua própria percepção, conseguiram analisar o vídeo de uma forma mais objectiva, enquanto que a maioria da amostra foi mais genérica, apenas focando-se no que estava a acontecer, em termos gerais. Apesar da pergunta não ter sido feita de forma objetiva, eu próprio, durante a aplicação do questionário, pedi-lhes que fossem o mais objectivos possível nas respostas, contudo, os participantes, de uma forma geral, pelo menos nesta pergunta, não responderam de forma esperada.

No que diz respeito à segunda pergunta do primeiro vídeo “O que achas que vai acontecer a seguir?”, os cenários possíveis eram: O cordão policial vai-se manter intacto e dessa forma os manifestantes serão controlados, bem como linguagem verbal ofensiva; homem de camisola branca iniciará uma agressão física (empurros, pontapés); polícia intervém com medidas de segurança (gás pimenta e/ou outras medidas); e descontrolo da situação e/ou gera-se violência física entre os taxistas e as forças de segurança. 15 participantes (37,5% da amostra) previram a 4ª categoria (descontrolo da situação e/ou gera-se violência física entre os taxistas e as forças de segurança) como cenário mais provável de ocorrer, enquanto que outra grande parte da amostra (32,5%) escolheu a primeira categoria (O cordão policial vai-se manter intacto e dessa forma os manifestantes serão controlados; e linguagem verbal ofensiva) como situação mais provável de acontecer, como demonstra a Tabela 25.

Tabela 25. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 1

O que achas que vai acontecer a seguir ?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
O cordão policial vai-se manter intacto e dessa forma os manifestantes serão controlados; linguagem verbal ofensiva	13	32,5	32,5	32,5
Homem de camisola branca iniciará uma agressão física (empurros, pontapés)	6	15,0	15,0	47,5
Polícia intervém com medidas de segurança (gás pimenta e/ou outras medidas)	6	15,0	15,0	62,5
Descontrolo da situação e/ou gera-se violência física entre os taxistas e as forças de segurança	15	37,5	37,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Estes resultados mais salientes são pouco coerentes uma vez que ambos os possíveis cenários mais escolhidos são antagónicos, no qual uma parte da amostra refere que a situação vai-se dissolver, noutra parte referem que a situação vai-se descontrolar e haver maior violência. Dessa forma, as opiniões estão divididas e pouco se pode extrair destes dados, não havendo unanimidade. Outro aspeto importante a salientar é que mais uma vez, as categorias que eram mais desejadas de serem mencionadas foram pouco tidas em conta por parte dos participantes. A segunda e terceira categoria, nomeadamente, homem de camisola branca iniciará uma agressão física (empurros, pontapés); e polícia intervém com medidas de segurança (gás pimenta e/ou outras medidas) foram cenários pouco previstos pelos estudantes universitários deste estudo. Apenas 6 participantes em cada uma, 12 no total (15% da amostra em cada, ou seja 30% da amostra geral) seleccionaram estas opções como possíveis cenários a ocorrer depois. De uma forma geral, os estudantes universitários, desta amostra e neste primeiro grupo de questões, tem tido pouco poder percetivo, não acertando nas suas previsões.

Para terminar este grupo de questões relativo ao primeiro vídeo, na pergunta número 3 “Se acontecesse contigo o que farias?”, os cenários possíveis eram: reagia/atacava, entrando no conflito; afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência; fugia/saía do local; não fazia nada; e apelava aos manifestantes para terem prudência. Os resultados obtidos apontam que mais de metade da amostra (60%), ou seja, 24 participantes, nesta situação, fugiriam/sairiam do local. Outra parte da amostra, 11 participantes (27,5%), se estivessem nessa situação afastar-se-iam do local e ficariam a observar a situação, como é possível verificar na Tabela 26.

Tabela 26. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 1

Se acontecesse contigo o que farias ?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência	11	27,5	27,5	27,5
Fugia/saía do local	24	60,0	60,0	87,5
Não fazia nada	4	10,0	10,0	97,5
Apelava aos manifestantes para terem prudência	1	2,5	2,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Estes resultados estão de acordo com os cenários mais prováveis de se realizar, em que na perspectiva de Ekman (2003), as pessoas face a eventos de carácter perigoso tendem ou a fugir ou a observar à distância. Portanto, se os participantes deste estudo estivessem naquela situação enquanto espectadores, a resposta que dariam seria fuga ou observação do acontecimento à distância.

Passando para o segundo vídeo, que aborda um confronto entre adeptos de clubes de futebol, nomeadamente, o Futebol Clube do Porto (FCP) e o Sport Lisboa e Benfica (SLB) num centro comercial após o jogo. Relativamente à primeira pergunta: “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”, as categorias de resposta eram: troca de palavras ofensivas entre os adeptos; confronto/conflito físico e verbal entre adeptos das claques de futebol; e indivíduo de camisola branca entra em conflito com outro adepto sentado puxando-lhe a camisola. 18

participantes, quase metade da amostra (45%), responderam que se tratava de um confronto/ conflito físico e verbal entre adeptos das claques de futebol e 35% da amostra, 14 estudantes universitários foram mais objetivos dizendo em específico o que estava a acontecer, no qual referiram que um indivíduo de camisola branca entrou em conflito com outro adepto sentado puxando-lhe a camisola, como demonstra a Tabela 27.

Tabela 27. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 2

Comenta o vídeo. O que está a acontecer?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Troca de palavras ofensivas entre os adeptos	8	20,0	20,0	20,0
Confronto/conflito físico e verbal entre adeptos das claques de futebol	18	45,0	45,0	65,0
Indivíduo de camisola branca entra em conflito com outro adepto sentado puxando-lhe a camisola	14	35,0	35,0	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Apesar de ainda haver participantes a responder de forma geral, já houve maior tendência para serem mais objectivos e analisarem o vídeo de uma forma diferente, mais concreta.

De seguida apresenta-se a pergunta número 2 “O que achas que vai acontecer a seguir?”, os cenários possíveis foram: o conflito entre os indivíduos mantém-se ou piora, no qual há troca de palavras ofensivas; o indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado vai entrar em violência física com o mesmo; o indivíduo que estava sentado e que foi agredido fisicamente (puxado pelo outro sujeito) ataca-o; pode haver luta entre os indivíduos; e os adeptos são advertidos ou mesmo expulsos do local pelos restantes adeptos das claques de futebol. Quase metade da amostra, 17 participantes, cerca de 42,5% previram que o que ia acontecer a seguir era que o indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado, vai entrar em violência física com o mesmo. 27% da amostra refere que o possível cenário seria haver uma luta entre os adeptos. Apenas 2 participantes, correspondendo a 5% da amostra,

referiram que o possível cenário que iria acontecer seria o indivíduo que estava sentado e que foi agredido fisicamente (puxado pelo outro sujeito) o iria atacar, como é possível verificar na Tabela 28.

Tabela 28. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 2

O que achas que vai acontecer a seguir ?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
O conflito entre os indivíduos mantém-se ou piora, no qual há troca de palavras ofensivas	5	12,5	12,5	12,5
O indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado vai entrar em violência física com o mesmo	17	42,5	42,5	55,0
O indivíduo que estava sentado e que foi agredido fisicamente (puxado pelo outro sujeito) ataca-o	2	5,0	5,0	60,0
Pode haver luta entre os indivíduos	11	27,5	27,5	87,5
Os indivíduos são advertidos ou mesmo expulsos do local pelos restantes adeptos das claques de futebol	5	12,5	12,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Este foi o cenário que de facto ocorreu. A maior parte da amostra esteve mais atenta neste vídeo ao tentar analisar o conteúdo em maior detalhe e escolheu o cenário mais perto do pretendido para este estudo, tendo em conta que haviam focado na cena crítica segundos antes de ter sido feita a pausa no vídeo. Houve maior poder de percepção e antecipação dos factos pelos participantes neste segmento de perguntas, porém, ainda não satisfaz concretamente os objetivos deste estudo.

Para finalizar, relativamente à pergunta número 3 “Se acontecesse contigo o que farias?”, as hipóteses dadas pelos sujeitos do estudo foram: apelava aos intervenientes do conflito para terem prudência, ajudando-os; reagia/atacava, entrando no conflito; afastar-me-ia do local e ficaria a observar e chamar o segurança ou ligar para o 112; fugia/saía do local; aplaudia o ato de ataque do homem que foi puxado e que acabou por agredir o outro indivíduo; e acudia o homem que ficou estendido no chão inconsciente. Os resultados obtidos revelam que 14 participantes, correspondendo a 35% da amostra se estivessem naquela situação enquanto espectadores afastar-se-iam do local e ficariam a observar e chamavam o segurança ou ligavam o 112. 27,5% da amostra refere que iria fugir/sair do local e outra parte da amostra (17,5%) já teria um papel interventivo, no qual iriam acudir o homem que ficou estendido no chão inconsciente, como demonstra a Tabela 29.

Tabela 29. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 2

Se acontecesse contigo o que farias ?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Apelava aos intervenientes do conflito para terem prudência, ajudando-os	6	15,0	15,0	15,0
Reagia/atacava, entrando no conflito	1	2,5	2,5	17,5
Afastar-me-ia do local e ficaria a observar e chamar o segurança ou ligar para o 112	14	35,0	35,0	52,5
Fugia/saía do local	11	27,5	27,5	80,0
Aplaudia o ato de ataque do homem que foi puxado e que acabou por agredir o outro indivíduo	1	2,5	2,5	82,5
Acudia o homem que ficou estendido no chão inconsciente	7	17,5	17,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Estes resultados revelam que a maioria dos estudantes universitários, desta amostra, sentiram-se sensibilizados com o acontecimento, tendo um papel interventivo no caso se lhes acontecesse, seja pela assistência de ajuda imediata ou indireta, seja pelo apoio dado para tentar resolver o conflito. Outra parte dos participantes teve uma das reacções mais naturais de acordo com Ekman (2003) neste tipo de situações, que é a fuga. Esta cena considerada violenta desperta emoções e sentimentos negativos tais como o medo, que faz com que, em algumas pessoas, haja a necessidade psicofisiológica de fugir, para se proteger, no qual imediatamente há a preparação de todas as funções cognitivas e motoras para o efeito. Neste caso, para alguns dos participantes, este cenário era o que lhes aconteceria.

Passando para o terceiro e último vídeo relativo ao confronto entre condutores e imigrantes portugueses na auto-estrada, no que toca à pergunta número 1 “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”, as hipóteses de resposta dadas pelos participantes do estudo foram: Conflitos entre pessoas e condutores na autoestrada; troca de palavras ofensivas entre os intervenientes do conflito; a mulher de T-Shirt vermelha agride um sujeito com canadianas/muletas; e o indivíduo de calções azul claro é controlado por outro para não entrar em conflitos. Mais de metade da amostra, cerca de 62,5% referem que se trata de um conflito entre pessoas e condutores na autoestrada. 13 participantes (32,5% da amostra) notam que no meio do conflito há uma mulher de T-Shirt vermelha a agredir um sujeito com canadianas/muletas. Apenas 1 pessoa referiu que a cena mais explícita que estava a acontecer era que o indivíduo de calções azul claro estava a ser controlado por outro para não entrar em conflitos, como se pode verificar pela Tabela 30. Esta era a resposta pretendida pelo estudo, apesar da resposta acerca da mulher de T-shirt vermelha ser também considerada, uma vez que é uma descrição pormenorizada do acontecimento, em relação às restantes respostas mais gerais não mencionadas. Uma vez que a cena do vídeo que foi apresentada aos participantes para analisar ser de pouca duração, apenas 15 segundos, pode não ter sido suficiente para fazerem uma análise mais concreta do que estava a acontecer, contudo, deu para obter dados mais credíveis para o estudo.

Tabela 30. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 3

Comenta o vídeo. O que está a acontecer?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Conflitos entre pessoas e condutores na autoestrada	25	62,5	62,5	62,5
Troca de palavras ofensivas entre os intervenientes do conflito	1	2,5	2,5	65,0
A mulher de T-Shirt vermelha agride um sujeito com canadianas/muletas	13	32,5	32,5	97,5
O indivíduo de calções azul claro é controlado por outro para não entrar em conflitos	1	2,5	2,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Relativamente à pergunta número 2 “O que achas que vai acontecer a seguir?”, os participantes escolheram como cenários possíveis: o conflito irá pouco tempo depois dissipar-se e alguém pode vir a separar os intervenientes; a mulher de T-shirt vermelha vai continuar a agredir fisicamente outras pessoas; o indivíduo de calções azul claro vai agredir alguém; o conflito vai aumentar e vai haver violência verbal e física entre os intervenientes; a polícia vai chegar ao local; e não sei o que vai acontecer, é imprevisível. Os resultados obtidos apontam que 50% da amostra previram que o conflito iria aumentar e iria haver violência verbal e física entre os intervenientes. 27,5% já consideraram que o que vai acontecer a seguir é a dissipação do conflito, no qual vão resolver o assunto e/ou alguém pode vir a separar os intervenientes. 4 participantes, correspondendo a 10% da amostra foram mais concretos e identificaram que o que ia acontecer a seguir era que o indivíduo de calções azul claro ia agredir alguém, como se verifica na Tabela 31. Este foi o cenário que aconteceu. Apesar de ter havido mais uma vez uma dispersão das respostas, umas mais gerais, outras mais específicas, a maior parte da amostra tentou analisar a situação de uma forma mais objetiva e dessa forma obtiveram uma percepção do acontecimento mais adequada ao estudo. Comparativamente às outras perguntas, os participantes nesta pergunta tiveram uma percepção do acontecimento mais precisa e acertaram mais nas suas previsões.

Tabela 31. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 3

O que achas que vai acontecer a seguir ?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
O conflito irá pouco tempo depois dissipar-se; alguém pode vir a separar os intervenientes	11	27,5	27,5	27,5
A mulher de T-Shirt vermelho vai continuar a agredir fisicamente outras pessoas	2	5,0	5,0	32,5
O indivíduo de calções azul claro vai agredir alguém	4	10,0	10,0	42,5
O conflito vai aumentar e vai haver violência verbal e física entre os intervenientes	20	50,0	50,0	92,5
A polícia vai chegar ao local	2	5,0	5,0	97,5
Não sei o que vai acontecer, é imprevisível	1	2,5	2,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

Para finalizar, no que toca à pergunta número 3 “Se acontecesse contigo o que farias?”, as respostas dadas pelos participantes são: não faria nada, apenas iria rir do acontecimento; apelava aos condutores para terem prudência e resolverem o conflito, tentando separá-los; reagia/atacava, entrando no conflito; afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência; e fugia/saía do local. Grande parte da amostra ficou indecisa nas respostas, no qual 32,5% refere que se estivesse naquela situação apelava aos condutores para terem prudência e resolverem o assunto e outros 32,5% referem que se afastariam do local e ficaram a observar, chamando o 112 se necessário. Uma parte da amostra, cerca de 20% refere que se estivesse naquela situação iriam fugir o mais rapidamente possível. 5 participantes, correspondendo a 12,5% da amostra tem um papel mais interventivo e referem que se lhes acontecesse, os mesmos reagiriam e atacavam, entrando no conflito, como se pode ver na Tabela 32 e na Figura 10.

Tabela 32. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 3

Se acontecesse contigo o que farias ?				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Não faria nada, apenas iria rir do acontecimento	1	2,5	2,5	2,5
Apelava aos condutores para terem prudência e resolverem o conflito, tentando separá-los	13	32,5	32,5	35,0
Reagia/atacava, entrando no conflito	5	12,5	12,5	47,5
Afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência	13	32,5	32,5	80,0
Fugia/saía do local	8	20,0	20,0	100,0
Total	40	100,0	100,0	

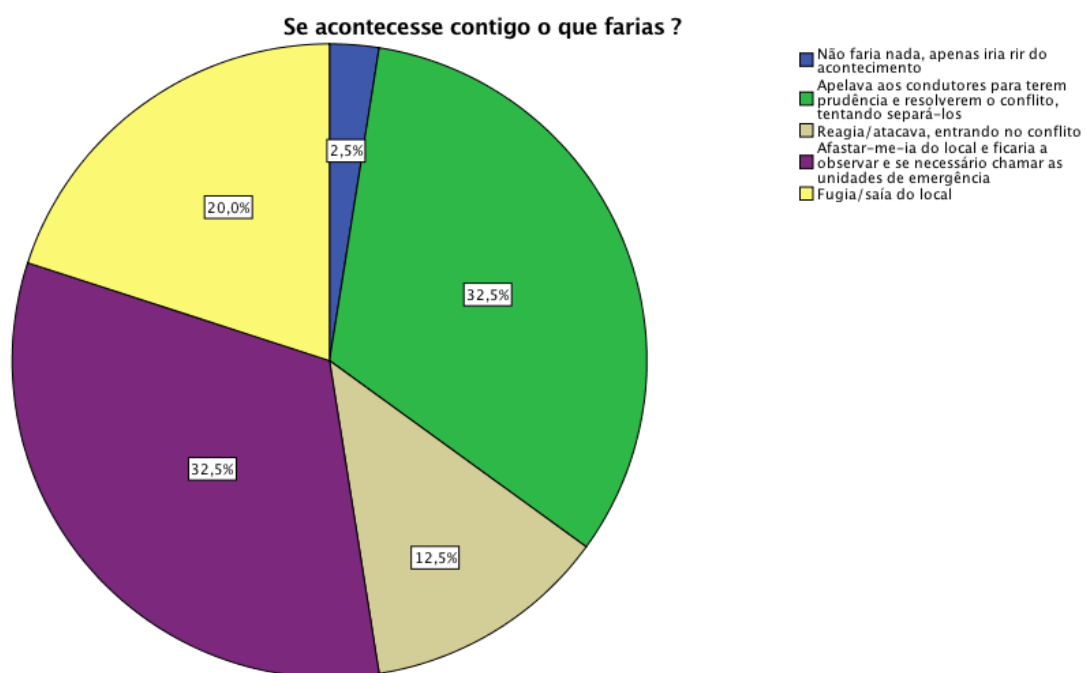


Figura 10. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 3

Isto leva a crer que alguns destes estudantes universitários tem tendências agressivas e no aparecimento de um acontecimento que promove a violência tem vontade de se envolver. Estes resultados corroboram os factos apresentados por Hacker (1981), Furst (1979) e Ramirez (2001), no qual referem que a violência gera violência e que para algumas pessoas que tenham já uma predisposição seja genética ou social, tenderão a ter comportamentos anti-sociais e envolverem-se em conflitos.

De seguida, apresentam-se os dados obtidos pela análise descritiva do SPSS feita entre o sexo dos participantes e as perguntas das diferentes partes do questionário, a serem mencionadas posteriormente, que achei pertinente incluir.

Voltando à PARTE 2 do questionário e anteriormente na página 55 desta dissertação, relativamente à pergunta número 1 “O que entendes por agressividade?”, tínhamos referido que em termos gerais os participantes desta amostra entendem o construto agressividade e o que integra na sua base. Em mais detalhe, analisando a variável sexo, a média dos homens deste estudo definiram melhor o conceito de agressividade do que as mulheres ($M=3.65$), com desvio padrão também relativamente mais baixo ($SD=1.222$), no qual, dessa forma, tiveram uma percepção mais adequada do construto. Os homens referem que a agressividade trata-se de comportamento/atitude/tendência crítica, intimidatória e/ou ofensiva perante o outro, enquanto que as mulheres deste estudo consideram que a agressividade baseia-se em palavras e/ou gestos violentos/ofensivos que se tem com outra pessoa. Ambas respostas estão certas, contudo, a maioria dos homens deste estudo foram mais completos nas suas respostas, evidenciando uma melhor conhecimento do conceito de agressividade, como é possível verificar na Tabela 33 (Ver anexo 2).

Tabela 33. O que entendes por agressividade? - análise descritiva

Resultados						
O que entendes por Agressividade?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	3,00	21	1,449	3,00	Emoção/sentimento negativo	Ato violento (Físico e/ou verbal e/ou outros)
Masculino	3,65	17	1,222	4,00	Emoção/sentimento negativo	Ato violento (Físico e/ou verbal e/ou outros)
Total	3,29	38	1,374	4,00	Emoção/sentimento negativo	Ato violento (Físico e/ou verbal e/ou outros)

Relativamente à pergunta 2, “Consideras a Agressividade má?”, anteriormente na página 56 desta dissertação tínhamos verificado que a maioria da amostra, cerca de 70%, considerou a resposta Sim, demonstrando que a agressividade é para eles um construto negativo. Ficou saliente que, de uma forma geral, os participantes consideram que a agressividade é um construto mau, que revela os piores sentimentos e emoções que uma pessoa pode sentir para com outro. Em maior detalhe no que toca à variável sexo, os resultados descritivos apontam que quer os homens, quer as mulheres entendem que a agressividade seja um construto negativo, não havendo diferenças significativas entre o sexo, estando a média no valor ($M=1.35$) para os homens e ($M=1.23$), para as mulheres, e os valores de desvio padrão também não são significativos, como se pode verificar na Tabela 34.

Tabela 34. Consideras a Agressividade má? - análise descritiva

Resultados						
Consideras a Agressividade má?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	1,23	22	0,429	1,00	Sim	Não
Masculino	1,35	17	0,493	1,00	Sim	Não
Total	1,28	39	0,456	1,00	Sim	Não

No que toca à pergunta 3, que consiste “Sabes distinguir Agressividade de Violência?”, anteriormente na página 57 tínhamos verificado pela análise do SPSS que a grande maioria dos inquiridos sabiam distinguir os conceitos. Isto leva a crer que os participantes tem uma adequada percepção dos conceitos e do que significam na sociedade. No que concerne ao sexo, as médias dos homens estão ligeiramente superiores às das mulheres ($M=1.22$), o que significa que apresentam mais dificuldades em distinguir os conceitos do que as mulheres, e no que toca ao desvio padrão, o dos homens encontra-se mais elevado, havendo um pouco de dispersão dos resultados ($SD=0.428$), o que leva a crer que as suas respostas são menos consistentes do que as mulheres, como se pode verificar na Tabela 35.

Tabela 35. Sabes distinguir Agressividade de Violência? - análise descritiva

Resultados						
Sabes distinguir Agressividade de Violência?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	1,14	22	0,351	1,00	Sim	Não
Masculino	1,22	18	0,428	1,00	Sim	Não
Total	1,18	40	0,385	1,00	Sim	Não

No que diz respeito à pergunta 3.1, “Se sim, e tendo já definido o que era agressividade, o que é para ti a violência?”, anteriormente tinha-se mencionado na página 57 que em termos gerais, os participantes tendo já uma noção adequada do que é a agressividade, sabem distinguir a mesma da violência.

Em mais detalhe, relacionando o sexo, a média das mulheres pontuaram mais na segunda categoria do que os homens ($M=2.16$), uma vez que consideram que a violência é um ato físico e/ou verbal para ferir/prejudicar a outra pessoa. Todavia, através do desvio padrão é possível verificar uma dispersão mais acentuada do que nos homens, ($SD=0.602$). Ambos consideram que a violência é um construto mais hostil do que a agressividade, como é possível verificar na Tabela 36.

Tabela 36. Se sim, e tendo já definido o que era agressividade, o que é para ti a violência? - análise descritiva

Resultados						
Se sim, e tendo já definido o que era agressividade, o que é para ti a violência?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,16	19	0,602	2,00	Comportamento irracional e/ou inconsciente sem noção das consequências	Pontapés e/ou murros
Masculino	1,93	14	0,475	2,00	Comportamento irracional e/ou inconsciente sem noção das consequências	Pontapés e/ou murros
Total	2,06	33	0,556	2,00	Comportamento irracional e/ou inconsciente sem noção das consequências	Pontapés e/ou murros

Relativamente à pergunta 4, “Consideras que existe Agressividade na sociedade?”, mais acima na página 59 tínhamos visto que todos os 40 participantes tinham respondido que sim, que existe agressividade na sociedade, o qual foi verificado que haveria uma sugestionabilidade e/ou erro de escolha, uma vez que noutras perguntas não foram coerentes, uns afirmando que não sabiam o que era o construto ou que não sabiam distinguir os conceitos, logo também não podiam dizer que tal conceito existiria em plenitude na sociedade. Em relação ao sexo, também não há dúvidas entre os homens e as mulheres, no qual todos os participantes escolheram a opção Sim, como escolha para esta pergunta, não apresentando diferenças relativas às médias e desvio padrão, como verifica a Tabela 37.

Tabela 37. Consideras que existe Agressividade na sociedade? - análise descritiva

Resultados						
Consideras que existe Agressividade na sociedade?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	1,00	22	0,000	1,00	Sim	Sim
Masculino	1,00	18	0,000	1,00	Sim	Sim
Total	1,00	40	0,000	1,00	Sim	Sim

Seguidamente temos a pergunta 5, “Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas?”, anteriormente tínhamos verificado na página 60 que havia uma pouca homogeneidade das respostas dadas pelos participantes do estudo, uma vez que a opção mais seleccionada foi a intermédia (Às vezes), no entanto, os mesmos consideraram que as pessoas tem alguma tendência para serem agressivas.

Em relação ao sexo, e no que toca à análise descritiva, não foi detetado diferenças significativas entre homens e mulheres nesta pergunta, tendo a média das mulheres sido um pouco maior do que a dos homens ($M=2.36$) e com desvio padrão menor ($SD= 0.953$), como evidencia a Tabela 38.

Tabela 38. Consideras que existe Agressividade na sociedade? - análise descritiva

Resultados						
Na tua opinião as pessoas tem tendências para serem agressivas?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,36	22	0,953	3,00	Sim	Às vezes
Masculino	2,22	18	1,003	3,00	Sim	Às vezes
Total	2,30	40	0,966	3,00	Sim	Às vezes

Relativamente à pergunta 6 “Consideras-te como uma pessoa agressiva?”, anteriormente na página 60 tínhamos visto que de uma forma geral os participantes do estudo, tendo já uma noção do que é agressividade, na sua própria opinião e indo em conta com as suas próprias características, consideram que de vez em quando tem atitudes agressivas para com outros. Mais concretamente, em relação ao sexo, os homens deste estudo consideram-se como não agressivos, enquanto que as mulheres consideram-se agressivas às vezes, no qual se pode verificar pelas médias das mulheres serem um pouco maiores que as dos homens ($M=2.59$) e com desvio padrão relativamente mais baixo ($SD=0.503$), como demonstra a Tabela 39.

Estes resultados não são coerentes uma vez que na PARTE 4, relativa aos vídeos, os homens responderam que, em situações de violência, iriam reagir, atacando ou envolvendo-se no conflito. Provavelmente nesta pergunta responderam de forma a garantir a sugestionabilidade.

Tabela 39. Consideras-te como uma pessoa agressiva? - análise descritiva

Resultados						
Consideras-te como uma pessoa agressiva?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,59	22	0,503	3,00	Não	Às vezes
Masculino	2,50	18	0,514	2,50	Não	Às vezes
Total	2,55	40	0,504	3,00	Não	Às vezes

No que toca à pergunta 7 “Costumas ter atitudes agressivas para com os outros?”, mais acima na página 61 tínhamos verificado que provavelmente teria havido também uma sugestionabilidade e/ou erro de escolha, uma vez que a maioria dos participantes seleccionaram mais vezes a opção Às vezes, do que a negativa e nenhum deles seleccionou a opção Sim, muito provavelmente indo em conta com as suas próprias características e estilos de personalidade. Em relação ao sexo, e pela análise descritiva, pode-se verificar alguma diferença, nomeadamente, a maioria das mulheres seleccionaram mais vezes a opção “Não” (M=2.50), enquanto que os homens seleccionaram mais vezes a opção “Às vezes” (M=2.56), o que pode significar que os homens deste estudo podem ter atitudes mais agressivas para com os outros do que as mulheres, como é possível verificar pela Tabela 40.

Tabela 40. Costumas ter atitudes agressivas para com os outros? - análise descritiva

Resultados						
Costumas ter atitudes agressivas para com os outros?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,50	22	0,512	2,50	Não	Às vezes
Masculino	2,56	18	0,511	3,00	Não	Às vezes
Total	2,53	40	0,506	3,00	Não	Às vezes

Seguindo para a pergunta 7.1, “ Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?”, mais acima na página 61 tínhamos visto que, consoante com aquilo que tinham respondido na pergunta anterior, a maioria da amostra respondeu com a opção Sim, o que leva a supor que tem uma certa percepção de que nessas situações estão a ser agressivos e a ter atitudes agressivas. Focando na variável sexo, os resultados são mais unânimes no caso dos homens, no qual a maioria escolheu a primeira opção de resposta “Sim” ($M=1.00$) e sem desvio padrão ($SD=0.000$), havendo apenas algum desvio no que toca às mulheres ($SD=0.505$), como é possível verificar na Tabela 41. Dessa forma é possível sugerir que os homens tem uma maior percepção de si próprios nas situações em que estão a ser agressivos e a ter atitudes agressivas do que as mulheres.

Tabela 41. Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas? - análise descritiva

Resultados						
Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	1,36	11	0,505	1,00	Sim	Não
Masculino	1,00	9	0,000	1,00	Sim	Sim
Total	1,20	20	0,410	1,00	Sim	Não

Relativamente à pergunta 8 “ Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros?”, anteriormente tínhamos verificado na página 62 que grande parte da amostra tinha seleccionado a opção afirmativa, Sim, o que demonstrou que os participantes deste estudo costumam analisar e interpretar o comportamento não verbal nas situações em que as pessoas estão a ser agressivas com os mesmos ou com outras pessoas.

No que toca à variável sexo, pela análise descritiva, há algumas diferenças entre homens e mulheres, nomeadamente, o sexo feminino foi evidenciado com uma média mais elevada ($M=1.73$), todavia, apresenta resultados mais dispersos do que os homens, com desvio padrão mais elevado ($SD=0.985$). Estes resultados podem induzir que os homens tem uma maior capacidade de analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas com eles próprios ou com outros, como é possível verificar pela Tabela 42.

Tabela 42. Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros? - análise descritiva

Resultados						
Costumas analisar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com os outros ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	1,73	22	0,985	1,00	Sim	Às vezes
Masculino	1,44	18	0,856	1,00	Sim	Às vezes
Total	1,60	40	0,928	1,00	Sim	Às vezes

Seguidamente temos a pergunta 8.1 “Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer?”, e mais acima na página 62 tínhamos visto que grande parte da amostra seleccionou a opção Às vezes, e dessa forma, tem alguma capacidade para antecipar o comportamento agressivo com base na análise que fazem do não verbal das outras pessoas, em alturas em que provavelmente estejam atentos e dessa forma façam uma análise mais precisa. Relativamente à variável sexo, houve algumas diferenças entre homens e mulheres, sendo a média das mulheres superior à dos homens ($M=2.68$). Os homens apesar de terem uma média menor apresentam uma maior dispersão dos valores ($SD=0.970$), o qual pode significar que apresentam uma menor capacidade de previsão tendo em conta a análise de que fazem, se um determinado comportamentos agressivo irá acontecer, como é possível verificar pela Tabela 43.

Tabela 43. Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer? - análise descritiva

Resultados						
Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,68	22	0,716	3,00	Sim	Às vezes
Masculino	2,33	18	0,970	3,00	Sim	Às vezes
Total	2,53	40	0,847	3,00	Sim	Às vezes

Por último, à pergunta 8.2, “Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?”, anteriormente tinha-se verificado na página 63 que, de uma forma geral, os estudantes universitários deste estudo analisam o comportamento não verbal através da expressão facial e da linguagem, pelo que a maioria seleccionou a opção Ambas. Não obstante, mais concretamente, em termos do sexo dos participantes, foram encontradas algumas diferenças, no qual as mulheres pontuaram ligeiramente mais na opção “ambas” do que os homens, e obtiveram uma maior dispersão dos valores ($M=2.95$; $SD=0.498$). Dessa forma, a maioria das mulheres identificam-se mais facilmente pelo reconhecimento facial e da linguagem corporal, no que toca à previsão de um comportamento agressivo a ocorrer, enquanto que a maioria dos homens tendem mais a observar apenas para a linguagem corporal, como é possível verificar pela Tabela 44.

Tabela 44. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer? - análise descritiva

Resultados						
Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,95	21	0,498	3,00	Pela Expressão Facial	Outra opção
Masculino	2,78	18	0,428	3,00	Pela Linguagem Corporal	Ambas
Total	2,87	39	0,469	3,00	Pela Expressão Facial	Outra opção

Estes factos levam a concluir que, apesar de atualmente a linguagem corporal ainda não ser considerada como um método científico de análise do comportamento não verbal, uma vez que ainda não há suporte científico credível e geral para o validar, é um sinal de que, posteriormente será tida em conta e serão feitos mais estudos sobre este construto, porque considera-se que seja um complemento útil à forma como se avalia o não verbal de uma pessoa.

Prosseguindo para a PARTE 3 do questionário, à pergunta 1, “Qual destas imagens é agressiva?”, anteriormente na página 65 tínhamos visto que todos os participantes tinham seleccionado a opção 5 “Nenhuma das Opções”, e que significava que os participantes deste estudo sabiam distinguir emoções/sentimentos positivos de negativos. Dessa forma, foi também possível notar que todos os participantes estavam atentos a esta pergunta, no qual foi feita de forma premeditada. No que toca à variável sexo, os resultados foram unânimes quer para homens, quer para mulheres, tendo obtidos médias iguais ($M=5.00$) e sem desvio padrão ($SD=0,000$), não havendo, portanto, diferenças entre ambos, como mostra a Tabela 45 (Ver Anexo 3).

Tabela 45. Qual destas imagens é agressiva? - análise descritiva

Resultados						
Qual destas imagens é agressiva?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	5,00	22	0,000	5,00	Nenhuma das opções	Nenhuma das opções
Masculino	5,00	18	0,000	5,00	Nenhuma das opções	Nenhuma das opções
Total	5,00	40	0,000	5,00	Nenhuma das opções	Nenhuma das opções

No que toca à pergunta 2 “De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?”, mais acima na página 65 tinha-se verificado que, de uma forma geral, os participantes deste estudo tinham seleccionado a 1ª imagem (relativa a um homem com expressão facial de raiva/cólera severa). Em maior detalhe, no que toca à variável sexo, há uma ligeira diferença em relação às médias, no qual a maioria dos homens e as mulheres escolheram esta imagem como a mais agressiva de todas, contudo, os resultados obtidos revelam que a média do sexo feminino foi ligeiramente superior ($M=1.95$) e com uma discrepância maior de valores ($SD=1.463$). Ficou também visível que os homens restringiram-se apenas às imagens como opções de resposta, não tendo sido considerada a opção “Nenhuma das opções”, e dessa forma, ficou apenas considerado como mínimo a 1ª e máxima a 4ª opção, como é possível ver na Tabela 46. Os participantes deste estudo, independentemente do sexo, no que toca à análise da expressão facial, sabem distinguir uma emoção subtil de uma emoção evidenciada, uma expressão facial leve de uma expressão facial evidenciada de forma extrema.

Tabela 46. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva? - análise descritiva

Resultados						
De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	1,95	22	1,463	1,00	1	Nenhuma das opções
Masculino	1,89	18	1,367	1,00	1	4
Total	1,93	40	1,403	1,00	1	Nenhuma das opções

Prosseguindo para a pergunta 3 “De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?”, mais acima na página 67 desta dissertação, tínhamos verificado que os participantes deste estudo, no que toca à linguagem corporal, conseguiram identificar e antecipar um comportamento agressivo com base na análise que fazem do mesmo. A maioria selecionou a 1ª e a 4ª opção, que segundo a literatura, são os gestos mais usados e que melhor são percebidos como sendo agressivos. Em relação à variável sexo, pela análise descritiva pode-se verificar que houve algumas diferenças significativas entre homens e mulheres, no qual a maioria das mulheres pontuaram mais ($M=3.73$) e apresentam menor dispersão dos valores do que os homens ($SD=1.077$), sendo por isso mais consistentes. A maioria das mulheres aproximaram-se mais da 4ª opção como sendo a imagem mais agressiva do que os homens, como é possível ver na Tabela 47 (Ver Anexo 3).

Tabela 47. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva? - análise descritiva

Resultados						
De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	3,73	22	1,077	4,00	1	Nenhuma das opções
Masculino	3,17	18	1,249	4,00	1	Nenhuma das opções
Total	3,48	40	1,176	4,00	1	Nenhuma das opções

No que toca à pergunta 4 “De acordo com as seguintes imagens, qual te parece mais favorável a que se cometa um ato violento?”, mais acima na página 68 tinha-se verificado que a maioria dos participantes tinham escolhido a 4ª imagem como cenário mais favorável a que se cometa um ato violento (relativa a um confronto entre dois meninos, em que um deles está com expressão facial de raiva evidenciada e a preparar-se para agredir o outro com um murro com o braço direito). No que toca ao sexo dos participantes, foram encontradas algumas diferenças relativas às médias, tendo os homens pontuado mais ($M=3.89$) e foram mais consistentes nos valores ($SD=0.583$). Dessa forma, a maioria dos homens aproximaram-se mais da opção tida em conta, a 4ª, do que as mulheres, no qual escolheram esta imagem como o cenário mais provável a que se cometa um ato violento, como demonstra a Tabela 48 (Ver Anexo 3).

Tabela 48. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece mais favorável a que se cometa um ato violento? - análise descritiva

Resultados						
De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	3,50	22	0,859	4,00	2	4
Masculino	3,89	18	0,583	4,00	2	Nenhuma das opções
Total	3,68	40	0,764	4,00	2	Nenhuma das opções

Prossegue-se agora para a PARTE 4 do questionário, relativa a perguntas abertas sobre a temática da agressividade, contendo vídeos. Relativamente ao primeiro vídeo, no qual aborda uma manifestação de taxistas contra a UBER, na pergunta 1 “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”, anteriormente na página 70 tinha-se verificado que os participantes de uma forma geral não tinham correspondido aos objetivos traçados, uma vez que tinham sido pouco precisos na sua análise. Focaram-se em termos gerais, em vez de caracterizar de uma forma objetiva aquilo que estava a acontecer. A maior parte dos participantes escolheu a segunda opção, no qual na opinião dos mesmos, aquilo que estava a acontecer era um conflito entre os taxistas e os policiais com linguagem e/ou gestos ofensiva(os).

Tal como foi dito anteriormente, o que era pretendido para este estudo era que focassem a atenção em algo que se destacasse por entre os demais, não descrevendo a situação de forma global. Em relação à variável sexo, a maioria dos homens e as mulheres deste estudo foram unânimes, estando as suas médias relativamente iguais ($M=2.18$), para as mulheres, e ($M=2.17$), para os homens. Em termos de desvio padrão, os homens foram mais dispersos nas suas respostas do que as mulheres ($SD=1.200$). Porém, em termos globais, quer os homens, quer as mulheres foram unânimes nas respostas efetuadas, não havendo diferenças significativas entre os mesmos, como demonstra a Tabela 49.

Tabela 49. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 1 - análise descritiva

Resultados						
Comenta o vídeo. O que está a acontecer?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,18	22	1,006	2,00	Grupo de taxistas em protesto/ manifestação	Homem de camisola branca e preta a se destacar por ter comportamentos ofensivos para com o camara men
Masculino	2,17	18	1,200	2,00	Grupo de taxistas em protesto/ manifestação	Homem de camisola branca e preta a se destacar por ter comportamentos ofensivos para com o camara men
Total	2,18	40	1,083	2,00		

No que toca à pergunta 2 “O que achas que vai acontecer a seguir?”, anteriormente na página 71 tínhamos reparado que a maioria das pessoas desta amostra não tinham previsto o cenário adequado, bem como as respostas dadas eram antagónicas, no qual uns diziam que a situação ia-se dispersar e o conflito iria acabar, outros diziam que o conflito ia piorar e que iria se gerar violência. Com os resultados obtidos pela análise descritiva em relação à variável

sexo revelam ainda mais factos pouco coerentes, uma vez que os cenários pouco previstos anteriormente foram mais destacados nesta situação. Os resultados obtidos revelam que a maioria das mulheres previram que a polícia iria intervir com medidas de segurança (gás pimenta e/ou outras medidas), estando a sua média mais próxima da opção 3 (M=2.73), enquanto que os homens anteciparam que o que iria acontecer era o homem de camisola branca que iria iniciar uma agressão física (empurros, pontapés), estando mais próximos da opção 2 (M=2.39). Apesar dos cenários serem certos, estes resultados relativos ao primeiro vídeo não são conclusivos, uma vez que os participantes podem ter tido dificuldades de interpretação nas perguntas, e dessa forma condicionar os resultados do estudo e a sua credibilidade. De seguida apresenta-se a Tabela 50 com os resultados obtidos.

Tabela 50. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 1 - análise descritiva

Resultados						
O que achas que vai acontecer a seguir ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,73	22	1,279	3,00	O cordão policial vai-se manter intacto e dessa forma os manifestantes serão controlados; linguagem verbal ofensiva	Descontrolo da situação e/ou gera-se violência física entre os taxistas e as forças de segurança
Masculino	2,39	18	1,335	2,00	O cordão policial vai-se manter intacto e dessa forma os manifestantes serão controlados; linguagem verbal ofensiva	Descontrolo da situação e/ou gera-se violência física entre os taxistas e as forças de segurança
Total	2,58	40	1,299	3,00		

Finalmente, no que toca à pergunta 3 “Se acontecesse contigo o que farias?”, mais acima na página 73 tínhamos analisado que a maioria da amostra apresentava-se mais coerente nas suas respostas, no qual uma parte respondeu que se estivessem naquele local iriam se afastar e observar de longe e se necessário chamar as unidades de emergência, enquanto que outros simplesmente iriam fugir/sair do local. Analisando a variável sexo, podemos concluir que, nesta situação, quem iria se afastar do local, observando à distância e se necessário chamar as unidades de emergência seriam os homens ($M=2.72$), enquanto que as mulheres teriam mais necessidade de fugir do acontecimento, para se protegerem ($M=3.00$). Os homens deste estudo, e neste contexto, assumem um papel de controlo mais favorável do que as mulheres, como demonstra a Tabela 51.

Tabela 51. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 1 - análise descritiva

Resultados						
Se acontecesse contigo o que farias ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	3,00	22	0,436	3,00	Afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência	Não faria nada
Masculino	2,72	18	0,895	2,50	Afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência	Apelava aos manifestantes para terem prudência
Total	2,88	40	0,686	3,00		

Passando para o segundo vídeo, que era relativo ao confronto entre adeptos de clubes de futebol, e à pergunta número 1 “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”, anteriormente na página 73 tínhamos visto que a maioria da amostra, tendo já percebido melhor o procedimento que este exercício consistia, deram respostas mais adequadas e consistentes, no qual referiram por um lado que estaria a decorrer um confronto/conflito físico e verbal entre adeptos das claque de futebol, por outro lado, alguns foram mais concretos e referiram que o indivíduo de camisola branca estava a entrar em conflito com outro adepto sentado puxando-lhe a camisola. Contudo, analisando a variável sexo, houve maior unanimidade, no qual quer os homens (M=2.00), quer as mulheres (M=2.27) referiram que o que estava a decorrer era um confronto/conflito físico e verbal entre adeptos das claque de futebol, estando apenas as mulheres mais próximas da opção 3, mas mesmo assim pouco significativo, como demonstra a Tabela 52.

Tabela 52. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 2 - análise descritiva

Resultados						
Comenta o vídeo. O que está a acontecer?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,27	22	0,703	2,00	Troca de palavras ofensivas entre os adeptos	Indivíduo de camisola branca entra em conflito com outro adepto sentado puxando-lhe a camisola
Masculino	2,00	18	0,767	2,00	Troca de palavras ofensivas entre os adeptos	Indivíduo de camisola branca entra em conflito com outro adepto sentado puxando-lhe a camisola
Total	2,15	40	0,736	2,00		

Relativamente à pergunta número 2 “O que achas que vai acontecer a seguir?”, mais acima na página 74 desta dissertação tínhamos visto que a maioria dos participantes tinham analisado melhor o acontecimento e dado uma previsão mais precisa e coerente em relação ao primeiro vídeo. Os resultados obtidos na altura revelavam que uma parte dos participantes tinham previsto que o indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado iria entrar em violência física com o mesmo, enquanto que outra parte tinha sugerido que o possível cenário seria a possibilidade de haver luta entre os indivíduos. Analisando a variável sexo, é possível verificar que nesta situação, a maioria das mulheres previram a primeira situação mencionada, nomeadamente, que o indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado ia entrar em violência física com o mesmo ($M=2.32$), enquanto que a maioria dos homens previram como possível cenário a ocorrer, uma luta entre os indivíduos (3.50), contudo, apresentam alguma dispersão das suas respostas ($SD=1.339$). Aquilo que de facto aconteceu não foi muito analisado pelos participantes, contudo, estiveram mais perto da resposta certa, e dessa forma, tiveram melhor poder perceptivo, como demonstra a Tabela 53.

Tabela 53. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 2 - análise descritiva

Resultados						
O que achas que vai acontecer a seguir ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,32	22	1,041	2,00	O conflito entre os indivíduos mantêm-se ou piora, no qual há troca de palavras ofensivas	Os indivíduos são advertidos ou mesmo expulsos do local pelos restantes adeptos das claques de futebol
Masculino	3,50	18	1,339	4,00	O conflito entre os indivíduos mantêm-se ou piora, no qual há troca de palavras ofensivas	Os indivíduos são advertidos ou mesmo expulsos do local pelos restantes adeptos das claques de futebol
Total	2,85	40	1,312	2,00		

No que toca à pergunta 3 do segundo vídeo “Se acontecesse contigo o que farias?”, anteriormente na página 76 tínhamos concluído que a maioria dos participantes tinham escolhido a opção de se afastar do local e ficar a observar à distância, enquanto que outros fugiriam do local ou até prestavam auxílio se fosse o caso. No que toca à análise feita à variável sexo da amostra deste estudo, houve maior unanimidade e nesta situação, quer os homens ($M=4.28$), quer as mulheres (4.73), iriam reagir da mesma forma, iriam afastar-se do local e ficariam a observar e chamar o segurança ou ligar para o 112. Em termos de desvio padrão, os valores são pouco divergentes mas na mesma são significativos, tendo os homens adquirido uma maior dispersão das respostas do que as mulheres ($SD=1.602$), como demonstra a Tabela 54.

Tabela 54. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 2 - análise descritiva

Resultados						
Se acontecesse contigo o que farias ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	4,73	22	1,486	4,00	Apelava aos intervenientes do conflito para terem prudência, ajudando-os	Acudia o homem que ficou estendido no chão inconsciente
Masculino	4,28	18	1,602	4,50	Apelava aos intervenientes do conflito para terem prudência, ajudando-os	Acudia o homem que ficou estendido no chão inconsciente
Total	4,53	40	1,536	4,00		

Passando para o último vídeo, à pergunta 1 “Comenta o vídeo. O que está a acontecer?”, mais acima na página 77 tinha-se referido que a maioria dos participantes descreveram a situação de uma forma geral, no qual havia conflitos entre pessoas e condutores na auto-estrada. Houve também quem dissesse que no meio do conflito havia uma mulher de T-Shirt vermelha a agredir um sujeito com canadianas/muletas sendo, portanto, mais precisos na avaliação da situação. Depois de analisada a variável sexo, foi possível verificar que houve

algumas diferenças entre homens e mulheres, no qual a maioria das mulheres descreveram que o que estava a acontecer era uma troca de palavras ofensivas entre os intervenientes do conflito, correspondendo à segunda opção de resposta ($M=2.00$), já a maioria dos homens considerou que se tratava de conflitos entre pessoas e condutores na autoestrada ($M=1.44$), correspondendo, portanto, à primeira opção de resposta e dessa forma, menos precisa em termos de caracterização da cena em questão. Em termos de desvio padrão, os dados estão mais dispersos nas mulheres do que nos homens ($SD=1.069$), sendo por isso menos consistentes, como é possível constatar na Tabela 55.

Tabela 55. Comenta o vídeo. O que está a acontecer? - vídeo 3 - análise descritiva

Resultados						
Comenta o vídeo. O que está a acontecer?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	2,00	22	1,069	1,50	Conflitos entre pessoas e condutores na autoestrada	O indivíduo de calções azul claro é controlado por outro para não entrar em conflitos
Masculino	1,44	18	0,856	1,00	Conflitos entre pessoas e condutores na autoestrada	A mulher de T-Shirt vermelha agride um sujeito com canadianas/ muletas
Total	1,75	40	1,006	1,00		

Relativamente à pergunta 2 “O que achas que vai acontecer a seguir?”, anteriormente tínhamos concluído na página 78 que metade da amostra tinha previsto que o conflito iria aumentar e ia haver violência verbal e física entre os intervenientes (4ª categoria). Analisando a variável sexo, os dados obtidos revelam que a maioria das mulheres previram que este cenário ia acontecer ($M=3.36$), enquanto que a maioria dos homens achavam que o cenário que ia acontecer a seguir seria mais preciso, ou seja, que o homem de calções azul claro ia

Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
 agredir alguém (3ª categoria) (M=2.72). Este último resultado bate certo com o pretendido para este estudo, no qual para este vídeo, os homens tiveram uma melhor percepção da realidade do que as mulheres, como é possível ver na Tabela 56.

Tabela 56. O que achas que vai acontecer a seguir? - vídeo 3 - análise descritiva

Resultados						
O que achas que vai acontecer a seguir ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	3,36	22	1,497	4,00	O conflito irá pouco tempo depois dissipar-se; alguém pode vir a separar os intervenientes	O conflito vai aumentar e vai haver violência verbal e física entre os intervenientes
Masculino	2,72	18	1,364	3,00	O conflito irá pouco tempo depois dissipar-se; alguém pode vir a separar os intervenientes	O conflito vai aumentar e vai haver violência verbal e física entre os intervenientes
Total	3,08	40	1,457	4,00		

Finalmente, no que toca à pergunta 3 “Se acontecesse contigo o que farias?”, como verificamos anteriormente na página 79, a grande maioria dos participantes ficaram indecisos nas respostas, em que alguns referiam que se estivessem naquela situação apelavam aos condutores para terem prudência e resolverem o assunto, outros referem que se afastariam do local e ficaram a observar, chamando o 112 se necessário. Passando para a análise descritiva da variável sexo, os dados obtidos pelo SPSS revelam que as mulheres afastar-se-iam do local e ficariam a observar e se necessário chamavam as unidades de emergência (M=3.59), enquanto que os homens mais facilmente reagem à situação ou atacavam, entrando no conflito (3.06). Em termos de desvio padrão, as mulheres apresentam resultados mais consistentes obtendo (SD=1.098), como é possível constatar pela Tabela 57.

Tabela 57. Se acontecesse contigo o que farias? - vídeo 3 - análise descritiva

Resultados						
Se acontecesse contigo o que farias ?						
Sexo	Média	N	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Feminino	3,59	22	1,098	4,00	Apelava aos condutores para terem prudência e resolverem o conflito, tentando separá-los	Fugia/saía do local
Masculino	3,06	18	1,305	3,00	Não faria nada, apenas iria rir do acontecimento	Fugia/saía do local
Total	3,35	40	1,210	4,00		

Apesar dos valores não serem muito conclusivos, é mais uma tendência para se assumir que os homens tem maiores tendências para serem agressivos e envolverem-se em confrontos do que as mulheres, como tem sido verificado ao longo dos tempos pela literatura.

Em suma, apesar de haver alguma discrepância nos valores obtidos, que podem ser explicados pelo facto das perguntas não terem sido feitas de uma forma mais objectiva, possível de ser melhor entendida, ou pelo facto dos participantes não terem estado com a devida atenção na análise dos mesmos, os resultados, de uma forma geral, apontam que a maioria dos estudantes universitários conseguiram acertar adequadamente nas suas previsões, umas mais precisas do que outras, no qual através da análise e por conseguinte da sua própria percepção, não só do comportamento não verbal (expressão facial e linguagem corporal), mas também da realidade e do acontecimento em si, conseguiram satisfatoriamente antecipar um comportamento agressivo e prever o que iria acontecer. Em maior detalhe, relativamente ao sexo, de uma forma geral, não foram detetadas diferenças entre os homens e as mulheres deste estudo, no qual uns apresentaram uma melhor percepção da realidade e do acontecimento a analisar, outros foram mais objetivos nas respostas e acertaram mais vezes nas suas previsões, estando ambos em pé de igualdade.

Posteriormente foi executada a prova estatística Qui-Quadrado com o objetivo de procurar matematicamente diferenças significativas entre homens e mulheres em relação às perguntas do estudo. Os resultados obtidos apontam para uma fraca associação entre as variáveis (sexo + cada pergunta). Apenas três perguntas tiveram uma associação favorável com o Qui-Quadrado, nomeadamente, a pergunta 7.1 “Se sim ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?”; a pergunta 3 relativa ao vídeo 1 “Se acontecesse contigo o que farias?”; e a pergunta 2 relativa ao vídeo 2 “O que achas que vai acontecer a seguir?”.

Em maior detalhe, relativamente à pergunta 7.1 da parte 2 “Se sim ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?”, os valores obtidos pela análise feita pelo Qui-Quadrado evidencia uma associação, uma vez que a significância do Qui-Quadrado de Pearson respetiva foi de 0,043, que sendo inferior a 0,05 é significativo, logo há associação entre as variáveis em questão e os valores esperados são diferentes dos valores obtidos, sendo mais significativo no caso dos homens, como é possível verificar pela Tabela A e B.

Tabela A. Valores esperados e Valores obtidos da pergunta 7.1 - Qui-Quadrado

χ^2					
			Sexo		
			Feminino	Masculino	Total
Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?	Sim	Valores Obtidos	7	9	16
		Valores Esperados	8,8	7,2	16,0
	Não	Valores Obtidos	4	0	4
		Valores Esperados	2,2	1,8	4,0
Total	Valores Obtidos		11	9	20
	Valores Esperados		11,0	9,0	20,0

Tabela B. Resultados do Teste do Qui-Quadrado obtidos da pergunta 7.1

χ^2					
	Valor	df	Sig (2 - lados)	Sig exato (2 - lados)	Sig exato (1 - lado)
Qui-Quadrado de Person	4,091 ^a	1	0,043		
Correção de Continuidade ^b	2,134	1	0,144		
Rácio	5,595	1	0,018		
Test de Fisher				0,094	0,068
Associação Linear	3,886	1	0,049		
N de casos válidos	20				

O Lambda respetivo apresenta valor de 0,154, que em termos de direção é direta e no que toca à força é fraca, como é possível verificar na Tabela C. Portanto, sendo significativa a associação entre o sexo e a pergunta 7.1, pode-se afirmar que os homens, nesta questão, apresentam uma melhor percepção, nas alturas quando estão a ser agressivos e a ter atitudes agressivas, do que as mulheres. Os resultados estão de acordo com aqueles que foram obtidos pela análise descritiva feita anteriormente e analisada na página 87 desta dissertação.

Tabela C. Resultados do Lambda obtidos da pergunta 7.1 - Qui-Quadrado

χ^2					
		Valor	Desvio de Erro ^a	T Aproximado ^b	Sig Aproximado
Lambda	Simétrico	0,154	0,283	0,503	0,615
	Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?	0,000	0,000	. ^c	. ^c
	Sexo	0,222	0,392	0,503	0,615
Goodman and Kruskal tau	Se sim, ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas?	0,205	0,102		,049 ^d
	Sexo	0,205	0,082		,049 ^d

Em relação à pergunta 3 relativa ao vídeo 1 “Se acontecesse contigo o que farias?”, os valores obtidos evidenciam uma associação, uma vez que a significância do Qui-Quadrado de Pearson respectivo foi de 0,011, que sendo inferior a 0,05 é significativo, logo há associação entre as variáveis em questão e os valores esperados são diferentes dos valores obtidos, sendo significativos quer para os homens, quer para as mulheres, nomeadamente, os homens iriam afastar-se do local e ficar a observar e se necessário chamar as unidades de emergência, já as mulheres fugiriam/sairiam do local, como é possível verificar pela Tabela D e E.

Tabela D. Valores esperados e Valores obtidos da pergunta 3 do vídeo 1 - Qui-Quadrado

χ^2					
	Sexo				Total
		Feminino	Masculino		
Se acontecesse contigo o que farias ?	Afastar-me-ia do local e ficaria a observar e se necessário chamar as unidades de emergência	Valores Obtidos	2	9	11
		Valores Esperados	6,1	5,0	11,0
	Fugia/saía do local	Valores Obtidos	18	6	24
		Valores Esperados	13,2	10,8	24,0
	Não faria nada	Valores Obtidos	2	2	4
		Valores Esperados	2,2	1,8	4,0
	Apelava aos manifestantes para terem prudência	Valores Obtidos	0	1	1
		Valores Esperados	0,6	0,5	1,0
	Total	Valores Obtidos	22	18	40
		Valores Esperados	22,0	18,0	40,0

Tabela E. Resultados do Teste do Qui-Quadrado obtidos da pergunta 3 do vídeo 1

χ^2			
	Valor	df	Sig (2 - lados)
Qui-Quadrado de Pearson	11,166 ^a	3	0,011
Rácio	12,083	3	0,007
Associação Linear	1,621	1	0,203
N de casos válidos	40		

O Lambda respectivo apresenta valor de 0,324, que em termos de direção é direta e no que toca à força é moderada, como é possível verificar na Tabela F. Portanto, sendo significativa a associação entre o sexo e a pergunta 3, pode-se afirmar que, nesta situação, os homens e as mulheres reagiriam de maneira diferente se estivessem neste tipo de conflitos. Os resultados estão de acordo com aqueles que foram obtidos pela análise descritiva feita anteriormente e analisada na página 95 desta dissertação.

Tabela F. Resultados do Lambda obtidos da pergunta 3 do vídeo 1 - Qui-Quadrado

χ^2					
		Valor	Desvio de Erro ^a	T Aproximado ^b	Sig Aproximado
Lambda	Símétrico	0,324	0,165	1,698	0,090
	Se acontecesse contigo o que farias ?	0,188	0,218	0,780	0,435
	Sexo	0,444	0,143	2,481	0,013
Goodman and Kruskal tau	Se acontecesse contigo o que farias ?	0,181	0,099		,000 ^c
	Sexo	0,279	0,130		,012 ^c

Finalmente, no que toca à pergunta 2 relativa ao vídeo 2 “O que achas que vai acontecer?”, os valores obtidos evidenciam uma associação, uma vez que a significância do Qui-Quadrado de Pearson respectivo foi de 0,025, que sendo inferior a 0,05 é significativo, logo há associação entre as variáveis em questão e os valores esperados são diferentes dos valores obtidos, no qual quer as as mulheres, quer os homens não foram unânimes e escolheram possíveis cenários diferentes à situação em causa, como é possível verificar pela Tabela G e H.

Tabela G. Valores esperados e Valores obtidos da pergunta 2 do vídeo 2 - Qui-Quadrado

χ^2						
			Sexo			
			Feminino	Masculino	Total	
O que achas que vai acontecer a seguir ?	O conflito entre os indivíduos mantêm-se ou piora, no qual há troca de palavras ofensivas	Valores Obtidos	3	2	5	
		Valores Esperados	2,8	2,3	5,0	
	O indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado vai entrar em violência física com o mesmo	Valores Obtidos	14	3	17	
		Valores Esperados	9,4	7,7	17,0	
	O indivíduo que estava sentado e que foi agredido fisicamente (puxado pelo outro sujeito) ataca-o	Valores Obtidos	1	1	2	
		Valores Esperados	1,1	0,9	2,0	
	Pode haver luta entre os indivíduos	Valores Obtidos	3	8	11	
		Valores Esperados	6,1	5,0	11,0	
	Os indivíduos são advertidos ou mesmo expulsos do local pelos restantes adeptos das claques de futebol	Valores Obtidos	1	4	5	
		Valores Esperados	2,8	2,3	5,0	
	Total		Valores Obtidos	22	18	40
			Valores Esperados	22,0	18,0	40,0

Tabela H. Resultados do Teste do Qui-Quadrado obtidos da pergunta 2 do vídeo 2

χ^2			
	Valor	df	Sig (2 - lados)
Qui-Quadrado de Pearson	11,101 ^a	4	0,025
Rácio	11,809	4	0,019
Associação Linear	8,037	1	0,005
N de casos válidos	40		

Tabela I. Resultados do Lambda obtidos da pergunta 2 do vídeo 2 - Qui-Quadrado

χ^2					
		Valor	Desvio de Erro ^a	T Aproximado ^b	Sig Aproximado
Lambda	Simétrico	0,317	0,132	2,088	0,037
	O que achas que vai acontecer a seguir ?	0,217	0,128	1,552	0,121
	Sexo	0,444	0,166	2,108	0,035
Goodman and Kruskal tau	O que achas que vai acontecer a seguir ?	0,121	0,066		,001 ^c
	Sexo	0,278	0,136		,029 ^c

O Lambda respetivo apresenta valor de 0,317, que em termos de direção é direta e no que toca à força é moderada, como é possível verificar na Tabela I. Portanto, sendo significativa a associação entre o sexo e a pergunta 2, pode-se afirmar que, nesta situação, os homens e as mulheres previram de maneira diferente os possíveis cenários a ocorrer neste conflito. As mulheres consideraram que o ia acontecer a seguir era “o indivíduo que puxou a camisola daquele que estava sentado vai entrar em violência física com o mesmo”, já os homens previram que o cenário que ia ocorrer a seguir era a possível luta entre os indivíduos. O que de facto ocorreu na cena não foi o que previram, tendo pontuado pouco na terceira opção que era a desejada, e dessa forma os resultados obtidos não são os desejados para o estudo, contudo, estes dados estão de acordo com aqueles que foram obtidos pela análise descritiva feita anteriormente e analisada na página 97 desta dissertação.

Todas as restantes perguntas do questionário demonstraram o valor de significância $> 0,05$, ou seja, não se apresenta diferenças significativas entre essas variáveis, não há associação entre as mesmas, logo os valores esperados tendem a ser iguais aos valores observados.

A última componente metodológica desta dissertação engloba a análise automática das imagens e dos vídeos que compõem a PARTE 3 e PARTE 4 do questionário, respetivamente, tendo usado para o efeito o FACS e o programa informático, o FaceReader 7.1.

No que concerne aos dados relativos das imagens, os resultados revelam que, de todas as 16 fotos presentes, apenas 6 foram reconhecidas e analisadas pelo programa informático. Todas as restantes, seja pela fraca qualidade e/ou tamanho, seja pelo facto de não estar evidenciado as expressões faciais de forma frontal, podem ter condicionado a análise pelo programa e dessa forma não foram tidas em conta pelo mesmo.

Em maior detalhe, relativamente à primeira pergunta, pediu-se aos participantes para escolherem, de entre as fotos presentes, aquela que fosse agressiva. Como foi verificado anteriormente na página 65 desta dissertação nenhum dos participantes seleccionou qualquer foto, tendo apenas escolhido a única opção correta que se adequava à pergunta (Nenhuma das Opções) (Ver Anexo 3). De facto, esta pergunta foi feita de forma premeditada para avaliar a forma como os participantes analisam e associam as expressões faciais às emoções e sentimentos, e também para verificar se estavam atentos à pergunta em si. Sendo fotos que demonstram a emoção Alegria, os participantes sabem que se trata de fotos alegres e dessa forma não consideraram que fossem agressivas. Das quatro fotos, o FaceReader conseguiu apenas identificar duas delas, a 2ª e a 4ª foto. Relativamente à 2ª foto, o programa identificou cinco AUs que correspondem à emoção Alegria: 6 (Cheek Raiser); 7 (Lid Tightener); 10 (Upper Lip Raiser); 12 (Lip Corner Puller); e 25 (Lips Part) (Ver Anexo 5). Já no que toca à 4ª foto, o FaceReader identificou duas AUs correspondentes à emoção Alegria: 12 (Lip Corner Puller); e 25 (Lips Part) (Ver Anexo 6).

No que toca à segunda pergunta, pediu-se aos participantes para escolherem de entre as seguintes imagens aquela que fosse mais agressiva. Esta pergunta já integra a variável a estudar, a agressividade, e todas as quatro fotos apresentam emoções e sentimentos negativos. Como foi verificado anteriormente na página 65 os participantes do estudo seleccionaram mais vezes na 1ª e na 4ª foto, como sendo as mais agressivas. Das quatro fotos, o programa informático apenas conseguiu analisar a 4ª foto (Ver Anexo 3). Os resultados obtidos revelam que o programa identificou 8 AUs que correspondem à emoção Raiva/Cólera: 1 (Inner Brow Raiser); 4 (Brow Lowerer); 6 (Cheek Raiser); 7 (Lid Tightener), 10 (Upper Lip Raiser), 25 (Lips Part), 27 (Mouth Stretch), e 43 (Eyes Closed) (Ver Anexo 7).

Relativamente à terceira pergunta, no qual se referia à linguagem corporal, pediu-se aos participantes que escolhessem de acordo com as seguintes imagens, aquela que lhes parecia ser mais agressiva e anteriormente na página 67 tínhamos visto que os mesmos tinham seleccionado mais vezes a 4ª imagem (Ver Anexo 3). Da mesma forma como na pergunta anterior, esta pergunta também integra a variável a estudar, a agressividade, e em qualquer das fotos se evidencia gestos corporais agressivos e ofensivos. Das 4 fotos presentes apenas duas foram analisadas pelo programa, a 3ª e 4ª foto. Abordando a 3ª foto, os resultados obtidos revelam que o programa identificou apenas duas AUs que correspondem a um estado neutro de emoção: 2 (Outer Brow Raiser); e 9 (Nose Wrinkler). Contudo, foi também detetado indícios de Raiva/Cólera e Nojo (Ver Anexo 8). No que toca à 4ª foto, o programa conseguiu apenas identificar e analisar duas AUs que correspondem à emoção Raiva/Cólera: 4 (Brow Lowerer); 7 (Lid Tightener) (Ver Anexo 9).

Finalmente, no que toca à quarta e última pergunta desta PARTE 3 do questionário, pediu-se aos participantes que escolhessem de acordo com as seguintes imagens, aquela(s) que lhes pareciam ser mais favoráveis a que se cometa um ato violento, e mais acima na página 68 tínhamos visto que os participantes tinham seleccionado mais vezes na 4ª imagem (Ver Anexo 3). Esta pergunta da mesma forma como nas duas anteriores integra conteúdos agressivos e/ou violentos. Das quatro imagens presentes apenas uma foi quantificada e analisada pelo FaceReader, a 4ª foto, muito provavelmente por ser a única, neste leque, que evidenciava expressões faciais evidentes de forma frontal. Os resultados obtidos revelam que o programa conseguiu identificar cinco AUs que correspondem à emoção Raiva/Cólera: 4 (Brow Lowerer), 5 (Upper Lid Raiser); 17 (Chin Raiser); 23 (Lip Tightener); e 24 (Lip Pressor). Foram também encontrados indícios de Desprezo e emoção neutra (Ver Anexo 10).

De seguida foram postos para análise os vídeos relativos à PARTE 4 do questionário e infelizmente o FaceReader 7.1 não conseguiu analisar os segmentos dos três vídeos, uma vez que se tratam de vídeos em movimento e em nenhum momento houve um rosto com expressão facial de forma frontal e de forma evidenciada para poder analisar, no qual teve dificuldades em caracterizar as faces dos indivíduos das diferentes cenas e, dessa forma, não pôde quantificar os dados em AUs e obter os gráficos de análise. Nesta parte do questionário não foi possível comparar os resultados obtidos com aqueles evidenciados pelos participantes.

6. Conclusão

A Agressividade é um construto psicológico e social que existe desde os tempos primórdios e que faz parte do nosso cotidiano, em situações e acontecimentos que não nos são favoráveis e que reagimos de forma instável mas com o qual, posteriormente, aprendemos a lidar e a gerir de forma eficiente e cooperativa.

Está diretamente associada às emoções, sensações corporais e sentimentos. Desencadeia-se quando os objetivos às quais a pessoa se comprometeu não foram cumpridos ou por não serem valorizados, reagindo dessa forma em cariz desadaptativo consigo próprio ou com outros. Sendo um construto psicológico integra na sua base mecanismos de defesa e ataque para lidar com as situações adversas. Em termos sociais já engloba mecanismos de aprendizagem e descontrolo.

A expressão facial da emoção e a linguagem corporal consistem em dois tipos de comportamento não verbais que o ser humano tem e que no dia a dia os põe em prática em diversas situações e contextos. Da mesma forma como a agressividade, estão diretamente ligados às componentes psicológicas e consoante os tipos de emoções e sentimentos que certa pessoa apresenta no momento, irão se formar no rosto e no corpo sinais de que a mesma está a entrar num processo emocional. Alguns tem facilidade em analisar e interpretar esses sinais, outros nem tanto.

Esta dissertação teve como objetivo tentar compreender a forma como os estudantes universitários percebem determinados indicadores de expressão facial e linguagem corporal como possíveis preditores do comportamento agressivo.

Os resultados obtidos revelam que os participantes tem facilidades em analisar e interpretar o comportamento agressivo com base no reconhecimento que fazem das expressões faciais e da linguagem corporal. Compreendem que a agressividade é um construto negativo e que está presente nas suas vidas e que aparece de forma desadaptativa, no qual tem a necessidade de controlar e gerir de forma mais eficaz. Quando confrontados com o construto violência, foram capazes de distinguir os conceitos. Consideram que as pessoas tem tendências para serem agressivas e quando questionados sobre si próprios referem que sim, são agressivos por vezes, todavia, referem que não costumam ter atitudes agressivas para com os outros. Este foi um dos aspetos em que foi verificado a sugestibilidade, não tendo sido plenamente honestos.

De forma geral, os participantes deste estudo costumam analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas com eles próprios ou com outros, e com base nisso tem alguma facilidade em prever se esse determinado comportamento agressivo ou ofensivo irá ocorrer. Consideram que a melhor maneira de observar e interpretar um comportamento agressivo é procurar informações quer pela expressão facial, quer pela linguagem corporal.

Os participantes sabem distinguir Agressividade de emoções positivas e/ou negativas, como é o caso da Alegria. Sabem identificar e distinguir expressões faciais e corporais subtis de expressões e posturas mais salientes e com grau mais severo. Em termos de previsão de acontecimentos, os resultados obtidos revelam que os participantes tiveram, de forma geral, uma percepção adequada e acertada relativa às cenas dos vídeo dos diferentes contextos em análise. Em algumas situações foram mais precisos nas suas respostas e dessa forma obtiveram melhores resultados, noutras situações responderam de forma mais geral e obtiveram uma menor percepção do que estava a acontecer e por conseguinte, acertaram menos nas suas previsões.

No que toca ao sexo, de uma forma geral, não foram detetadas diferenças entre os homens e as mulheres deste estudo, no qual uns apresentaram uma melhor percepção da realidade e do acontecimento a analisar, outros foram mais objetivos nas respostas e acertaram mais vezes nas suas previsões, estando ambos em pé de igualdade. Em maior detalhe, e de forma geral, os homens entendem melhor o conceito de agressividade do que as mulheres; costumam ter atitudes mais agressivas para com os outros do que as mulheres; tem uma melhor percepção de que estão a ser agressivos e a ter atitudes agressivas do que as mulheres; tem uma melhor capacidade de analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas com eles próprios ou com os outros do que as mulheres; costumam analisar um comportamento agressivo pela forma como a pessoa apresenta a sua linguagem corporal no momento; tem uma melhor capacidade de decidir se um determinado comportamento pode vir a tornar-se como um ato violento do que as mulheres; em situações de perigo, como foi o caso da manifestação de taxistas contra a UBER teriam uma melhor capacidade de gerir a situação do que as mulheres; foram mais precisos e por conseguinte, acertaram mais vezes nos seus palpites do que as mulheres no que toca à previsão do que iria acontecer a seguir relativamente ao conflito entre os condutores de automóveis e os imigrantes; e em situações de violência tem maior probabilidade de entrarem em conflitos do que as mulheres. Por outro

lado, as mulheres deste estudo, de uma forma geral, sabem distinguir melhor o conceito de violência do que os homens; obtiveram valores mais elevados no que toca à sua própria percepção se se consideram como agressivas do que os homens; conseguem prever melhor do que os homens, tendo em conta a análise que fazem do comportamento não verbal das pessoas que estão a ser agressivas com elas próprias e com outros, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer; costumam analisar um comportamento agressivo pela forma como a pessoa apresenta a sua expressão facial e linguagem corporal no momento; sabem identificar e distinguir melhor expressões faciais agressivas e violentas do que os homens; souberam caracterizar melhor o acontecimento do último vídeo relativo ao conflito entre os condutores de automóveis e os imigrantes do que os homens; e em situações de perigo tem uma maior probabilidade de ajudar os outros do que os homens deste estudo.

Em termos das hipóteses estabelecidas nesta dissertação ambas foram verificadas, nomeadamente, a possibilidade destes tipos de comportamento não verbais serem aceites como preditores do comportamento agressivo e se os jovens adultos, nomeadamente, os estudantes universitários desta amostra tem uma percepção adequada do que é um comportamento agressivo e se o conseguem prever, o qual acabou por se tornar afirmativo.

Relativamente às limitações do estudo, é de salientar a dificuldade que houve em obter informação teórica que focasse o conceito chave que é a agressividade, integrando os conceitos de expressão facial da emoção, linguagem corporal e a percepção. Sendo conceitos ainda pouco explorados pela comunidade científica, a base teórica desta dissertação carece de mais referências para ter um melhor aprofundamento destes conceitos.

A amostra seleccionada tendo sido por conveniência e em pouca dimensão (40 indivíduos), empobrece os resultados, daí que seria interessante alargar este estudo a uma amostra maior e enquadrar na realidade nacional. O questionário que foi criado para o estudo empírico devia ter sido elaborado de uma forma mais completa e integrando escalas de Likert no qual os participantes, de entre as hipóteses, seleccionassem a melhor alternativa, porque tendo se optado por perguntas abertas e fechadas, apesar de gerar uma maior panóplia de respostas, dificulta a gestão das mesmas em categorias. Um erro que foi inicialmente cometido, mas mais tarde corrigido, na PARTE 4 contendo os vídeos foi o facto de não ter informado de uma forma mais clara e precisa das instruções a serem dadas aos participantes naquilo que tinham de fazer na observação dos vídeos. Pelo facto de ter sido a primeira vez a testar este método,

só ao aperceber-me mais tarde, durante a execução, de que os participantes não estavam a responder de forma esperada, é que tive a necessidade de lhes acrescentar mais informação para que pudessem perceber melhor o objetivo da tarefa, tendo originado, por consequência, o enviesamento dos resultados e, posteriormente, ter sido verificado na análise e discussão dos resultados, que foi feita mais acima. Porém, mesmo com este erro, os participantes perceberam melhor o objetivo da tarefa e deram melhor respostas nas perguntas seguintes.

Em termos da análise feita com o programa informático FaceReader 7.1, houve limitações, no qual não consegui analisar todas as fotos e os vídeos que fizeram parte do questionário, tendo dessa forma, limitado a comparação dos resultados com os dados obtidos pelos participantes. Seria interessante melhorar as definições do programa com atualizações, para incluir mais alternativas de análise. Uma possível explicação que encontro pelo facto do programa não ter sido capaz de analisar qualquer vídeo foi por causa de serem segmentos em movimento, no qual em nenhum momento houve pessoas com as expressões faciais evidentes de forma frontal e com tempo suficiente para que o programa pudesse analisar e configurar as AUs respetivas instantaneamente. Para facilitar melhor esse processo podia ter escolhido melhores vídeos mas na altura considerei que o programa fosse capaz de analisar e com o tempo disponível que tinha não foi possível alterar. Em relação às fotos, podia ter escolhido melhores exemplos para representar a Agressividade em forma de expressão facial e em linguagem corporal para que o programa pudesse analisar e configurar melhor as respetivas AUs.

Em suma, apesar das limitações, este estudo empírico promove uma melhor exploração e entendimento sobre a temática da Agressividade, emoções e comportamentos não verbais, sendo ainda pouco explorados pela comunidade científica. Apesar da expressão facial ser o método mais eficaz de análise do comportamento não verbal, seria interessante haverem mais estudos feitos com a linguagem corporal, porque pode providenciar mais informações extras e úteis para entender o comportamento humano. Seria também interessante continuar este estudo empírico e envolver outros tipos de amostra, com outras categorias de idades e habilitações e nacionalidades, para ter uma melhor noção destes conceitos e de como a sociedade percebe os mesmos, enquadrados num espectro mais global, para diminuir, futuramente, a criminalidade e os comportamentos desviantes.

Referências

- Abadi, S. (1998). O desenvolvimento da agressão. In S. Abadi, *Transições: o modelo terapêutico de D. W. Winnicott* (pp. 234). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Abreu, M. (1998). *Cinco ensaios sobre a motivação*. Coimbra: Almedina.
- Achenbach, T., & Edelbrock, C. (1984). Psychopathology of childhood. *Annual review of psychology*, 35, 277-256.
- Almeida, A., André, I., & Almeida, H. (1999). Sombras e marcas: os maus tratos às crianças na família. *Análise Social*, 150, 91-121.
- American Psychiatric Association. (1994). The seville statement on violence. *American psychologist*, 49, 845-846.
- Associação de Psiquiatria Americana. (1994). *Manual de diagnóstico e estatístico das perturbações mentais (DSM-IV)*. Barcelona: Masson.
- Anderson, C., & Huesmann, R. (2003). Human aggression: A social-cognitive view. In Michael Hogg & Joel Cooper (Eds), *The sage handbook of social psychology* (pp. 297-3239). Thousand Oaks, CA: Sage publications, Inc.
- Aronson, E., Wilson, T., & Akert, R. (1997, 2nd ed). *Social psychology*. New York: Longman.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Bandura, A., & Walters, R. (1959). *Adolescent aggression*. New York: Ronald Press.
- Barlett, M., Hager, J., Ekman, P., Sejnowski, T. (2009). Measuring facial expressions by computer image analysis. *Psychophysiology*, 36, 253-263.
- Batty, M., & Taylor, M. J. (2003). Early processing of the six basic facial emotional expressions. *Cognitive Brain Research*, 17, 613–620. doi: 10.1016/S0926-6410(03)00174-5.
- Beauregard, E., Lussier, P., & Proulx, J. (2007). Criminal propensity and criminal opportunity: An investigation of crime scene behaviors of sexual aggressors of women. In

- Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
R. N. Kocsis (Ed.). *Criminal profiling: International theory, research, and practice* (pp. 89-113). Totowa, NJ: Humana Press.
- Berkowitz, L. (1993). *Agression: its cause, consequences and control*. Boston: McGraw-Hill.
- Birdwhistell, R. (1985, 4th ed). *Kinesics and context: essays on body motion communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Blummer, H. (1969). The methodological position of symbolic interactionism. In H. Blumer, *Symbolic Interactionism. Perspective and method*. (pp. 1-60). Englewood Cliff: Prentice - Hall.
- Bolorizadeh, P., & Tojari, F. (2013). Facial expression recognition: age, gender and exposure duration impact. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 84, 1369–1375.
- Bradley, M. (2008). Natural selective attention: orienting and emotion. *Psychophysiology*, 46, 1-11. *Epub*.
- Buss, A. (1966). *Psychopathology*. New York: Wiley.
- Canha, J. (2003). A criança vítima de violência. In C. Machado & R. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crime* (2ª Ed.). Vol 2 - Crianças (pp. 23-36). Coimbra: Quarteto Editora.
- Ceccarini, F., & Caudek, C. (2013). Anger superiority effect: The importance of dynamic emotional facial expressions. *Visual Cognition*, 21, 498-540.
- Ceconello, A., & Koller, S. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5, 71-93.
- Costa, B. (2013). *Perfis psicocriminais: do estripador de lisboa ao profiler*. Lisboa: Lidel.
- Costa, V., & Sani, A. (2007). Crianças expostas ao trauma de violência familiar: abordagens teóricas da sintomatologia de pós-stress traumático. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa*, 4, 210-221.
- Cunha, S. (2011). *Características faciais e a interpretação de perfis criminais*. Aveiro. Dissertação de mestrado - Departamento de Educação. Universidade de Aveiro.

- Cruz, J. (1996). Stress, ansiedade e competências psicológicas nos atletas de elite e de alta competição: Um estudo da sua relação e impacto no rendimento e no sucesso desportivo. *Psicologia: Teoria Investigação Prática, 1*, 161-192.
- Cruz, J., & Barbosa, L. (1998). Stress, ansiedade e confronto psicológico na competição desportiva: Uma nova abordagem de natureza cognitiva, motivacional e relacional. *Psicologia: Teoria Investigação Prática, 3*, 21-70.
- Davis, F. (1979, 2nd ed). *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus editorial.
- Dilalla, L. (2002). Behavior genetics of aggression in children: Review and future directions. *Developmental Review, 22*, 593 - 622.
- Dimitrius, Jo-Ellan., & Mazarella, M. (2003). *Decifrar pessoas: como entender e prever o comportamento humano*. São Paulo: Elsevier.
- Dodge, K., & Newman, J. (1981). Biased decision-making processes in aggressive boys. *Journal of Abnormal Psychology, 90*, 375-379.
- Duxbury, J. (2002). An evaluation of staff and patient views of and strategies employed to manage inpatient aggression and violence on one mental health unit: a pluralistic design. *Journal of Psychiatry Mental Health Nurs, 9*, 325-37.
- Ekman, P. (1973). *Darwin and facial expression: a century of research in review*. New York: Academic Press.
- Ekman, P. (2001). *Telling lies: Clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage*. New York: W. W. Norton.
- Ekman, P. (2003). Recognized anger in other. In *Emotions revealed: understanding faces and feelings* (pp.136-147). London: Phoenix.
- Feshbach, S. (1964). The function of aggression and the regulation of aggressive drive. *Psychological Review, 71*, 257-272.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente: situação e enquadramento da problemática. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 3*, 5-20.

- Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
- Freitas-Magalhães, A. (2011, 4ª ed.). *A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Freitas-Magalhães, A. (2011). Emotion: From the brain to the face and back. In A. Freitas-Magalhães (Ed.), *Emotional expression: The brain and the face* (Vol. 3, pp. 01–40). Oporto: University Fernando Pessoa Press.
- Freitas-Magalhães, A. (2012). Facial expression of emotion. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of Human Behavior* (Vol. 2, pp. 173–183). Oxford: Elsevier/Academic Press.
- Freitas-Magalhães, A. (2013). *O código de ekman: o cérebro, a face e a emoção*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Freitas-Magalhães, A. (2013). The science of reading human face: history, theory, research and assessment. In A. Freitas-Magalhães, C. Bluhm, & M. Davis (Eds.), *Handbook on facial expression of emotion* (pp. 19–65). Oporto: FEELab Science Books.
- Freitas-Magalhães, A. (2017). *Facial Action Coding System 2.0: Manual de codificação científica da face humana*. Porto: FEELab Science Books.
- Freud, S. (1983). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Freud, S. (2002). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fromm, E. (1975). *The anatomy of human destructiveness*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston.
- Furst, C. (1979). Automating attention. *Psychology Today*, 13, 112.
- Gacono, C., Kosson, D., & Bodholt, R. (2000). Assessing psychopathy - interpersonal aspects and clinical interviewing. In C. B. Gacono (Ed.), *The clinical and forensic assessment of psychopathy* (pp. 203-230). Mahwah: Lawrence Earlbaum.
- Gantiva, C., Guerra, P., & Vila, J. (2011). Validación colombiana del sistema internacional de imágenes afectivas: evidencias del origen transcultural de la emoción. *Action Colom Psychology*, 14, 103-11.

- Gonçalves, O. (1999). *Introdução às psicoterapias comportamentais*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, R. (2000). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Gratz, K., & Tull, M. (2010). Emotion regulation as a mechanism of change in acceptance- and mindfulness-based treatments. In: Baer R, editor. *Assessing mindfulness and acceptance: Illuminating the processes of change* (pp. 108). Oakland: New Harbinger Publications.
- Gross, J. (2008, 3rd ed.). Emotion regulation: Personality processes and individual differences. In: John OP, Robins RW, Pervin LA. *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 701-722). New york: Guilford.
- Hacker, F. (1981). *Agressividade e violência no mundo moderno*. Amadora: Bertrand.
- Hicks, S., & Sales, B. (2006). Criminal Profiling: Developing an Effective Science and Practice. *Journal of Police and Criminal Psychology*, 23, 98-99.
- Jain, C. (2016). What does your body say about you? *The IUP Journal of Soft Skills*, 10, 36-42.
- Jellema, T., & Pecchinenda, A. (2005). The role of theory of mind in affective priming. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 17, 114-115.
- Jones, M., Meijen, C., McCarthy, P., & Sheffield, D. (2009). A theory of challenge and threat states in athletes. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 2, 161-180.
- Kashdan, T., Barrios, V., Forsyth, J., & Steger, M. (2006). Experiential avoidance as a generalized psychological vulnerability: comparisons with coping and emotion regulation strategies. *Behavior Results Therapy*, 44, 1301-1320.
- Knapp, M. (1980). *La comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós.
- Kocsis, R. (2003). Criminal psychological profiling: Validities and abilities. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47, 126-144.

- Lang, P. (2010). Emotion and motivation: toward consensus definitions and a common research purpose. *Emotion Review*, 2, 229-3.
- Lazarus, R. (1991). *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press.
- Lemerise, E., & Dodge, K. (2000). The development of anger and hostile interactions. In: M. Lewis e J. Haviland-Jones (eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 730-741). Nova York: The Guildford Press.
- Loijens, L., Krips, O., Grieco, F., Van Kuilenburg, H., Den Ully, M., & Ivan, P. (2016). *FaceReader: reference manual version 7.1*. Wageningen, The Netherlands: Noldus Information Technology.
- Machado, R., Alão, A., Serradio, T., & Pereira, M. (1992). *A agressividade*. Lisboa: G & Z Edições.
- Mackal, K. (1983). *Teorias psicológicas de la agresión*. Madrid: Pirámide Psicología.
- Maclin, M., & Herrera, V. (2006). The criminal stereotype. *North American Journal of Psychology*, 8, 197-208.
- Marcovits, H., Benenson, J., & Dolenzky, E. (2001). Evidence that children and adolescents have internal model of peer interactions that are gender differentiated. *Child Developeopmente*, 72, 879-886.
- Matsumoto, D. (2001). *Culture and emotion*. in *The handbook of culture and psychology*. New York: Oxford University Press.
- Messinger, J. (2007). *Como identificar as pessoas pelos seus gestos*. São Paulo: Princípio.
- Minayo, M. & Souza, E. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde*, 4, 513-531.
- Neisser, U. (1976). *Cognition and reality*. San Francisco: Freeman.
- OMS. (1992). *Classificación internacional de los trastornos mentales*. CIE-10.

- Expressão Facial e Linguagem Corporal como Preditor da Agressividade: percepção em Jovens Adultos
- Outeiral, J. & Cerezer, C. (2003). Agressividade, transgressão e limites no desenvolvimento da criança e do adolescente. In: Outeiral J, Cerezer C. *O mal-estar na escola* (pp. 41-50). Rio de Janeiro: Revinter.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pausch, R., & Zaslow, J. (2008). *The last lecture*. New York: Hyperion.
- Pavarino, M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *PSICO*, 2, 127-134.
- Pease, A., & Pease, B. (2006). *Linguagem corporal: como ler os pensamentos dos outros através dos seus gestos*. Viseu: Bizancio.
- Pinto, A. (2001). *Psicologia Geral*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pinto, B., Dutra, N., Filgueiras, A., Juruena, M., & Stingel, A. (2013). Diferenças de género entre universitários no reconhecimento de expressões faciais emocionais. *Psicologia Latino Americana*, 31, 200-222.
- Ramírez, F. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Rego, J. C. (2005). *A agressividade em crianças e jovens vítimas de maus-tratos*. Monografia de Psicologia Clínica apresentada à Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Roberton, T., Daffern, M., & Bucks, R. (2012). Emotional regulation and aggression. *Aggressive Violent Behavior*, 17, 72-82.
- Sabbatini, R. (2003). História da Estimulação Eléctrica Cerebral. *Revista Cérebro e Mente*, 18.
- Sani, A. (1999). As vítimas silenciosas: a experiência de vitimação indireta nas crianças. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 247-257.
- Sani, A. (2006). Escala de crenças da criança sobre a violência (E.C.C.V). In C. Machado, L. S. Almeida, M. Gonçalves & V. Ramalho (Org.), *Actas XI Conferencia Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos* (pp. 917-926). Braga: Psiquilibrios.

- Silva, L., Brasil, V., Guimarães, H., Savonitti, B., & Silva, M. (2000). Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Revisão latino-americana de enfermagem. Ribeirão Preto*, 8, 52- 58.
- Silva, M. (1996, 2nd ed). *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo: Gente.
- Silveira, M. (2002). Die verneinung e a pulsão de morte: algumas considerações. *Psyché*, 10, 173-183.
- Skinner, N., & Brewer, N. (2004). Adaptive approaches to competition: Challenge appraisals and positive emotions. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 26, 283–305.
- Smith, C., & Lazarus, R. (1993). Appraisal components, correlational themes, and the emotions. *Cognitive Emotion*, 7, 233-269.
- Smith, F., & Schyns, P. (2009). Smile through your fear and sadness: Transmitting and identifying facial expression signals over a range of viewing distances. *Psychological Science*, 20, 1202–1208. doi: 10.1111/j.1467-9280.2009.02427.
- Springer, S., & Deutsch, G. (2008). *Cérebro esquerdo, cérebro direito*. São Paulo: Editora Santos.
- Stefanelli, M. (1993). *Comunicação com o paciente: teoria e ensino*. São Paulo: Robe.
- Sternberg, R. (2008, 4th ed). *Psicologia cognitiva*. São Paulo: Teckbooks.
- Strano, M. (2004). A neural network applied to criminal psychological profiling: An Italian initiative. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 48, 495-503.
- Strecht, P. (2003, 3rd ed). *Interiores*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Sweeny, T., Suzuki, S., Grabowecky., & Paller, K. (2013). Detecting and categorizing fleeting emotions in faces. *Emotion*, 13, 76-91.
- Thatcher, J., & Day, M. (2008). Re-appraising stress appraisals: The underlying properties of stress in sport. *Psychology Sport and Exercise*, 9, 318-335.

Williams, M., & Mattingley, J. (2006). Do angry men get noticed? *Current Biology*, 16, 402-404.

Winicott, D. (2000). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: Winicott D. D. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 288-304). Rio de Janeiro: Imago.

Wirth, B. (2003). *O fantástico mundo da Linguagem Corporal*. Cascais: Pergaminho.

Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.

ANEXOS

ANEXO 1

FEELab/UFP, Laboratório de Expressão Facial da Emoção

Investigador: Dr. Miguel Almeida, 27635@ufp.edu.pt

Orientador: Professor Doutor Freitas-Magalhães

Questionário - PARTE 1
Dados Sóciodemográficos - Preenche com um (X)

2. Sexo..... Feminino Masculino

2. Idade

3. Estado Civil Solteiro(a) Casado(a)
Divorciado(a) União de Facto
Viúvo(a)

4. É trabalhador estudante? Sim
Não

5. Habilitações 1º Ciclo 2º Ciclo
3º Ciclo Ensino Secundário
Ensino Superior

6. Distrito de Residência

7. Nacionalidade

ANEXO 2

FEELab/UFP, Laboratório de Expressão Facial da Emoção

Investigador: Dr. Miguel Almeida, 27635@ufp.edu.pt

Orientador: Professor Doutor Freitas-Magalhães

Questionário - PARTE 2

Perguntas abertas e fechadas sobre a temática da Agressividade

Nas perguntas fechadas, responde com um (X) na opção que escolheste

1. O que entendes por Agressividade?

2. Consideras a Agressividade má? Sim _____ Não _____

3. Sabes distinguir Agressividade de Violência ? Sim _____ Não _____

3.1. Se sim, e tendo já definido o que era agressividade, o que é para ti a violência?

4. Consideras que existe Agressividade na sociedade? Sim _____ Não _____

5. Na tua opinião as pessoas tem tendência para serem agressivas ? Sim _____ Não _____

Às vezes _____

6. Consideras-te como uma pessoa agressiva? Sim _____ Não _____ Às vezes _____

7. Costumas ter atitudes agressivas para com os outros ? Sim _____ Não _____ Às vezes _____

7.1 Se sim ou às vezes, tens a percepção de que estás a ser agressivo(a) e a ter atitudes agressivas? Sim _____ Não _____

8. Costumas analisar e interpretar o comportamento não verbal das pessoas quando estão a ser agressivas contigo ou com outros ? Sim _____ Não _____ Às vezes _____

8.1. Se sim ou às vezes, consegues prever, tendo em conta essa análise, se determinado comportamento agressivo vai ocorrer? Sim _____ Não _____ Às vezes _____

8.2. Se sim ou às vezes, como descreves essa forma como analisas, de que determinado comportamento agressivo vai ocorrer?

pela expressão facial

pela linguagem corporal

ambas

outra opção

ANEXO 3

Questionário - PARTE 3
Perguntas de escolha múltipla sobre a temática da Agressividade, contendo imagens
Responde com um (X) na opção que escolheste
Podes por mais do que uma opção

1. Qual destas imagens é agressiva?



Nenhuma das opções

2. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?



Nenhuma das opções

3. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais agressiva?



Nenhuma das opções

4. De acordo com as seguintes imagens, qual te parece ser mais favorável a que se cometa um ato violento?



Nenhuma das opções

ANEXO 4

Questionário - PARTE 4

Perguntas abertas sobre a temática da Agressividade, contendo vídeos

VÍDEO 1

1. Comenta o vídeo. O que está a acontecer ?

PAUSA

2. O que achas que vai acontecer a seguir?

3. Se acontecesse contigo o que farias ?

VÍDEO 2

1. Comenta o vídeo. O que está a acontecer ?

PAUSA

2. O que achas que vai acontecer a seguir?

3. Se acontecesse contigo o que farias?

VÍDEO 3

1. Comenta o vídeo. O que está a acontecer ?

PAUSA

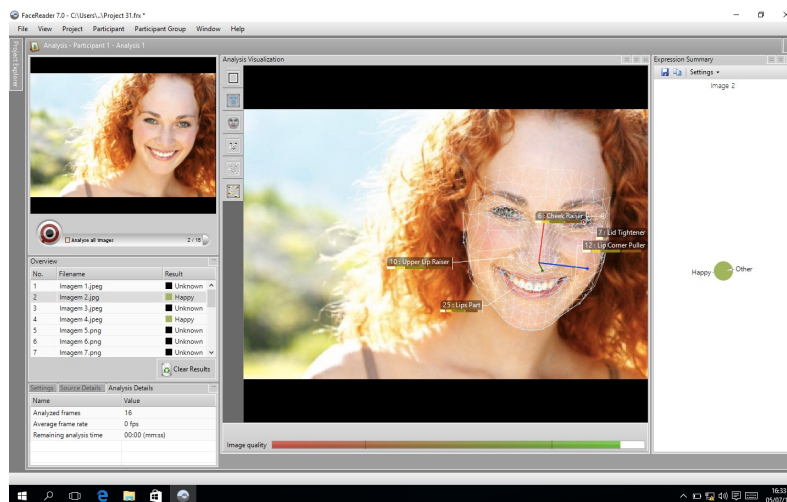
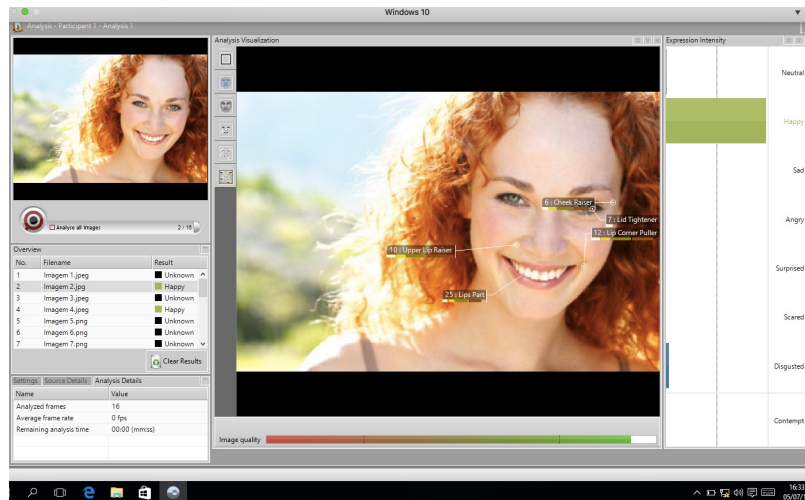
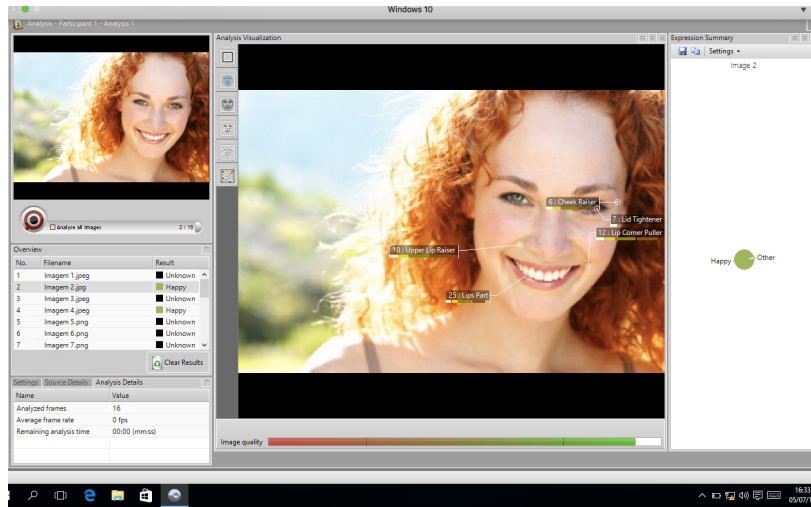
2. O que achas que vai acontecer a seguir?

3. Se acontecesse contigo o que farias?

Obrigado pela tua participação !

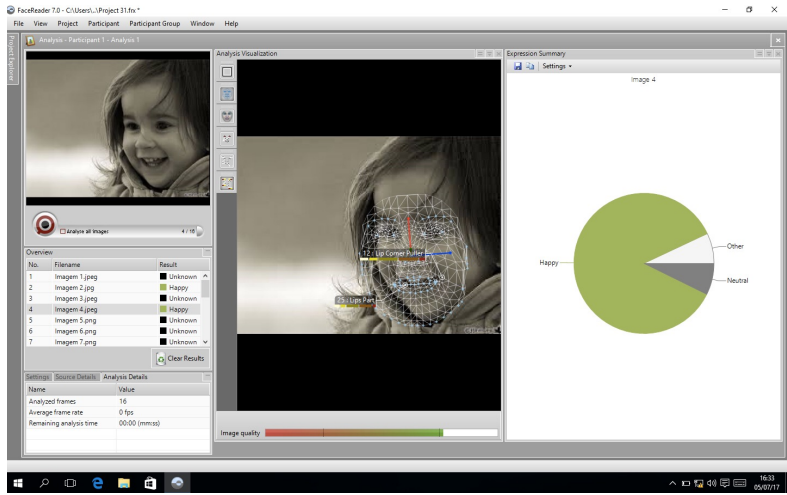
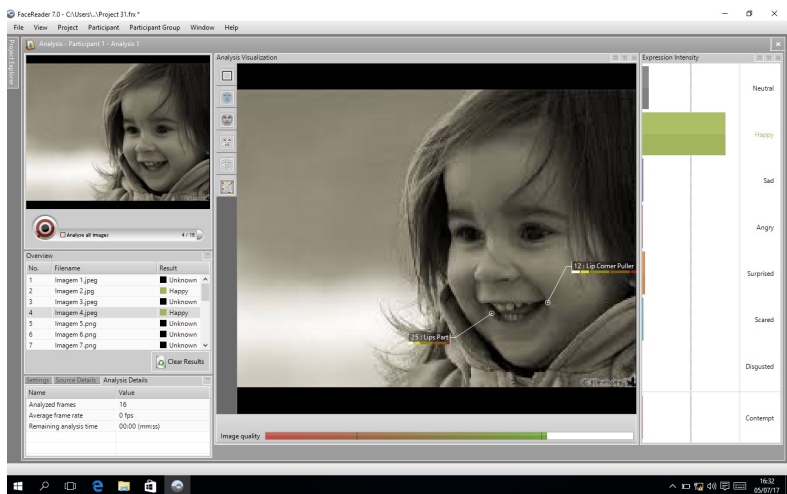
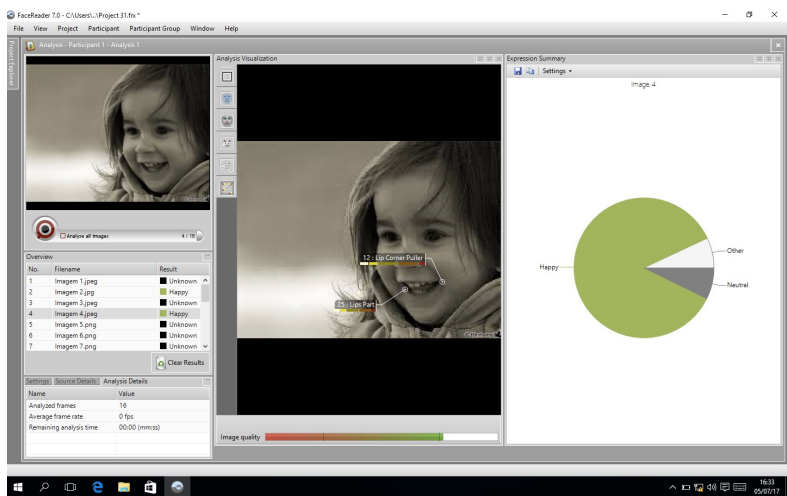
ANEXO 5

Anexo 5 - Resultados da Análise do FaceReader 7.1



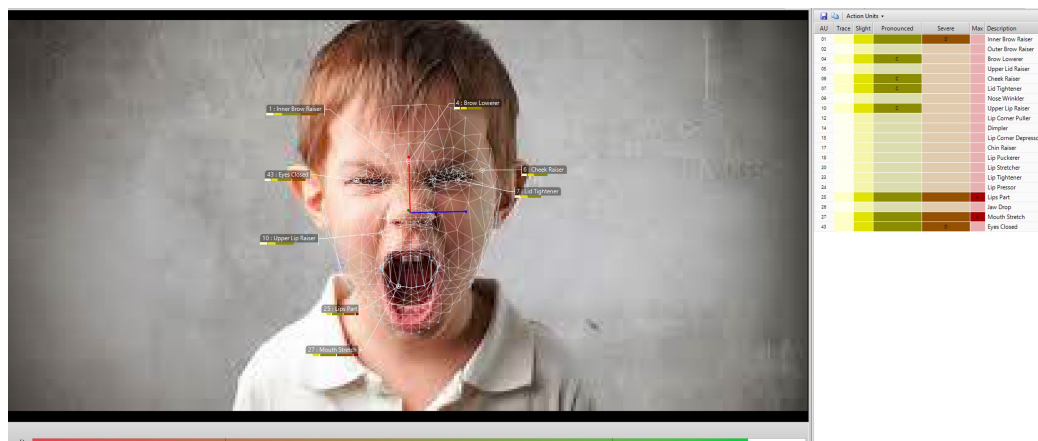
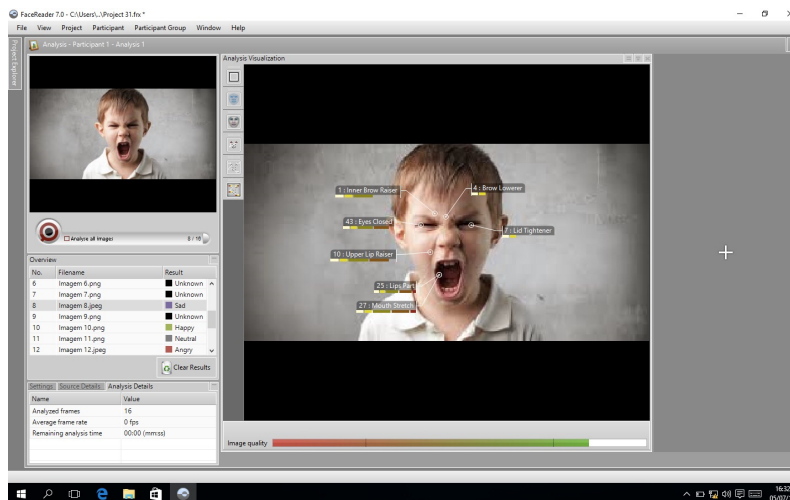
ANEXO 6

Anexo 6 - Resultados da Análise do FaceReader 7.1



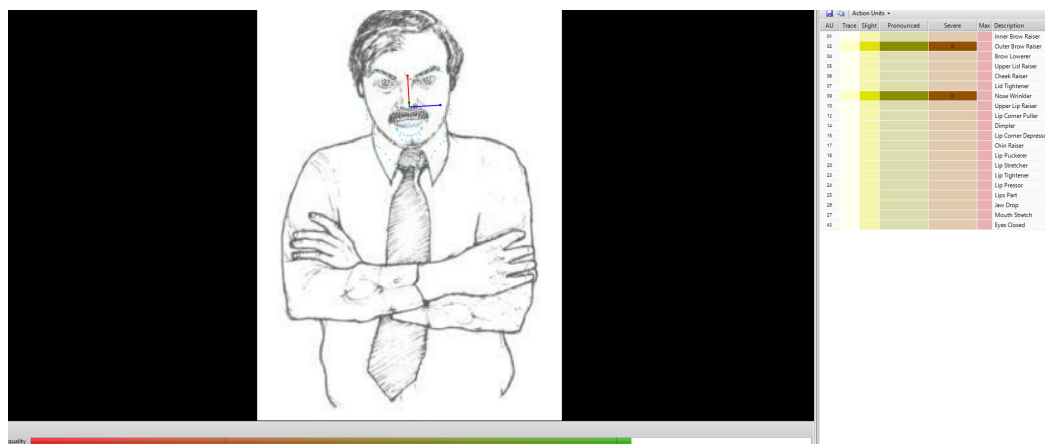
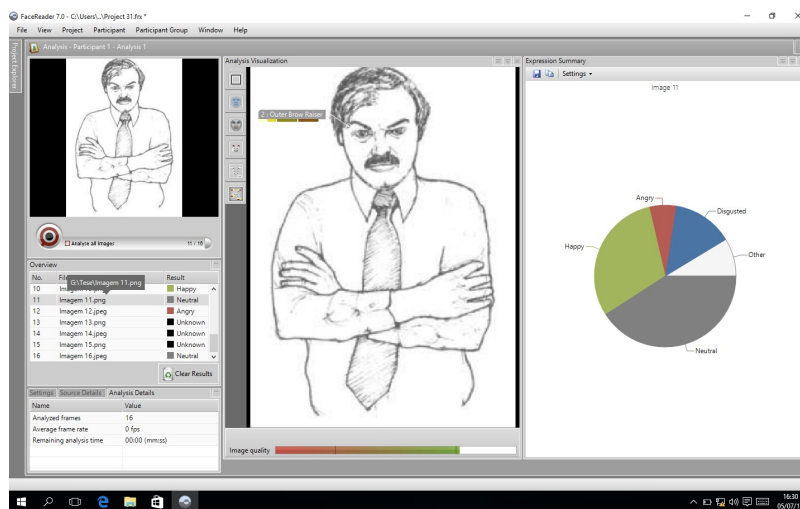
ANEXO 7

Anexo 7 - Resultados da Análise do FaceReader 7.1



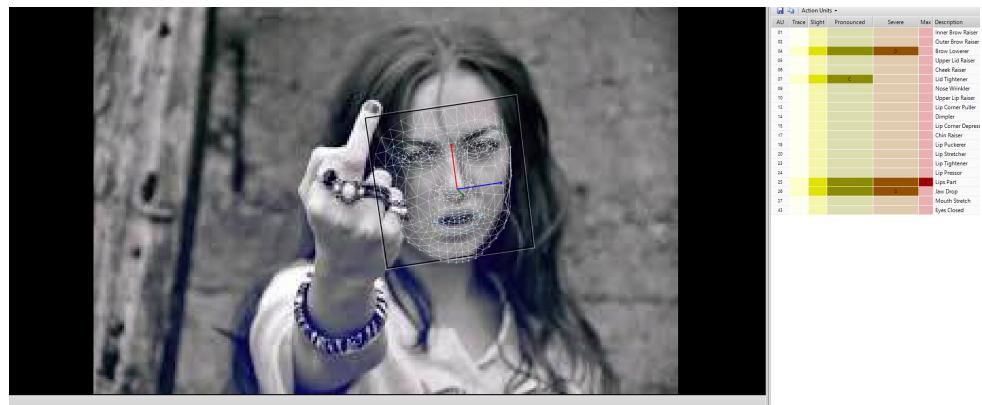
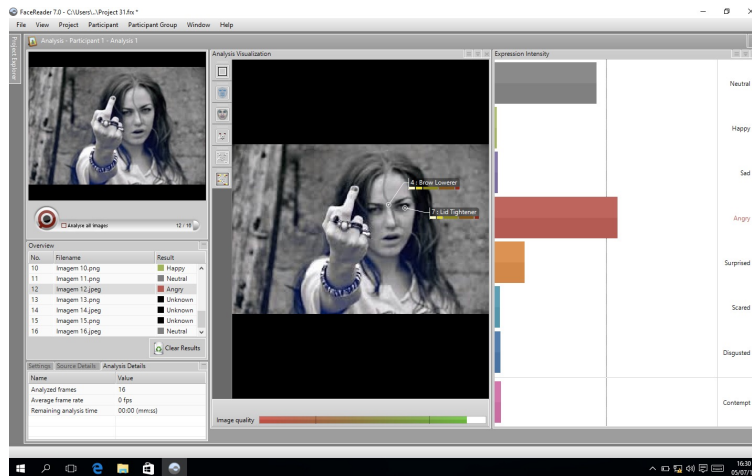
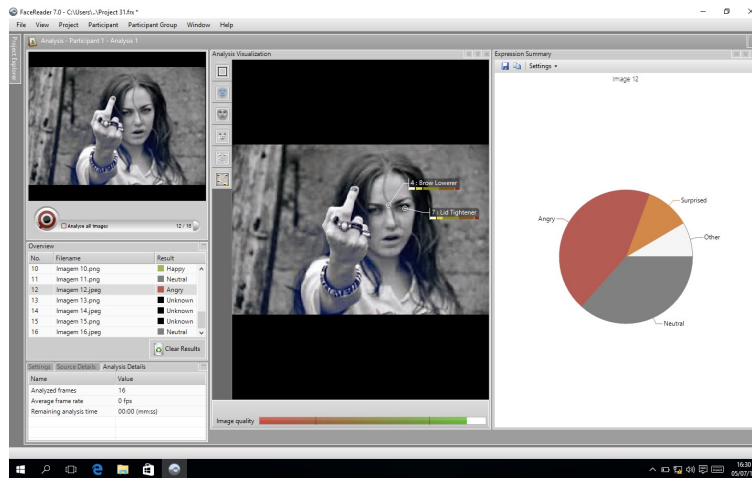
ANEXO 8

Anexo 8 - Resultados da Análise do FaceReader 7.1



ANEXO 9

Anexo 9 - Resultados da Análise do FaceReader 7.1



ANEXO 10

Anexo 10 - Resultados da Análise do FaceReader 7.1

